

LUIZ ALFREDO GARCIA-ROZA

UMA JANELA EM
COPACABANA



COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

LUIZ ALFREDO GARCIA-ROZA

UMA JANELA EM
COPACABANA

3ª edição



PARTE I

1

Final de tarde e o relógio digital da esquina marcava a temperatura de 38º. Pouca diferença fazia se era dia ou noite; dentro do carro o calor era o mesmo. Respiravam, havia horas, uma mistura enjoativa de suor, restos de sanduíches e fumaça dos ônibus. De nada adiantava fazer o carro andar mais rápido ou mais devagar, o ar que entrava pela janela em plena hora do rush não alterava a mistura de cheiros e não abrandava o calor. A farda úmida de suor colava ao corpo como a pele fria de um réptil. Foi quase com alegria que atenderam ao chamado para o endereço a poucas quadras de onde estavam.

O prédio era velho e a galeria que dava acesso aos elevadores tivera suas lojas originais divididas em pequenos boxes, onde homens e mulheres malcuidados vendiam miudezas e ofereciam serviços de bombeiro, gasista, eletricitista, manicura, costureira, cartomante. Apesar de situado em ponto de grande movimento da avenida Copacabana, os boxes atendiam quase que unicamente à demanda dos moradores dos mais de cem apartamentos do próprio prédio. Dos quatro elevadores, apenas dois funcionavam, e a minuteria estava quebrada ou desligada.

Pararam o elevador no décimo andar e desceram um lance de escada. Não queriam ser surpreendidos. Não sabiam exatamente contra o que estavam se precavendo, mas haviam aprendido a ser prudentes em ocasiões como aquela. O que ia na frente avançou

lentamente pelo corredor escuro, olhar fixo no risco de luz que cruzava o chão defronte da porta do novecentos e dez. Uma das mãos segurava a arma apontada para o teto enquanto a outra deslizava pela parede, guiando os passos. Um som de voz saía pela porta entreaberta do apartamento uma dezena de metros adiante deles, mas a respiração do colega logo atrás não o deixava ouvir claramente. A mensagem recebida pelo rádio do carro falava em morte por arma de fogo. Pensou em como aquelas palavras se aplicavam a tudo no seu dia a dia. Desde que fora designado para o serviço de patrulha nas ruas não vira outra coisa que não fosse violência, e morte por arma de fogo nem sempre era a maior das violências. O pouco treinamento que tivera antes de ir para a rua não lhe possibilitara dar mais de meia dúzia de tiros — economia de munição, diziam —, mas incluía o que chamavam de preparação psicológica, sendo que a moça que fazia as palestras para os recrutas usava a palavra psicologia como usava batom: para enfeitar a boca. O rapaz não entendia de psicologia, mas entendia de violência. Convivera com ela desde o dia em que nascera. Seus vinte e dois anos de vida, todos eles vividos na favela, tinham-no habituado a violência de todo tipo, tanto a dos bandidos e traficantes como a da própria polícia. Mudara-se de lá fazia menos de um mês. Estavam matando policiais. O próprio comando tinha providenciado a mudança. É isso mesmo, morro não é lugar para policial. Lá, a lei é a do traficante, depois vem a lei de Deus. Estava agora a um metro da porta e podia ouvir uma voz rouca de homem, sempre no mesmo tom, como uma criança recitando a lição para a professora. Sentiu o suor escorrendo pelo pescoço, não mais de calor, mas de nervoso. Não ouvia nenhuma outra voz, talvez o homem estivesse falando ao telefone. A porta entreaberta deixava uma fresta de pouco mais de um centímetro e, antes de colocar a cabeça no facho de luz, fez uma concha com a mão junto ao ouvido na tentativa de ouvir outro som além da voz do homem. No escuro do corredor, esticou o braço para trás, mantendo o parceiro afastado; a respiração dele atrapalhava. Arriscou um rápido olhar. A fresta era mínima e abrangia o ângulo menor da sala. Na primeira tentativa deu para ver um pedaço da parede, a ponta de uma

mesinha e o que lhe pareceu um velho sentado numa cadeira de rodas. Esperou alguns segundos e deu mais uma olhada. O velho continuava a falar. Era de fato uma cadeira de rodas, e ele não falava ao telefone, mas com alguém sentado à sua frente, fora do campo de visão. Fez sinal para o parceiro e empurrou levemente a porta, torcendo para ela não ranger. Os poucos centímetros permitiram uma visão mais ampla do interior. Agora dava para ver o velho inteiro e a cadeira de rodas, mas não dava para ver a outra pessoa com quem ele falava. O rapaz deu uma leve batida na porta com o nó do dedo. O velho não se mexeu nem alterou a voz, continuou falando. O rapaz abriu inteiramente a porta. O velho de fato conversava com outro homem sentado no sofá. O homem tinha a camisa manchada de vermelho na altura do coração.

2

O que primeiro capturou o olhar de Espinosa foi a abertura na saia, que deixava à mostra parte da coxa quando ela andava. Sentado próximo à porta, tinha uma ampla visão da rua, e antes mesmo de ela passar na frente do bar, foi o pedaço de coxa aparecendo sob a saia com o movimento ondulante do andar que a destacou das demais mulheres. Tinha em torno de trinta e cinco anos, corpo bem-feito, belas pernas e um rosto cuja beleza estava comprometida pela expressão de cansaço e pelo cabelo em desalinho. O detalhe da saia não lhe conferia nenhum traço vulgar; o que ela deixava transparecer era ousadia, e não vulgaridade. Acompanhou com o olhar o leve ondular de quadris e o aparecer e ocultar da coxa, até ela cruzar a extensão da frente do café e sair do seu campo de visão.

Espinosa voltou-se para o cappuccino que começara a tomar e concentrou-se na espuma polvilhada de canela. Alguns goles depois, ainda pensava na mulher quando a viu entrar no café. Não esperava que ela voltasse. Viu-a dirigir-se ao caixa e depois procurar um lugar no balcão. Sentiu seu regresso como uma distinção que os deuses lhe concediam naquela tarde de verão, e achou-se no direito de examinar mais detalhadamente o que lhe era oferecido ao olhar. O que vira de passagem, confirmou-se: o desenho perfeito das pernas, o rosto bonito, com pequenas marcas do tempo nos cantos da boca e nas laterais dos olhos acrescentando experiência à juventude do

corpo. Tinha de fato o olhar cansado e o cabelo pedia cuidados, embora as mãos e a pele fossem bem-tratadas. Não parecia prestar atenção a nada nem a ninguém, olhava para a xícara apenas. Não por recato, pensava Espinosa. Quem desfila em meio à multidão em pleno centro da cidade com uma saia justa aberta na coxa não lhe parecia propriamente recatada. Não se passou muito tempo até o delegado dar-se conta de que ela não chamava a atenção como ele imaginara de início. Os homens não estavam todos olhando para ela; na verdade, além dele, apenas um garçom imberbe e com espinhas no rosto tinha o olhar voltado para a mulher que, de frente para o balcão e de costas para eles, não lhes concedia a graça da saia entreaberta. Com o pensamento vagando pelas causas possíveis do rosto cansado (ou seria triste?), demorou a perceber que o zumbido no bolso do paletó era o telefone. Quase ao mesmo tempo em que atendia ao chamado, a mulher também retirou de dentro da bolsa um telefone celular. Os dois falavam ao mesmo tempo. Infelizmente não um com o outro, pensou. Enquanto falava, ela olhava para Espinosa sem vê-lo, enquanto ele olhava para ela e procurava entender o que dizia o detetive Welber, seu assistente, ao telefone.

— Delegado, temos outra morte de um colega.

— Quem?

— Silveira, da Terceira DP.

— Não conheço.

— Era da antiga, mas não era muito conhecido.

— Onde você está?

— No local. Praça do Lido, no lado que dá para a praia.

— Ele foi morto na rua?

— Mais ou menos. A praça é cercada com grade. Ele foi encontrado sentado num dos bancos.

— Estou indo para aí.

Concentrado no telefonema, desviara a atenção da mulher; quando desligou, ela não estava mais no café. A conversa com Welber durara poucos segundos, ela não podia ter sumido por completo. Foi até a porta e olhou em volta. O movimento de pedestres era intenso e ela podia ter tomado quatro direções diferentes. Também não sabia o que faria caso a visse se afastando.

Não era um conquistador. Nunca fora. Achava que o casamento provocara nele a perda dos códigos amorosos vigentes. Dez anos de casado tinham produzido uma miopia afetiva. Desde a separação, empenhava-se em redirecionar o olhar, em aprender novos códigos, em se apropriar de novos territórios amorosos. De apenas uma coisa se convencera: o excesso de olhar sobre um único objeto não lhe dera excelência; tornara-o míope, além de transformá-lo num marido medíocre e num pai igualmente deficiente. A última década estava sendo dedicada a fazer daquele tempo investido no casamento algo não de todo perdido.

Foi andando até a estação do metrô, pensando que seria muita coincidência voltar a vê-la na plataforma à espera do mesmo trem para Copacabana. Às três e meia da tarde a plataforma da estação Cinelândia não estava cheia, e mesmo que estivesse ele achava que poderia discerni-la na multidão. Mas ela não estava lá.

Tirara a tarde para comprar uma nova torradeira elétrica e para percorrer alguns sebos do centro da cidade. Não gostava de shopping centers, preferia o comércio do centro da cidade e sua arquitetura variada. Mal começara quando o telefonema o interrompera. Tinha plena consciência do caráter encobridor de ambos, torradeira e sebo, naquela sua ida ao Centro. Não precisava ir tão longe para nenhuma das duas coisas; mais ainda, nenhuma delas tinha a premência e a importância que justificariam o afastamento do delegado titular da 12ª DP, numa tarde de segunda-feira, do seu local de trabalho no bairro de Copacabana, a não ser o fato de essas tarefas sem importância alimentarem sua fantasia de uma vida fora da polícia. A coisa aparecia de tempos em tempos, como um surto. O deflagrador do surto tanto podia ser a notícia no jornal de que policiais controlavam a prostituição em vários bairros da cidade, como podia ser um fim de semana passado inteiro com Irene. Eram vivências diametralmente opostas — repulsão no primeiro caso e atração no segundo —, cada uma, a sua maneira, sinalizando o afastamento que, silencioso e imperceptível, começara havia tempo e que era fonte de intensa inquietude. Até então, uma caminhada pelas ruas do centro do Rio funcionava como remédio eficaz, mas ele sabia intimamente que era um placebo.

A caminho da praça do Lido, pensava no seu gosto pelos livros. Não era propriamente pelos livros; não era um bibliófilo, seus livros não tinham sequer estante, eram empilhados junto à parede da sala, uma fileira de livros em pé, outra de livros deitados simulando uma prateleira, outra de livros em pé e assim por diante, tendo atingido uma altura que superava a dele próprio. Também não era um erudito. Longe disso. Faltava-lhe cultura. O que procurava nos livros era boas narrativas, histórias bem contadas. Devia à avó, responsável por sua educação, o gosto pela leitura. De qualquer maneira, naquela tarde, no centro da cidade, não comprara nenhum livro, tampouco a torradeira; fora apenas cativado por uma perna. Lamentava pelos sebos não visitados, mas guardava uma satisfação íntima no que dizia respeito à torradeira. A dele estava com o mesmo defeito fazia quase um ano: torrava apenas um dos lados de cada fatia. Já se acostumara ao ritual de esquentar primeiro um lado do pão, para em seguida virar as fatias e esperar pelo outro lado. Antes mesmo de se desfazer dela, já estava com saudade. Provavelmente ela acabara de ganhar mais um ano de vida. Pelo menos enquanto continuasse a torrar um dos lados do pão.

Chegou à praça do Lido pouco antes das quatro da tarde. Situada no primeiro terço da praia de Copacabana, a praça abrange metade de uma quadra, a outra metade sendo ocupada por uma escola pública. A escola fica na metade voltada para a avenida Copacabana, enquanto a praça está voltada para a avenida Atlântica, de frente para o mar. Estaria, àquela hora, tomada por crianças e idosos não fosse a fita amarela isolando a área. Coberto por um plástico preto que Espinosa identificou como sendo um sa-co de lixo cortado ao comprimento, o corpo permanecia no banco, na mesma posição em que fora notado pela acompanhante de uma velha senhora frequentadora da praça.

Assim que se curvou para passar por baixo da fita amarela que mantinha afastados os curiosos, Espinosa viu seu auxiliar caminhando em sua direção. Para o delegado, Welber perdera o jeito de calouro universitário de quando se conheceram, mas conservava o mesmo entusiasmo que dois anos antes fizera com que levasse o

tiro endereçado ao seu chefe; não por heroísmo — embora fosse capaz disso —, mas por ser mais rápido, mais jovem.

— O que houve? — perguntou o delegado.

— Silveira... da Terceira DP... levou um tiro na nuca, sentado no banco do jardim. Ninguém viu nem ouviu nada. Quem descobriu que ele estava morto foi a acompanhante de uma senhora em cadeira de rodas que vem todas as tardes à praça. Ela se sentou numa das pontas do banco com a cadeira de rodas ao lado, e conversava com a senhora... Segundo ela, não era propriamente uma conversa, pois só ela falava. Meia hora depois, notou que o homem sentado na outra ponta do banco, cabeça caída sobre o peito, não tinha movido nem um dedo. Primeiro pensou que ele estivesse dormindo, mas logo viu que alguma coisa estava errada. Falou com ele, mas ele não respondeu; insistiu, mas o homem continuou imóvel. Levantou-se para olhar. Foi quando viu o sangue no colarinho. Chamou um funcionário que trabalhava na conservação da praça e pediu que telefonasse para a polícia. Isso aconteceu por volta das três da tarde.

— Onde está a mulher?

— Naquele outro banco. Diz que não pode ficar mais, que tem que levar a senhora para casa.

— E essa senhora? Viu ou ouviu alguma coisa?

— Ela não fala. A acompanhante diz que entende alguns grunhidos e gestos dela, mas acha que ela não tem noção do que se passa em volta. De todo modo, não deu mostras de ter se espantado com coisa nenhuma.

— Por que elas não escolheram um banco vazio?

— Porque todos os outros estavam ocupados. Aquele era o único que tinha apenas uma pessoa.

— Nenhuma testemunha?

— Ninguém. Na verdade, ninguém percebeu nada de anormal.

— O que você conseguiu saber?

— Pouca coisa. O tiro foi dado à queima-roupa, com a vítima sentada no banco, de costas para a parte gramada da praça. O assassino pode ter se aproximado por trás, pela grama, silenciosamente, com a arma oculta sob um jornal ou dentro de uma

sacola. O barulho do trânsito nas duas avenidas é bastante para abafar o ruído de uma arma com silencioso. Serviço de profissional.

— O que estava fazendo um detetive da Terceira DP, do centro da cidade, às três horas da tarde de um dia de semana, sentado num banco de praça em Copacabana?

Mal terminou a pergunta, viu que ela podia perfeitamente ser aplicada a ele próprio. O que estava fazendo à mesma hora, sentado num café no centro da cidade? Se tivesse levado um tiro na cabeça, o que sua morte teria a ver com o fato de estar tomando cappuccino no Centro? Nenhum investigador, por mais extraordinário que fosse, poderia adivinhar que ele estava lá apenas porque o acaso caprichoso o pusera sentado naquele café para que seu olhar, naquele preciso momento, fosse capturado pela imagem de uma saia com fenda sobre a perna.

— Verifique se ele mora ou tem algum parente morando perto daqui. A praça deve ter um funcionário encarregado da conservação, converse com ele, pergunte se já tinha visto o detetive Silveira; eu me encarrego de conversar com o delegado da Terceira DP. Alguém examinou os bolsos dele?

— Eu examinei. Carteira de dinheiro, carteira de identificação, telefone celular, chaves, caneta, bloco de notas, lenço... a arma na cintura. Nada escrito no bloco de notas.

— Alguém pode ter feito o mesmo antes de você?

— Os policiais da viatura que atendeu ao chamado, mas se alguém examinou seus bolsos não parece ter tirado nada. Na carteira tem cartões de crédito, talão de cheques e uma boa quantia em dinheiro.

— Se você já anotou os nomes e endereços da acompanhante e da senhora, pode liberá-las. Se o Silveira usava a praça como ponto de encontro, o funcionário deve ter percebido alguma coisa. Dê uma espremida nele. Vejo você na delegacia.

Eram cinco quadras ao longo da avenida Atlântica e mais duas para dentro, pela Hilário de Gouveia, até a delegacia. Sempre que possível, Espinosa preferia o percurso pela avenida Atlântica a qualquer outro. O vento leve mantinha o mar calmo com pequenas ondas, e bandos de mergulhões voavam em formação rumo às ilhas

Cagarras. Por que alguém escolheria um lugar público, uma praça, para matar a tiro um policial? Uma resposta: porque é o melhor lugar para se matar um policial. Outra resposta: porque calhou de ser aquele lugar. Terceira resposta: porque o policial e o assassino marcaram um encontro naquele lugar. Havia outras respostas possíveis, mas como o percurso até a delegacia não era muito longo, Espinosa contentou-se com as três hipóteses, sendo que, das três, a terceira era indiscutivelmente a melhor. Ora, se o policial tinha marcado encontro com o assassino e o esperava sentado tranquilamente no banco da praça, era porque ou não sabia que se tratava de um assassino, ou sabia mas não lhe passava pela cabeça que a vítima seria ele próprio. Não parecia um encontro para acerto de contas, o policial teria sido mais prudente. A maneira despreocupada com que aparentemente aguardara a chegada do outro demonstrava que eram conhecidos, ou mesmo amigos. Descartou a hipótese de um encontro para entrega de mercadoria, aquele não era um bom lugar: muito visível, todo gradeado e com apenas uma saída. Pouco provável que tivessem se encontrado para um bucólico bate-papo na praça. Quem chega com uma arma munida de silenciador, pronta para atirar, não está a fim de conversa. A brisa vinda do mar abrandava o calor do verão a ponto de tornar a caminhada bastante agradável. Contudo, evidentemente, que continuasse andando pelo lado da sombra.

Assim que chegou à delegacia, telefonou para a 3ª DP. O delegado que respondia pelo expediente era novo na função e, pela voz, parecia também novo em idade. Não se conheciam, e nesses casos Espinosa preferia usar um tratamento formal.

— Doutor, sinto o que aconteceu ao seu detetive. Estou vindo do local da ocorrência e gostaria de trocar algumas palavras com o senhor a respeito da vítima.

— Obrigado, delegado Espinosa. Estou na Terceira DP há pouco mais de um mês, ainda não conheço bem todos os policiais, tive pouco contato com o Silveira. Sei apenas que era um detetive da antiga, que nunca procurou se aperfeiçoar e que contava tempo para se aposentar como detetive de primeira.

— Ele estava trabalhando ou trabalhou recentemente em algum caso que pudesse dar margem a um ato de vingança?

— Não que eu saiba.

— Algum desafeto declarado?

— Acho que não. Era um homem pacato, tinha boa relação com os colegas.

— De toda maneira, obrigado. Fique à vontade para solicitar as informações que quiser sobre o andamento do caso.

— Obrigado.

Welber chegou quarenta minutos depois.

— Ninguém sabe de nada, ninguém viu nada, o funcionário da praça nunca tinha visto o Silveira. Parece que o cara morreu de um ataque do coração, e não com um tiro na cabeça, na frente de todo mundo. Teve até gente dizendo que ele foi vítima de bala perdida.

— Pode ser, só que quem a perdeu, perdeu dentro da cabeça dele.

— Falou com o delegado da Terceira DP?

— Falei. Pelo que ele me disse, o Silveira era um policial exemplar e querido pelos colegas. Na minha opinião, para quem era tão exemplar e tão querido, ele está sendo muito pouco pranteado. Até agora ninguém se interessou por saber o que aconteceu.

— O que o senhor acha que aconteceu?

— Podemos estar às voltas com dois assassinatos interligados: esse de hoje e o do Ramos, na semana passada. Eles têm alguns pontos em comum. O primeiro deles, é óbvio: as duas vítimas eram policiais; o segundo é o modo de agir do assassino: um tiro apenas, certo, mortal, sem luta, sem confusão; o terceiro ponto é uma espécie de visibilidade inútil: Ramos foi morto na frente do pai, portador do mal de Alzheimer e incapaz de entender o que se passou; Silveira foi morto na frente de todo mundo, mas ninguém viu nada. O mesmo estilo, o mesmo assassino nos dois casos. É uma boa aposta.

3

Da delegacia até sua casa, a pé, eram dez minutos. Quando escolhia o caminho mais longo, pela avenida Copacabana, passando por dentro da galeria Menescal para abastecer-se de quibe ou de esfiha, demorava alguns minutos mais. Apesar de abarcarem três nacionalidades, suas opções gastronômicas eram limitadas: a árabe, na galeria Menescal; a alemã, na pequena loja de frios perto de sua casa; e a italiana, no seu congelador, onde mantinha uma reserva de espaguete e lasanha à bolonhesa. Naquele final de tarde, como escolhera o caminho mais curto, estava destinado ao espaguete. Não se queixava. Quando queria comer bem, ia a um restaurante. Passava das sete horas, horário de verão, o dia ainda estava claro e o movimento de pedestres era intenso. Caminhara não mais que duas quadras quando sentiu a mão no ombro e ouviu seu nome. Demorou alguns segundos para reconhecer o rosto e lembrar-se do nome do detetive recém-transferido para a delegacia.

- Nestor.
- Desculpe se assustei o senhor, delegado.
- Aconteceu alguma coisa?
- Desculpe vir atrás do senhor na rua.
- Não tem problema. O que houve?
- Não houve nada, delegado, quer dizer, houve essas mortes, dois colegas, o Ramos e o Silveira...
- ... e você está assustado.

— Não é que eu esteja assustado. Não fiz nada para me matarem.
— Os dois que morreram fizeram alguma coisa?
— Não sei, delegado, mas devem ter feito, senão não teria acontecido o que aconteceu.

— Não vamos ficar parados no meio da calçada, me faça companhia por mais duas quadras e me diga o que está te preocupando.

— Não é que esteja me preocupando, delegado, mas corre o boato de que a coisa não vai parar por aí... foram dois, e estão achando que vai morrer mais gente.

— Quem está dizendo que vai morrer mais gente?

— Não é ninguém em especial, é boato, corre por telefone.

— Quer dizer, alguém está interessado em que o boato circule, e parece que está conseguindo.

Pararam numa banca de jornais, e enquanto olhava as revistas, Espinosa procurava identificar o real motivo da abordagem. A fala do detetive parecia um texto recitado, o conteúdo não era para ser levado a sério, mas o fato de ele precisar abordar o delegado na rua indiscutivelmente sinalizava alguma coisa. Não sabia quase nada sobre o policial, apenas o que constava de sua folha de serviço. Dava a impressão de estar se sentindo ameaçado, embora procurasse aparentar despreocupação. Não era bom ator. Se estava ameaçado, devia conhecer o motivo pelo qual os outros dois haviam sido mortos, mas obviamente não entregaria o jogo assim, sem mais nem menos. Espinosa pagou as duas revistas que tinha separado e retomaram a caminhada.

— Por que você acha que as duas mortes estão ligadas?

— Eu não acho, delegado, eu tenho certeza.

— E por que você tem certeza?

— Delegado, tenho quase vinte anos de polícia, sei quando se trata de uma execução.

— O que você sabe sobre os dois policiais mortos?

— Quase nada. Conhecia um deles de vista, nos falamos uma vez por telefone; o outro eu vi algumas vezes quando estava na delegacia de roubos e furtos.

— Você chegou a ser amigo de algum deles?

— Eu e o Ramos trabalhamos na mesma delegacia durante algum tempo, éramos colegas mas nunca fomos amigos.

— Continuaram se vendo?

— Não. Depois que fui transferido nos vimos uma vez ou outra, por acaso.

— Sei. Então você acha que vão matar mais tiras?

— É o que estão dizendo. Temos que descobrir quem é o louco que está fazendo isso.

— Você acha que as duas mortes são obra de um louco?

— Deve ser. Um sujeito que sai por aí matando tiras só pode ser louco.

— Não sei... acho o assassino muito eficiente e cuidadoso para ser louco.

— Mas o senhor concorda que temos que encontrar logo o cara?

— Certamente. De preferência antes que ele chegue ao meu lugar na fila.

— O senhor...

— Brincadeira. Acho que dois não são suficientes para formar uma fila, pode ser coincidência.

— Delegado, quero dizer que estou aí para o que o senhor precisar... Afinal de contas, eram nossos colegas.

— Obrigado, sei que posso contar com você.

— Boa noite, delegado.

— Boa noite, Nestor.

Espinosa se ressentia da rapidez com que, no verão do Rio de Janeiro, o dia termina e começa a noite. Não há transição, a faixa de tempo que separa os dias das noites é muito curta. É como se o criador e diretor do espetáculo tivesse baixado repentinamente a cortina. Como fenômeno, o crepúsculo era tão fugaz que tinha que ser admirado na hora certa e na praia certa. E o caminho da delegacia até o bairro Peixoto não era a praia do Arpoador. Começava a escurecer quando ele entrou no bairro Peixoto e atravessou a praça em direção ao seu prédio.

Apesar do nome, o bairro Peixoto não é um bairro no sentido próprio do termo, mas um retângulo de aproximadamente quatrocentos por duzentos metros, formado por duas ruas no

sentido longitudinal e duas pequenas transversais com uma praça no meio. Como numa cidade medieval, as construções são voltadas para o interior desse minibairro e sua praça central, formando uma espécie de muralha que o protege do bairro de Copacabana, no qual está encravado. Os prédios, em sua maioria, não têm mais de três ou quatro andares e são de uma época em que não havia preocupação com elevadores e garages para carros, mas havia um certo gosto por janelas francesas que se abriam para pequenos balcões. O apartamento de Espinosa fica no terceiro andar de um desses prédios, de frente para a praça.

Abriu as venezianas da sala deixando o ar circular, passou a massa congelada do congelador para o forno de micro-ondas, e sentou-se no sofá, de frente para a praça, esperando os três apitos que anunciariam que o jantar estava pronto.

Uma hora depois de ter comido, ainda pensava no detetive Nestor abordando-o na rua. Qual o recado daquelas palavras? Conhecia pouco o policial, e o pouco que sua folha de serviço revelava não o recomendava nem o comprometia.

As duas horas seguintes foram dedicadas a examinar um livro que viera junto com algumas centenas de outros herdados da avó, e que na época lhe despertara especial atenção. De tempos em tempos a avó tinha necessidade de se livrar de parte dos milhares de livros que guardava empilhados em dois dos cômodos do seu apartamento, e o destino desse refugio era o apartamento do neto, que herdara dela o hábito de empilhar livros. O estilo de cada um era diferente: pilhas anárquicas, ela; pilhas ordenadas junto à parede, ele. Em comum, tinham o desprezo por estantes. Gostara do título *Phantom Lady* e da encadernação em perfeito estado, apesar da edição de 1942. Seu conhecimento da língua inglesa era sofrível, melhor para leitura do que para conversação. Não conhecia o autor, William Irish, até saber, pela orelha de outro livro, que William Irish era pseudônimo de Cornell Woolrich. Gostou do título do primeiro capítulo, "O centésimo quinquagésimo dia antes da execução". Achou que um autor que começava um livro anunciando que alguém

seria executado dentro de cento e cinquenta dias, e cujos capítulos seguintes eram nomeados em ordem decrescente até “Um dia, depois da execução”, devia ser lido.

Na manhã seguinte, o boato de um matador de tiras se espalhou pela delegacia e se transformara em fonte de preocupação para o inspetor Ramiro, chefe da equipe de detetives da 12ª DP.

— Duas mortes não caracterizam uma série — repetia Espinosa para Ramiro.

— Eu sei, delegado, mas acontece que os rapazes estão inquietos.

— Não há sequer um nexos necessário entre elas.

— Delegado, o senhor sabe tanto quanto eu que essas mortes estão ligadas e que vão acontecer outras.

— Ontem fui abordado na rua pelo Nestor, ele acha a mesma coisa que você.

— Qual Nestor, o daqui da delegacia?

— Ele mesmo. Queria saber minha opinião sobre os acontecimentos, precisou me abordar na rua quando eu estava indo para casa.

— Por que ele não falou com o senhor aqui na delegacia?

— Provavelmente porque não queria que soubessem que está interessado.

— E o fato de abordar o senhor na rua mostra que está.

— Ofereceu-se para participar das investigações.

— Todo mundo quer participar.

— Devem pensar que assim ficam livres do criminoso.

Depois que o inspetor saiu da sala, o delegado recolheu as anotações que tinha feito sobre as duas mortes e ouviu o que registrara no pequeno gravador de bolso. Não era muita coisa. Na verdade, quase nada. No primeiro assassinato, ninguém fora capaz de descrever a pessoa que entrara no prédio empurrando a cadeira de rodas. Em alguns depoimentos, essa pessoa era descrita como uma enfermeira de touca; em outros, como um enfermeiro de boné. As testemunhas diziam ter prestado mais atenção no velho e na cadeira de rodas do que no acompanhante.

“Além do mais”, diziam, “o síndico não substitui as lâmpadas queimadas do prédio.”

“Vivemos no escuro, é de admirar que não morra mais gente assassinada, mas tenho certeza de que o acompanhante era homem”, declarou a senhora que entrara no elevador junto com a cadeira de rodas.

“Como a senhora pode ter certeza?”

“Por causa da altura. Fiquei espremida no elevador para cabermos todos. Éramos três pessoas além da cadeira com o velho. Deu para perceber claramente que o enfermeiro era homem.”

“E a senhora pode nos dizer se ele era branco ou preto?”

“Ora... era preto... preto e forte.”

“Além de alto, segundo a senhora disse.”

“É, talvez não fosse tão alto assim”, respondeu a senhora.

“E talvez não fosse tão preto”, completou Espinosa.

“O senhor deve compreender que com a pouca luz do prédio a gente às vezes pode se confundir.”

“Mas a senhora tem certeza de que não era uma mulher alta?”

“Só se fosse uma mulher muito alta.”

Tampouco tinham visto o enfermeiro (ou enfermeira) sair do prédio. A possibilidade de alguém fornecer uma descrição do assassino era extremamente remota. A única testemunha ocular do crime era portadora do mal de Alzheimer e incapaz de discernir o que se passava ao redor. Os policiais que primeiro chegaram ao local acharam no bolso do velho um envelope plástico transparente contendo um cartão com nome, endereço e telefone para contato. O telefone era o da vítima. O velho e o policial morto eram pai e filho. O apartamento era utilizado para encontros profissionais do policial, segundo declarações dos porteiros e do síndico.

Welber conseguira apurar que o detetive e o pai se encontravam regularmente uma vez por semana, quase sempre no apartamento. O velho gostava de falar, mas suas histórias e as pessoas citadas não tinham conexão com a realidade. Não reconhecia as pessoas nem era capaz de guardar seus nomes, e, aparentemente, não tinha noção de que o homem que via regularmente era seu filho. Viúvo, morava num prédio situado na mesma quadra em que morava o

filho e era cuidado por acompanhantes contratados que se revezavam a cada vinte e quatro horas, em geral mulheres.

Welber também descobrira que na tarde do assassinato, faltando quase duas horas para a troca do turno, a acompanhante do velho fora substituída, ficando muito agradecida pela generosa antecipação de horário feita pelo colega.

“Pelo colega? Era homem?”, perguntara Welber.

“Era. Bem... o senhor sabe, não é?”

“Sei o quê?”

“Ele não é assim muito homem...”

“É bicha?”

“A gente logo percebe, não é?”

“Mas as acompanhantes não são todas mulheres?”

“Não, de jeito nenhum, tem homem e tem mulher... e tem muito homossexual. Tem cliente que prefere os efeminados porque eles têm a força do homem e a delicadeza da mulher.”

“Como é ele?”

“Tem cabelo louro encaracolado, bigode louro, usa óculos de grau, desses tipo fundo de garrafa, olhos claros, verdes ou azuis... Mais alto que eu, e acho que um pouco barrigudo... É um pouco dentuço, por isso fala meio chiado. Mas tem muito efeminado que gosta de falar assim, não é?”

“Você não sabia que ele ia lhe substituir?”

“A gente nem sempre sabe. Eu não conheço nem a metade dos acompanhantes da agência. O rodízio é muito grande.”

A agência de acompanhantes não conhecia ninguém com aquelas características.

Quanto ao segundo crime, as circunstâncias que o cercavam eram ainda mais escandalosamente visíveis do que as do primeiro, e no entanto ninguém era capaz de fornecer um único dado sobre o assassino. Nas duas mortes, o máximo de visibilidade aliada ao máximo de cegueira. A perícia não tinha conseguido nada com o material colhido nos locais dos crimes.

As informações referentes ao segundo morto coincidiam com as do primeiro num ponto: ambos eram policiais medíocres, não tendo se destacado positiva ou negativamente. A ficha funcional dos dois

poderia ser uma folha em branco, embora tivessem muitos anos de polícia. Como permaneciam pouco tempo lotados em cada delegacia, não chegavam a ficar conhecidos pelos colegas. Havia ainda outra coincidência. Os endereços residenciais que constavam das fichas funcionais de ambos eram de apartamentos situados em Copacabana, sendo que o do detetive Ramos era o do apartamento onde fora morto; o do detetive Silveira ficava a apenas uma quadra da praça do Lido, onde fora baleado. No entanto, as informações obtidas por Welber em ambos os endereços não os confirmavam como locais de moradia, mas como locais de encontros. Porteiros, síndicos e vizinhos eram unânimes em declarar que se tratavam de pessoas discretas, que nunca tinham criado problema com ninguém e que recebiam pouca gente em casa, dois ou três amigos, no máximo. Às vezes iam também as namoradas, mas isso acontecia raramente, embora em quase todos os encontros houvesse sempre uma mulher presente. “Dado importante”, assinalou Welber no relatório oral que fazia ao delegado, “ninguém, em nenhum dos endereços, sabia que eles eram policiais. Tinham dito que eram representantes comerciais, que viajavam muito, e que por isso ficavam pouco em casa. Mantinham na vida privada o mesmo apagamento que mantinham na vida profissional.”

— Isso não é incompetência, é eficiência — disse Espinosa para Welber, enquanto saíam do prédio da delegacia para almoçar.

— Por que o senhor diz isso?

— Porque ninguém consegue trabalhar vinte anos numa instituição, mesmo sendo transferido de uma delegacia para outra, sem que os outros percebam, a não ser que essa invisibilidade seja intencional.

— Por que eles não queriam ser notados?

— Não sei ainda, mas vamos descobrir.

— Depois de encontrarmos um lugar para comer, é claro.

— Isso.

— E que não seja o McDonald's.

— É claro.

— Sentados, e não de pé.

— Que assim seja.

— Minha namorada disse que não posso continuar comendo às pressas, de pé num balcão, e que essas comidas de lanchonete engordam e têm colesterol.

— Ela tem razão, e está cuidando bem de você. Mais um pouco estará cuidando em tempo integral e dedicação exclusiva.

Não foi fácil, para Welber, localizar a amante de Ramos. Maria Rita não estivera presente nem no velório nem no enterro dele; a mulher que pranteava o morto era a esposa, de cuja existência ninguém até então tinha conhecimento. Da polícia, estavam presentes apenas os representantes oficiais, Espinosa e Welber entre eles. Maria Rita foi localizada dias depois por intermédio da conta telefônica de Ramos, que trazia registradas chamadas regulares para determinado número.

O mesmo quadro se repetiria uma semana mais tarde, em relação a Silveira e Aparecida, com espantosa semelhança de detalhes: o mesmo tipo de apartamento, o mesmo tipo de amante, o mesmo ocultamento. Ramos e Silveira tinham levado vidas gêmeas, até no modo de morrer.

4

Em três dias, nenhum homicídio na área, uma tentativa frustrada de assalto a banco, dois assaltos a hotéis com um assaltante ferido à bala, e algumas dezenas de pequenos delitos, vários deles envolvendo turistas. Quanto à investigação dos assassinatos dos policiais, nenhum progresso.

Passava das sete horas da noite de sexta-feira quando Espinosa tomou o caminho de casa, o mais curto; não estava interessado em nada no percurso até o bairro Peixoto. Caía uma chuva fininha, o que fazia as pessoas andarem mais depressa e procurarem a proteção das marquises. Pretendia tomar banho e jantar num lugar agradável; não estava com disposição para esquentar comida congelada e lavar louça. As luzes da rua já estavam acesas e Espinosa atribuiu ao lusco-fusco do fim de dia e aos acontecimentos recentes a impressão desagradável de estar sendo seguido. Lembrou-se da abordagem feita pelo detetive Nestor, mais ou menos no mesmo trecho por onde estava passando naquele momento. Andou um pouco mais e parou na mesma banca de jornais em que parara com o detetive; olhou em volta, demorou algum tempo examinando as revistas para ver se algum dos transeuntes permanecia pelas proximidades, mas não teve a atenção despertada por ninguém em particular. Retomou o caminho de casa.

A escolha de um restaurante no verão do Rio de Janeiro é feita tanto pela qualidade da comida como pela qualidade do ar-

condicionado. A trattoria onde almoçava aos sábados juntava os dois atributos, além da simpatia do dono. Acostumara-se a comer sozinho. Em lugar de conversar, adquirira o hábito de observar as pessoas ao redor, sem despertar-lhes a atenção. Escolhia alguém em uma das mesas vizinhas e se dedicava a imaginar como seria aquela pessoa e qual a sua história de vida, e isso tanto a partir de um detalhe da vestimenta como do modo de falar ou do estilo da companhia. Era um bom exercício de imaginação, mas inútil do ponto de vista do conhecimento, tendo em vista que jamais teria como conferir a avaliação. Sabia intimamente, sem nenhum critério objetivo, quando tinha chegado perto da verdade ou quando tinha deparado com alguém cujo ser lhe escapava inteiramente. Dependendo da ocasião, chegava a elaborar biografias fantasticamente minuciosas. Sentia-se como um ficcionista cujos personagens eram as pessoas reais que encontrava nos restaurantes, nas lojas e na rua. Às vezes fazia isso consigo próprio. Imaginava, por exemplo, que em determinado ponto de sua vida, em vez de ter feito tal coisa, tinha feito tal outra. Como teria sido esse outro caminho? E num ponto desse outro caminho, imaginava uma outra escolha e um outro caminho distinto do anterior. Às vezes ia tão longe por essas bifurcações que rompia o nexos com a pessoa original a ponto de fazê-la perder a identidade.

Quando saiu do restaurante, tinha parado de chover e as calçadas estavam secas. De onde estava, o melhor caminho para casa era andar algumas quadras pela avenida Atlântica antes de pegar uma perpendicular em direção ao bairro Peixoto. Não andara nem dez minutos quando teve novamente a impressão de estar sendo seguido. Como tinha chovido, o movimento no calçadão era bem menor, o que facilitava a localização de um possível seguidor. Caminhou mais um pouco à procura de um banco que não estivesse molhado, sentou-se e ficou atento às pessoas que vinham atrás, para ver se alguma pararia também. Como na vez anterior, não viu ninguém suspeito. Esperou alguns minutos, levantou-se e foi embora para casa.

* * *

Considerava as manhãs de sábado especiais, ao contrário dos domingos, que poderiam deixar de existir ou ser considerados optativos. Enquanto lia dois jornais — em vez de um, como fazia nos demais dias —, tomou duas xícaras de café e se serviu de uma porção dupla de torradas, permitindo-se abusar na quantidade de geleia. A característica principal das manhãs de sábado era o fato de elas serem dedicadas à elaboração de planos pessoais ou domésticos extremamente detalhados e ambiciosos, e por isso mesmo fadados a permanecer somente concebidos.

Quando ele e a mulher se separaram, ela levara os móveis e todos os utensílios domésticos. Ele próprio insistira. Como ela estava levando o filho, não faria sentido dividirem as coisas. Salvo na justiça salomônica, não se leva metade de um filho. Ele ficara com o apartamento onde morava desde menino, primeiro com os pais, depois com a avó, que cuidara dele até a maioridade, e depois com a mulher e o filho. Os pais tinham morrido num desastre de automóvel quando ele tinha catorze anos de idade e na época seu único parente vivo era a avó materna, que se mudara para o apartamento e cuidara dele até os dezenove, quando achara que já era tempo de ele viver sozinho e voltara para seu próprio apartamento, que não pudera alugar durante os anos em que cuidara do neto devido à enorme quantidade de livros espalhados por todos os cantos. Dela, Espinosa herdara o gosto pela leitura, além da ideia de que os livros podem prescindir de estantes. Nenhum dos dois se considerava intelectual. Gostavam de livros, apenas. Ela, porque tradutora; ele, porque gostava de boas histórias. Na cuidadosa desarrumação atual que era a dele, grandes clássicos da literatura compartilhavam a mesma pilha com a velha Coleção Amarela de romances policiais herdada do pai. O atual estilo clean do apartamento não era opção estética, mas resultado de uma decisão sobre o mínimo necessário ao bom funcionamento e conforto do único morador, e estante não era necessário, mesmo para quem tinha mais de mil livros empilhados junto à parede da sala.

O céu da manhã de sábado estava serenamente azul e o calor suportável. Sempre que possível, evitava ligar o ar-condicionado. Não por economia, embora em certas ocasiões ela se fizesse necessária, mas porque o aparelho ressecava o ar ambiente, além de produzir um afastamento artificial do mundo externo. Achava que o ar-condicionado punha a cidade entre parênteses; podia ser Rio de Janeiro, Paris ou Nova York: todas ficavam com a mesma temperatura, o mesmo cheiro e o mesmo ruído opaco que neutralizava os ruídos externos típicos. Puxou a cadeira de balanço para perto da janela francesa que dava para o minibalcão e apoiou os pés na grade de ferro batido. Estava terminando a leitura do primeiro jornal quando o telefone tocou. Normalmente deixaria a secretária eletrônica registrar a mensagem, mas numa manhã de sábado havia sempre a perspectiva de um telefonema agradável.

- Delegado, desculpe a hora...
- Tudo bem.
- ... mas acertaram o Nestor.
- Como, acertaram o Nestor?
- Mataram. Como os outros dois.

Nestor fora encontrado morto num conjugado da rua Ministro Viveiros de Castro, próximo à avenida Prado Júnior, no começo de Copacabana. Quando Espinosa chegou ao apartamento, Freire, perito do Instituto de Criminalística e conhecido de Espinosa, falava com Welber.

- Freire... Welber... O que vocês já têm?
- Parecido com o anterior — respondeu o perito.
- O que é parecido com o anterior? — perguntou Espinosa.
- Tiro na nuca, arma distante não mais de um palmo.

Freire raramente falava, e quando o fazia era em formato de telegrama. Welber, quando viu que ele esgotara seu repertório de palavras daquele dia, acrescentou os detalhes que conseguira reunir.

— Nestor estava sentado de costas para a porta, assistindo televisão e tomando cerveja. Já estava na segunda garrafa. Havia dois copos sobre a mesinha de centro, mas só um foi usado. O

telefone tocou, ele pôs o aparelho no colo e estava falando com a pessoa que tinha ligado quando foi atingido na nuca. O fone ficou pendurado, junto com o braço dele. A carteira de dinheiro, os documentos e a arma estavam sobre a mesinha de cabeceira. Aparentemente nada foi roubado. Tinha também um telefone celular sobre a mesa, e o número da última chamada era o do aparelho que estava no colo de Nestor. Na minha opinião, o assassino estava do outro lado da porta, no corredor do prédio, falando pelo celular com o próprio Nestor. Enquanto ele estava distraído com o barulho da televisão e com o telefonema, o assassino entrou e atirou.

— Temos, sem dúvida, um padrão: vítima policial, um único tiro dado à queima-roupa, ninguém viu nem ouviu nada.

Como os outros dois policiais assassinados, Nestor era quase desconhecido pelos próprios colegas. Pouco ou nada se sabia da sua vida particular, e seu histórico profissional não daria para encher metade de uma folha de papel. Um único olhar era suficiente para abarcar todo o apartamento.

Aquele também não era, evidentemente, um local de moradia. A região reúne algumas boates e inferninhos, além de concentrar prédios com apartamentos de apenas um cômodo e um banheiro, em que o controle sobre os moradores e suas visitas é precário. O apartamento de Nestor tinha a vantagem de ser de frente para a rua. A vista não era das mais gratificantes, mas aliviava um pouco a limitação do espaço interno. Na parte de baixo da quitinete, que não passava de um armário, havia uma pequena geladeira com uma garrafa de água e algumas garrafas de cerveja, nenhum mantimento e apenas um vidro de café solúvel e adoçante líquido; no único armário, roupa de cama, duas toalhas e uma muda de roupa pendurada num cabide solitário; no banheiro, nada que indicasse a permanência de um morador. O apartamento era impessoal como um quarto de hotel.

— Parece um lugar de encontro — disse Espinosa, depois de olhar em volta e abrir algumas gavetas. — A arma dele não estava à mão; para alcançá-la, teria de passar por cima da cama. Não é a atitude de quem espera uma visita perigosa. Como nos outros casos, a pessoa que ele estava esperando era amiga ou conhecida.

— Falta apenas uma coisa para que o padrão esteja completo — disse Espinosa para Welber.

— O quê?

— Encontrarmos a amante.

Freire acabara de guardar seus instrumentos de trabalho.

— Não há impressões digitais no celular nem na maçaneta da porta. A fechadura não foi forçada. Quando o legista retirar o projétil, vou poder dizer se saiu da mesma arma de que saíram os outros dois. Assim que tiver alguma coisa, dou notícias.

— Qual é a sua opinião? — perguntou Welber, depois que Freire saiu.

— Algum membro do clube está eliminando os outros sócios.

Os dois estavam olhando para o morto quando o telefone celular tocou. Espinosa atendeu.

— Alô! — disse uma voz juvenil — A Cíntia?

5

A entrevista não tinha durado nem quinze minutos, e se dependesse de Espinosa não teria durado quinze segundos. Havia, no entanto, uma recomendação do secretário de Segurança para que as delegacias acolhessem com simpatia entrevistas sobre o esforço do governo para acabar com a corrupção na polícia.

“Delegado, os policiais assassinados faziam parte da chamada banda podre da polícia?”

“Foi banda podre matando banda podre?”

“O senhor considera que está acontecendo uma grande queima de arquivo?”

“O senhor acha que foi criado na polícia um dispositivo autolimpante?”

Espinosa gostava de humor, mas não apreciava ironia. Sentiu que quanto mais cedo terminasse a entrevista, menores seriam as chances de surgirem atritos. Além do mais, era difícil ser simpático numa manhã de segunda-feira. Concordou em ser filmado na porta da delegacia, defronte à entrada em arco com os dizeres “12a Delegacia Policial” na fachada. Passados uns poucos minutos, Welber resgatou o chefe para o interior do prédio e despachou os repórteres.

— O senhor se saiu bem.

— ...

— O repórter era provocador, mas o senhor se manteve calmo.

— ...

— Fiquei com medo de o senhor engrossar.

— Tem uma aspirina?

Até a hora do almoço, Espinosa atendeu mais alguns telefonemas de repórteres querendo saber se havia um serial killer especializado em policiais ou se a polícia estava fazendo faxina na casa. Saiu para almoçar. Não porque estivesse com vontade, mas para não ter de atender mais telefonemas.

Desceu a rua em direção à praia, lembrando-se da tarde em que fora abordado por Nestor. Recordava-se de ter identificado na fala do detetive mais interesse do que medo.

Saiu do McDonald's segurando uma sacola com sanduíche, milk-shake e batatas fritas, dieta severamente criticada pela namorada de Welber. Sentou-se num banco do calçadão da avenida Atlântica preparando-se para um almoço com vista para o mar. Na verdade, nem almoçava nem olhava o mar, já que aquilo não era almoço e ele não estava prestando atenção no mar, apesar de estar olhando fixamente para ele. Tentava se lembrar das palavras de Nestor: "Não fiz nada para me matarem". Espinosa tinha quase certeza de que ele dissera também que morreria mais gente. O que não parecia estar entre as suspeitas do detetive era que a vítima seguinte seria ele próprio. "Não fiz nada para me matarem" era uma frase ambígua: trazia implícita a ideia de que tinha feito algo, mas que não era para ser punido com morte.

O problema de almoçar num banco de rua é que se acaba forçosamente tendo de partilhar a refeição. Um menino que devia ter uns seis anos de idade, mas que parecia ter três ou quatro, e que ficou parado na frente de Espinosa olhando fixo para ele, saiu carregando o saco de batatas fritas. "Não fiz nada para me matarem." Aí é que você se enganou, meu caro. Fez sim, só que não sabia que tinha feito. O menino voltou acompanhado de outro tão pequeno quanto ele, que saiu levando o Big-Mac. Para o delegado, restou o milk-shake. Tinha sido uma partilha justa, levando-se em conta o tamanho dos comensais. "Vai morrer mais gente", dissera ainda Nestor. O que Espinosa queria saber naquele momento, vendo os dois meninos se afastarem, era "mais gente, quanto?".

Ficou ainda um tempo olhando para o mar enquanto terminava o milk-shake. A sombra da amendoeira sobre o banco era agradável e a paisagem estava incluída no preço do lanche. Sua reflexão foi cortada por alguém sentando ao seu lado no banco. Era Welber.

— Achei que o senhor devia estar por aqui.

— Welber, se você tivesse chegado uns minutos mais cedo, podia ter almoçado conosco.

Welber não entendeu o comentário nem se deu ao trabalho de entender. Conhecia o delegado.

— Não vim aqui para almoçar com *vocês* — e olhou em volta.

— O que aconteceu?

— Além das três mortes, nada. Mas vai acontecer.

— O que você está querendo dizer é que se houver mais uma morte, cada policial desta cidade vai andar com a arma na mão, engatilhada.

— Mais ou menos isso.

— E o que vamos fazer para evitar que isso aconteça?

— Prender o assassino.

— O problema não é o assassino — disse Espinosa.

— Não?

— Na minha opinião, ele é contratado para fazer o serviço, é apenas um instrumento, não a causa das mortes. Ou, se você preferir, ele é a causa imediata, mas não a causa última dessas mortes. Pode ser substituído por outro.

— Por que o senhor está dizendo isso?

— Porque os três assassinatos foram excessivamente assépticos. Quem mata por ódio ou por vingança enche o outro de bala e ainda cospe em cima. Essas mortes foram limpas, silenciosas, cirúrgicas, não houve paixão, vingança, emoção, foram frias como um bisturi. Quem matou, agiu contratado por um outro ou por outros. Mais ainda, pelo padrão dos assassinatos, acho que o verdadeiro autor dessas mortes está mandando um recado para outras possíveis vítimas, um recado que só pode ser entendido por elas. Os que não entenderem a mensagem, e Nestor não entendeu, morrem. Outra coisa: assim como há um padrão nas execuções, há um padrão nas

vítimas. São policiais que nunca se destacaram, que viveram sempre na sombra, invisíveis e silenciosos como as mortes que tiveram.

— O pior é que tem um monte de gente achando que o recado é para eles.

— Sinal de que têm alguma ideia do motivo dessas mortes.

— O que vamos fazer para o boato não virar pânico?

— Vamos levantar a vida de cada um dos mortos nos mínimos detalhes e tentar arrancar tudo o que for possível de cada cena do crime. É claro que isso não vai poder ser feito por um único investigador. Temos que montar uma pequena equipe que vai concentrar as investigações. Vou tentar fazer com que a parte técnica fique por conta do Freire.

Ficaram os dois em silêncio olhando o mar, até que se levantaram para voltar à delegacia.

— Com quem o senhor almoçou?

— Você não conhece.

Espinosa decidiu-se por três policiais: Ramiro, inspetor com vinte anos de polícia, chefe dos detetives e elemento de ligação entre o delegado e os policiais da delegacia; hábil na tomada de depoimentos e considerado pelos colegas um bom investigador. Não incluí-lo no grupo seria um erro. O segundo escolhido foi Artur, detetive recém-saído da academia de polícia, inteligente e ainda não contaminado pela corrupção. O terceiro elemento era o detetive Welber, assistente e colega de trabalho de vários anos e em quem o delegado depositava total confiança. Do ponto de vista operacional, o grupo ficava sob a chefia do inspetor Ramiro.

A primeira reunião foi a portas fechadas, no final do expediente da quinta-feira. O delegado expôs o programa de ação do grupo.

— Não sabemos por que estão matando policiais. Se o assassino estiver escolhendo suas vítimas aleatoriamente, qualquer um de nós pode ser a próxima, e se ele achar que nossa investigação pode atrapalhar ou acabar com o seu plano, pode se voltar contra nós. Quero ser informado de cada passo que vocês derem. Quero que me façam diariamente o relatório das atividades. Esse relatório deve ser

oral, não quero nada escrito. Não usem o computador para registros de dados nem para e-mails. Se precisarem fazer consultas, lembrem-se de que elas podem ser rastreadas. Vocês estão proibidos de comentar qualquer coisa, por mais insignificante que seja, com qualquer outra pessoa que não seja um de nós. Isso inclui pai, mãe, colega, amigo, esposa, namorada, padre, pastor, rabino: quando fizerem suas orações, façam em silêncio e sem mover os lábios. Se durante as investigações precisarem fazer anotações, destruam o que não for utilizado; o que for importante guardar, guardem de modo que ninguém possa encontrar. Mantenham em mente o seguinte: a partir de agora, a vida de vocês pode depender do cuidado que tomarem. Essa não vai ser uma investigação comum. Desistam dos procedimentos-padrão, eles não vão funcionar. Vai chegar a hora em que vocês vão ser obrigados a investigar os próprios companheiros. Não vai ser agradável. Se me acontecer alguma coisa, o grupo está desfeito.

— Como, se te acontecer alguma coisa? — perguntou Artur.

— Não estou me sentindo ameaçado, mas pode ser que resolvam parar com a investigação. Nossa maior segurança vai ser o sigilo. Se souberem dos nossos passos, vão poder se antecipar. Vocês vão estar mais expostos do que eu. Vou dar a vocês toda a proteção possível. Por isso falei que se acontecer alguma coisa comigo, o grupo está automaticamente desfeito.

— Quando começamos?

— Amanhã. Antes de mais nada, levantem tudo o que for possível sobre a vida de cada uma das vítimas: bens móveis e imóveis, família, mulher, mulheres, amigos, viagens, diversões, jogo, dívidas, saúde... tudo.

— As reuniões vão ser sempre aqui na sua sala?

— Os relatórios individuais podem ser feitos aqui, mas as reuniões vamos fazer em diferentes lugares, fora da delegacia.

Os três estavam saindo quando Espinosa fez ainda uma recomendação.

— Sempre que possível, quero Artur trabalhando junto com Ramiro ou Welber... pelo menos durante algum tempo. Mais uma coisa: os colegas de vocês, daqui e das outras delegacias, vão ficar

sabendo rapidamente dessa investigação. Em outras palavras, os tiras vão ficar sabendo que estão sendo investigados por vocês.

Passava das sete e meia quando chegou em casa. Enquanto tirava a roupa, ouvia os recados na secretária. Havia dias em que sentia mais intensamente a sensação de a pele ter servido, no decorrer do dia, como superfície de aderência para os maus fluidos do ambiente, e era agradável a impressão de fazer escoar pelo ralo do chuveiro aquele resíduo do dia. Ainda enrolado na toalha, ligou para Irene. Atendeu a secretária eletrônica.

Conhecera Irene durante a investigação de um caso de assassinato. Ela e a vítima eram amigas íntimas. Acabada a investigação, ele e Irene ficaram amigos, e com o correr do tempo um pouco mais que amigos. Programadora visual, Irene era independente financeiramente e morava sozinha num agradável apartamento em Ipanema, a duas quadras da praia. Encontravam-se com frequência, mas nunca marcavam o encontro seguinte. Irene trabalhava tanto no Rio como em São Paulo; deixavam que os encontros acontecessem por iniciativa de um ou de outro. Não havia nenhuma cobrança por parte de Irene, o que no fundo incomodava Espinosa, embora ele preferisse que as coisas continuassem como estavam. No entanto, não podia deixar de pensar que mais de uma década vivendo sozinho, desde que se divorciara, era sinal de que alguma coisa não andava bem para o lado dele, ou que fizera a opção definitiva pelo celibato. Gostava de Irene, mas não tinha dúvida de que a relação entre os dois chegara a uma justa medida, e que qualquer tentativa de deslocar o ponto de equilíbrio para mais ou para menos ocasionaria o fim da relação.

Outro aspecto importante era o fato de Irene ver o policial em geral — e ele próprio em particular — como um delinquente. E era isso o que tornava Espinosa especial para ela. Irene temperava a seriedade de sua vida profissional com excentricidades afetivas. A relação homossexual que tivera com a amiga assassinada fora uma dessas excentricidades; ser amante de um policial era outra. Espinosa não via nada de estranho nisso; estranho, pensou, seria

transformar a relação em casamento. Desvencilhou-se da toalha, vestiu bermuda e pôs-se a andar pela sala.

Não estava com vontade de ouvir música e menos ainda de ligar a televisão. Tampouco estava disposto a esquentar comida congelada e lavar pratos. Preparou dois sanduíches de pão preto e frios sortidos, que levou com uma garrafa de cerveja para junto do sofá da sala. Sobre a mesinha de centro estava o livro que começara a ler na semana anterior. Retomou a leitura, mas abandonou-a antes de terminar o capítulo.

As horas seguintes foram marcadas por uma inquietação motora incomum nele. Ligou a televisão. Às vezes dava certo. Aos poucos, o verdadeiro motivo da inquietação foi tomando forma. Ficou pensando se a resistência a estabelecer uma relação mais estável com Irene tinha algo a ver com o episódio homossexual dela. Ou episódios: não podia garantir que tivesse sido apenas um. Tinham se passado alguns anos desde então, mas certas coisas são difíceis de nos abandonar ou de serem abandonadas por nós. Talvez ela ainda mantivesse esporadicamente alguma relação daquele tipo. Ou seria ele, Espinosa, o esporádico? Conscientemente, não fazia nenhuma restrição ao passado de Irene. Aliás, nem ao passado nem ao presente. Era uma mulher linda, deliciosamente feminina. Sua experiência com outra mulher, ou com outras mulheres, não fora feita às expensas de sua feminilidade, mas no sentido de acrescentar-lhe algo. Fora isso o que ela lhe dissera um dia. Mas o fato é que ele não podia responder pelos preconceitos acumulados por um menino que passara a infância no bairro de Fátima, no Centro, antes de morar em Copacabana. Naquele tempo era tudo muito simples: menino era menino, menina era menina, e cada qual se comportava de acordo com os padrões do seu gênero. Não havia confusão. Pelo menos assim pensava ele. O que não podia avaliar era o quanto daquele menino continuava presente e atuante nele.

6

As primeiras investigações do grupo revelaram os fatos maiores e mais visíveis, mas nem por isso do conhecimento de todos. A primeira constatação foi que cada um dos três mortos tinha dois endereços: um oficial, constante da ficha profissional, e outro privado, que não aparecia nos registros oficiais, além de manterem um terceiro apartamento para as amantes. Os dois mortos em apartamentos haviam morrido em seus endereços oficiais: conjugados em Copacabana que na verdade funcionavam apenas como ponto de encontro para negócios. Os endereços não oficiais, e que não constavam de suas fichas, eram de imóveis próprios, em prédios de classe média alta, situados os três na Barra da Tijuca, onde eles moravam com as famílias. Ramiro assumira a tarefa de entrevistar as viúvas. Ficou sabendo que, dos sete dias da semana, em apenas três ou quatro os policiais dormiam em casa; nos outros alegavam plantão, campana, diligência fora da cidade ou investigação sigilosa. As esposas haviam desistido de verificar se as desculpas dos maridos tinham fundamento, ou não mais se interessavam por saber, vivendo com bastante conforto. A segunda constatação, corolário da primeira, era que os três policiais tinham outras mulheres, mas que tampouco elas moravam no endereço oficial de cada um: moravam em apartamentos alugados pelos amantes. Em geral, essas mulheres tinham vida social extremamente restrita. O mesmo valia para as esposas. Menos visíveis ainda eram

os próprios policiais. A terceira constatação era que nenhum deles era viciado em drogas ou bebida. Esses foram os pontos levantados na sexta-feira e durante o fim de semana, e levados para a primeira reunião do grupo.

O restaurante não era frequentado por policiais de nenhuma das duas delegacias de Copacabana, embora essa não fosse uma exigência de Espinosa para a escolha do local do encontro. Se alguém quisesse saber onde se reuniam, bastava segui-los. O importante era que os encontros não se dessem nos mesmos lugares. A escolha do lugar era feita por Espinosa e comunicada aos outros pouco antes de cada encontro.

— Não importa que nos vejam, o que não quero é que instalem escuta.

A sugestão do dia era arroz de paio. Para Espinosa, tudo aquilo que fugisse ao espagete congelado era bem-vindo. Welber, em obediência à cartilha-saúde da namorada, pediu peito de frango grelhado; Ramiro e Artur acompanharam o delegado na sugestão do dia.

Apesar de os três terem participado do levantamento dos endereços e dos bens dos policiais mortos, a exposição ficou por conta de Ramiro, o único a entrar em contato direto com as viúvas.

— Não é à toa que eles escondiam os endereços verdadeiros. Com o salário de detetive, não teriam como pagar nem a prestação de um dos carros em suas garages, quanto mais as casas e apartamentos onde moravam. E os três eram proprietários. Nenhum deles casou com mulher rica nem ganhou na loteria.

— Bens de família? Herança?

— Nada. Nem eles nem as esposas. Numa coisa, porém, eram espertos: não faziam alarde. Nenhum dos carros é importado ou de último tipo; um deles morava em casa, os outros dois em apartamento; tudo de muito boa qualidade, mas nada espetacular. Não davam festas nem frequentavam lugares caros.

— A primeira com quem você falou não preveniu as outras duas da sua visita?

— Não. E esse é o aspecto mais intrigante da história. Elas não sabiam da existência umas das outras; as esposas não se conheciam, não sabiam que moravam na mesma região, e os respectivos maridos raramente mencionavam os colegas. Outro detalhe: ninguém, na vizinhança, sabia que eles eram policiais. É verdade que hoje em dia o policial faz de tudo para esconder que é policial, com medo de ser assassinado pelo pessoal do tráfico, mas no caso deles concordo com o que o delegado disse no outro dia: o não aparecer fazia parte de uma estratégia. Eles podiam aparecer como pessoas, mas eram invisíveis como policiais. Só foi possível listar aquilo que na verdade já era visível, mas que não sabíamos que pertencia a eles. Daquilo que está por trás disso tudo, acho que nem chegamos perto. As informações das esposas são vagas, desconstruídas, e não me pareceu que estivessem escondendo alguma coisa. Elas realmente dão a impressão de não saber de nada. Ou é muita alienação ou muita dissimulação. Aposto na primeira.

— Qual a reação das viúvas, quando você chegou para entrevistá-las?

— Acharam normal que estivéssemos investigando as mortes dos maridos. Até agradeceram pela atenção que estávamos dispensando a elas.

— E com relação aos colegas da delegacia, vocês tiveram algum problema?

— Diretamente, nenhum — respondeu Ramiro. — Mas hoje encontrei este bilhete em cima da minha escrivaninha.

O inspetor tirou uma folha de papel do bolso, desdobrou e pôs sobre a mesa. Estava escrito à mão, em letras maiúsculas: “Se você gosta da sua família, deixe a família dos outros em paz”.

— Tem ideia de quem foi?

— Alguém da própria delegacia, é claro. Ninguém de fora, mesmo sendo tira, ia se arriscar a entrar no prédio, passar pelo atendimento e subir ao segundo andar para deixar o bilhete na minha mesa.

— Foi para coisas como essa que eu tentava alertar vocês na nossa conversa de ontem. Uma coisa é combater bandidos, outra muito diferente é ter que enfrentar os próprios colegas de trabalho.

Certamente vamos ter de entrar mais vezes em contato com as viúvas. Pode ser que realmente não estejam escondendo nada. Pode ser também que não saibam que sabem. No momento adequado, vamos conversar mais longamente com elas. Mas, apesar disso, acredito que as famílias de vocês não virão a ser ameaçadas.

— E se forem?

— Vamos ficar numa situação difícil. Não podemos mandar o lobo proteger o cordeiro. Se for preciso, peço auxílio externo.

Os três olharam para o delegado.

— A Deus ou ao diabo. Mas acho que o autor do bilhete está preocupado não com a investigação, e sim com a possibilidade de ela vir a mexer em outras coisas já solidamente estabelecidas.

De volta à delegacia, Espinosa encontrou um recado para entrar em contato com Freire, no Instituto de Criminalística.

— Os três projéteis saíram da mesma arma — disse Freire, assim que atendeu ao telefonema do delegado.

— Ele não se preocupou em trocar de arma — disse Espinosa. — É uma espécie de assinatura.

— Falta reconhecer a firma.

A frase era uma quebra na rígida economia de uma fala que raramente dizia mais do que o estritamente necessário. A usura verbal não o impedia, contudo, de ser o melhor perito da polícia, embora os recursos materiais postos a sua disposição não ultrapassassem a sofisticação técnica de uma lupa e fosse comum ele pagar do próprio bolso material para uma perícia mais elaborada.

Tinham se passado três semanas desde o primeiro assassinato e nem uma única testemunha surgira. Ninguém tinha visto nada. A rede de informantes também não oferecera nenhuma pista. O vazio era absoluto, a ponto de fazer desconfiar que podia estar cheio de ameaças a quem dissesse ou insinuasse alguma coisa.

Espinosa ouvira mais de uma vez a sugestão em forma de argumento: “Não é banda podre matando banda podre? Que se

matem, estarão fazendo uma limpeza na polícia”.

7

Desde o primeiro encontro no apartamento de Espinosa, Irene elegera aquele como o lugar dos encontros futuros. E assim vinha sendo. Quando Espinosa ia ao apartamento dela, era para buscá-la ou deixá-la, nunca para passar a noite. A prática não lhe desagradava, o apartamento dela era maior e magnificamente decorado, mas o dele era mais descontraído.

Como sempre, Irene chegou carregando uma sacola cujo conteúdo era previsível, mas que ela começava a anunciar ainda no meio da escada.

- Pão italiano, salmão defumado, queijos, vinho...
- Se eu disser que o mais gostoso não está no pacote...
- ... vai estar repetindo o que disse da última vez.

Fazia quase um mês que não se viam. O abraço foi mais demorado, e Irene abraçava gostoso, de corpo inteiro; o beijo foi mais suave no começo, numa crescente reconquista do tato mais fino; e os corpos foram degustados antes do vinho, do salmão e dos queijos. Irene era generosa em sua entrega, oferecia cada parte de si ao prazer de Espinosa e parecia ela própria usufruir de prazer ainda maior do que o do amante. Não havia em sua anatomia recanto não visitado por Espinosa, mas cada recanto guardava ainda segredos inesgotáveis que ambos ressignificavam a cada encontro.

Ficaram algum tempo deitados em silêncio, olhando para o teto. A pergunta partiu de Espinosa:

— Você ainda pensa em Olga?

— Está querendo saber se penso nela quando trepamos, ou se ocasionalmente me lembro dela?

— A segunda parte é retórica.

— Ainda penso em Olga, mas não quando estou trepando com você. Quando trepamos, é em você que eu penso... quando consigo pensar. Na minha opinião, a sexualidade da gente é toda em camadas... tem pedaços dos encontros passados... Não dá para isolar o que diz respeito só a nós dois. Mas pode ter certeza de uma coisa, os melhores ingredientes provêm de você.

Espinosa virou o corpo, cotovelo apoiado na cama e mão segurando a cabeça, e olhou demoradamente o rosto bonito, de olhos expressivos, sem dizer nada.

— O que você está querendo saber? — continuou Irene. — Se eu te amo? Se eu te amo mais do que amei Olga?

O silêncio de Espinosa não era pesado, nem aborrecido ou amuado, nem desamoroso. Ele continuava olhando para Irene, olhava de tão perto que mal conseguia focalizar o rosto dela.

— São amores diferentes — continuou Irene —, não são comparáveis. Entram na composição uns dos outros sem se excluírem, e permanecem. Mas quero que você entenda que eles não se confundem. Você é único, nunca amei ninguém como você. Com você, não estou tentando repetir ninguém. Fique tranquilo.

— Eu estou tranquilo. Não é de você nem do seu passado que tenho medo. É de mim mesmo e do meu passado.

— Que tal um pouco de salmão e uma taça de vinho para reforçar o presente, antes de voltarmos para a cama?

Espinosa não tinha a clareza de Irene para falar dos seus próprios afetos e emoções; tinha dificuldade até para pensar neles, quanto mais expô-los. Atrapalhava-se quando tinha que apresentar Irene a alguém — amiga, era pouco; namorada, não era bem o caso; amante... ninguém apresenta ninguém como amante. Um novo vocabulário procurava dar conta dos encontros e desencontros entre as pessoas. Até mesmo a nova família, com seus casamentos múltiplos, ainda não inventara nomes para as novas formas de parentesco.

Tomou café da manhã sozinho. Irene ao sair deixara um bilhete dizendo que tinha de estar em São Paulo antes do almoço, e que ainda passaria em casa e no escritório antes de ir para o aeroporto. Não fazia nem tentava fazer o estilo esposa, o que nada tinha a ver com negação do casamento; mesmo casada, recusaria o estereótipo; tampouco fazia o tipo executiva, embora viajasse constantemente a trabalho. Era artista e livre. E precisava dessa liberdade para continuar artista.

O bairro Peixoto não é um pequeno bairro com uma praça no meio, mas uma praça com um bairro em volta, e era essa praça que Espinosa atravessava naquele momento, a caminho da delegacia, quando viu Welber andando em sua direção. Teve a imediata sensação de que o belo começo de dia terminaria em poucos segundos.

— Estava telefonando para o seu celular, mas o senhor deve ter esquecido ele desligado.

Espinosa enfiou as mãos nos bolsos do paletó até encontrar o aparelho que desde a noite anterior estava desligado, assim como o telefone fixo.

— O que foi, desta vez? Para você vir até aqui, depois de tentar falar comigo por telefone...

— Não vim especialmente para falar com o senhor, mas como seu prédio fica no caminho, achei que o senhor gostaria de dar uma olhada.

— O que foi?

— Uma mulher. A novidade é que telefonaram dizendo que era uma policial. Telefonaram também para a Décima terceira DP dizendo a mesma coisa.

— E é uma policial?

— Não, mas era amante de um dos policiais mortos.

— De qual deles?

— Do Ramos.

— Onde foi?

— Em linha reta, a cem metros do seu prédio.

— Do meu prédio?

— É. Aqui atrás, na rua Santa Clara.

Espinosa pegou Welber pelo braço e voltaram os dois na direção de onde o delegado viera.

— Tem uma servidão perto do meu prédio que vai dar direto na rua Santa Clara. Vai contando o que houve.

— Não tem muita coisa. Ela foi encontrada dentro de um carro, com um tiro na cabeça dado à queima-roupa. Provavelmente o assassino estava sentado no lugar do motorista. O carro devia estar estacionado quando ele atirou.

— Você já esteve no local?

— Estive. Tem tira das duas delegacias.

— Qual o nome dela?

— Rita. Maria Rita. Ramiro esteve com ela ontem.

— Quem encontrou o corpo?

— O porteiro do prédio em frente. Achou estranho uma mulher dormindo dentro do carro, chegou mais perto e viu a blusa manchada de sangue.

— A que horas foi isso?

— Ele telefonou às sete e meia da manhã. O plantonista avisou Ramiro, que mandou que eu o avisasse.

A rua Santa Clara começa perto do Túnel Velho, contorna o bairro Peixoto e desce em linha reta até a avenida Atlântica, cortando Copacabana pelo meio e delimitando as jurisdições da 12ª e da 13ª DPS. Havia carros e policiais de ambas as delegacias no local. Se fosse o caso de uma disputa, Espinosa poderia argumentar que o crime acontecera do lado esquerdo da rua, dentro, portanto, da jurisdição da 12ª DP. Mas não fora uma questão de jurisdição o que levara dois delegados e vários policiais ao mesmo local. Espinosa passou por debaixo da fita amarela que isolava parte da calçada, foi reconhecido, trocou algumas palavras com alguns dos presentes, sentiu o clima.

— Pelo jeito, além de matarem policiais resolveram agora fazer terrorismo. — O comentário, feito num tom de voz elevado, vinha de um tira da 13ª DP, e não parecia ter destinatário específico. — Serial killer e terrorista. — Continuou — Vai ver, o filho da puta matou a

mulher só para criar clima. Alguém ainda duvida de que se trata de um serial killer? — A pergunta, feita num tom de voz elevado, parecia não ter destinatário específico, mas Espinosa sentiu que o comentário era dirigido a ele, e Welber percebeu que o delegado percebera.

— Não é com o senhor, delegado.

— É, sim. Eles sabem que estamos investigando, e para eles é muito mais cômodo imaginar que há um serial killer dedicado a liquidar policiais do que aceitar que a polícia está exterminando a si mesma.

— E o senhor acredita que seja isso?

— Que a polícia esteja exterminando a si mesma? Pode ser. Só que não tem serial killer nenhum. Não é o nosso matador quem escolhe as vítimas, ele apenas executa o crime. Serial killer é coisa de americano, não faz parte da nossa cultura.

Welber olhou para ele.

— Crime também é cultura — concluiu o delegado.

O detetive continuou sem saber se era para levar a frase a sério.

Enquanto Espinosa conversava individualmente com alguns policiais, Ramiro circulava. Andou em torno da cena do crime, olhando através dos vidros para dentro do carro. Em seguida examinou os prédios próximos e conversou com porteiros e garagistas. Durante boa parte da manhã, percorreu as garagens dos prédios interrogando empregados e moradores.

Para Espinosa, o crime mantinha o mesmo padrão dos anteriores, com apenas uma variação: a vítima, em vez de ser um policial, era a amante de um policial. No mais, era tudo igual: morte causada por um único tiro, sem luta, sem perturbar o entorno, sem testemunhas.

O carro fora encontrado com as portas e os vidros fechados mas não trancado, e com a chave na ignição. Na bolsa da vítima havia cartões de crédito e dinheiro, além de um telefone celular e documentos pessoais. Os documentos do carro estavam no porta-luvas e pertenciam a outra pessoa.

Policiais da 13ª DP se aproximaram de Espinosa. Quase todos se conheciam, alguns apenas de vista, mas todos sabiam quem era o delegado e o que ele estava fazendo ali.

— E então, delegado, algum progresso na investigação da morte dos nossos colegas? — A pergunta, feita por um velho detetive da 13ª DP, fora acompanhada de um sorriso que poderia ser simpático não fosse o quase imperceptível toque de ironia.

— Pouca coisa.

— Não está parecendo ação de um serial killer, no mais puro estilo americano?

— Só se o cavalo dele falar inglês.

— ?

— Não se preocupe, é piada.

— Soubemos que andaram fazendo ameaças a um dos seus homens, encarregado do caso.

— Não propriamente uma ameaça. Apenas um lembrete.

— É bom ele não se descuidar. Esse pessoal não está brincando.

— Pessoal? São vários?

— Quem está fazendo isso — apontou para o carro — não está fazendo sozinho.

— Por que você acha que são vários?

— Porque dificilmente alguém sozinho conseguiria ser tão eficiente.

— Penso exatamente o contrário.

— Seja como for, delegado, temos que ser cuidadosos. Até a vista.

O detetive já estava se virando para ir embora quando Espinosa perguntou:

— Por falar nisso, quando você esteve com meu homem encarregado do caso?

— Não estive. Nem sei quem ele é. Por quê?

— Porque só ele e eu sabíamos da ameaça.

— Ah, delegado, essas coisas se espalham sem a gente saber como.

O detetive se afastou sem dizer mais nada. O seguinte a chegar perto foi o delegado Assunção, da 13ª DP, conhecido de Espinosa

desde o tempo de faculdade. Era um tipo brincalhão, que se aproximou simpaticamente, com um tapinha nas costas.

— E então, companheiro, que grande merda, hem? Agora, além dos tiras, resolveram liquidar as mulheres deles.

— No caso presente, a amante — respondeu Espinosa.

— Tanto faz.

— Não é exatamente a mesma coisa. As esposas continuam vivas.

— Você acha que elas estão ameaçadas?

— Quem? As viúvas?

— As amantes.

— É possível. Essa aí pode ter presenciado alguma transação ou visto alguém que não era para ser visto, e o mesmo pode ter acontecido com as amantes dos outros dois.

— Como vamos ocultar isso?

— Não vamos ocultar, apenas não vamos contar toda a verdade para a imprensa. Se perguntarem alguma coisa, podemos dizer que mataram uma prostituta. Os caras se desinteressam na hora.

Era cedo, o sol ainda estava baixo, mas o dia já estava quente. Espinosa tinha na cabeça a observação do detetive sobre a ameaça sofrida por Ramiro, cujo nome, aliás, não fora mencionado. Se sabiam da ameaça, sabiam do bilhete, sabiam de tudo.

O recurso aos alcaguetes para obter alguma informação sobre o matador não surtira efeito, pelo menos nenhum efeito positivo. O efeito negativo era que todos os informantes tinham sumido da praça, como se sobre eles pairasse uma ameaça sobrenatural; os poucos que não tinham saído de circulação não sabiam de nada, e quando perguntados sobre o matador de policiais comportavam-se como crianças no dia da primeira comunhão.

Antes de o dia terminar, corria entre as delegacias a notícia de que alguns policiais estavam pensando iniciar uma caçada extraoficial ao matador. Era tudo o que Espinosa não queria que acontecesse. Atrapalharia as investigações e poderia se transformar num movimento de caça às bruxas. A paranoia policial é como um vespeiro, não pode ser cutucada sem se correr o risco de uma

reação violenta e incontrolável. Daí ele ter preferido trabalhar com um grupo pequeno, mais fácil de controlar e menos propenso a empreender ações espetaculares. Além disso, tinha certeza de que aquela seria uma investigação baseada em pequenos detalhes, não em grandes confrontos. Caso acontecesse uma caçada ao matador de tiras, em poucos dias seria impossível a quem quer que fosse aproximar-se de um policial sem ser recebido com desconfiança ou, em caso extremo, sem correr o risco de ter uma arma apontada para o peito. Espinosa já vira reações parecidas quando os chefes do tráfico de drogas ameaçaram invadir delegacias para recuperar presos. Naquelas ocasiões, porém, o inimigo era facilmente identificável. A ameaça agora era mais aterrorizante porque o inimigo era familiar, morava na mesma casa, sua proximidade era máxima e sua visibilidade mínima.

À noite, em casa, fez o levantamento do que restara do jantar da véspera: um pão italiano inteiro, patê, salmão, boa quantidade de queijo, além de uma garrafa de vinho pela metade. Levou tudo para a sala, juntamente com as lembranças da noite com Irene.

8

Com sua equipe ocupada em investigar a vida dupla dos policiais assassinados e sem poder contar com a proteção de Welber contra o assédio dos repórteres, Espinosa sentia-se especialmente exposto a telefonemas como o que naquele momento recebia do secretário de Segurança:

— ... e, delegado, quanto a essas mortes de policiais... Vou deixar por sua conta o contato com a imprensa, até porque só você mesmo pode dizer alguma coisa. Quando eu dispuser de mais elementos, vou poder aliviá-lo dessa carga.

— Pode deixar, doutor, eu falo com eles.

— Você sabe lidar com esse pessoal. Mesmo sem dizer nada, consegue fazer com que saiam daí como se fossem dar o furo jornalístico do ano.

— Não é por eficiência, doutor, é por preguiça. Não gosto de falar.

— Muito boa, essa. Muito boa. Vou usar essa tática.

Espinosa se sentia especialmente desconfortável por não poder apresentar um suspeito. Era um confronto entre a competência criminosa e a incompetência policial. A imprensa tinha todas as razões para ser insistente, e os tiras todas as razões para estar assustados. Contudo, não considerava a situação inteiramente caótica. Era claro para ele que não estavam matando aleatoriamente. As vítimas tinham um perfil definido: eram policiais do segundo escalão que raramente permaneciam lotados muito

tempo na mesma delegacia, pouco conhecidos, e que nunca tinham se destacado profissionalmente; os três assassinados tinham vida dupla: dois endereços, duas mulheres, e aparentavam um padrão de vida modesto, embora seus bens não fossem nada modestos. Portanto, não era qualquer um que estava sendo morto, era aquele que, além de se encaixar nesse padrão, provavelmente estava envolvido em algum negócio ilegal e perigoso. Como não se sabia qual era esse negócio e como muitos policiais estavam ou estiveram envolvidos em negócios escusos, havia farto motivo para quase todos se sentirem ameaçados. De uma coisa, porém, ele tinha certeza: as mortes não estavam sendo causadas por nenhum vírus desconhecido nem por alguma entidade sobrenatural. A hipótese mais provável era a de um único autor para os assassinatos: um matador profissional contratado para a empreitada. O que escapava a Espinosa era a extensão da empreitada.

Tinha marcado o encontro do grupo para o final daquela manhã. Welber foi o primeiro a passar pelo seu gabinete para confirmar o encontro e saber o local; antes do final da manhã chegaram Ramiro e Artur. Combinaram almoçar na trattoria frequentada por Espinosa, que ficava a uma distância conveniente da delegacia. Espinosa ainda tinha dúvidas quanto à decisão de marcar os encontros do grupo em lugares públicos. A razão da medida era evitar escutas, o que facilmente podia acontecer caso se reunissem na delegacia, mesmo que fosse no seu gabinete. Mas se a medida protegia o grupo de possíveis antecipações dos seus passos, aumentava o sentimento geral de ser um grupo privilegiado.

Ao meio-dia e meia o grupo todo estava reunido e tinha optado por primeiro trocar as informações e depois almoçar. Espinosa não esperava grandes novidades.

— Ramiro começa, depois falam Welber e Artur — disse Espinosa.

— Ainda não tenho nada sobre a mulher de ontem — começou o inspetor Ramiro —, a não ser a certeza de que foi minha entrevista com ela o que provocou sua morte. É mais do que coincidência eu conversar com ela num dia e ela ser morta no outro. Na minha opinião, temos que dar proteção às outras duas o mais rapidamente possível. Sobre os três policiais, nenhuma grande novidade.

Conversei com as mulheres deles. Amantes e esposas sabiam muito pouco sobre os negócios particulares deles, sendo que as esposas não tinham conhecimento da atividade conjunta dos três. É possível que tenham perguntado algum dia pela origem do dinheiro que possuíam e devem ter recebido uma resposta boa o bastante para nunca mais tocar no assunto. No que se refere a possíveis vícios, foram todas unânimes: nenhum deles cheirava ou se picava; não bebiam além da conta e nenhum jogava; não tinham dívidas em bancos nem com agiotas, pelo menos que fosse do conhecimento delas, e socialmente procuravam chamar o mínimo de atenção. Enfim, eram meninos bem-comportados. Só que devem ter esquecido de fazer o dever de casa.

— Welber, Artur...

— Também conseguimos pouca coisa. Profissionalmente, os três cumpriam a rotina, participavam dos trabalhos de rua. Não eram populares entre os colegas, mas não chegavam a ser impopulares, apenas evitavam contato mais próximo. Tem um detalhe interessante no dia a dia deles: os três tinham telefone celular, além de poderem dispor do telefone fixo da delegacia, mas com muita frequência usavam os telefones públicos das redondezas. Nenhum dos colegas sabia o que eles faziam fora do horário de trabalho. Outro detalhe é que nenhum dos carros que tinham na garage estava no nome deles. Parece que mudavam constantemente de automóvel.

— É impossível que tenham mantido durante anos um negócio rentável como parece ser o deles sem que nenhum dos colegas soubesse de nada — disse Espinosa. — Continuem procurando. Enquanto não soubermos que negócio está por trás dessas mortes, vamos continuar às cegas. A morte dessa mulher acrescentou uma preocupação extra. Assim que sairmos daqui, procurem as duas outras e tentem convencê-las a se afastarem durante um tempo. Meu medo é que, depois das amantes, resolvam acabar também com as esposas.

A luminosidade intensa do verão era atenuada pelas cortinas rendadas nas janelas, mas, apesar do ambiente agradável e da promessa de boa comida, Artur tamborilava compulsivamente os

dedos na borda da mesa enquanto Ramiro partia palitos com os dentes.

Até a chegada dos risotos.

Terminado o almoço, Ramiro voltou ao apartamento de Celeste, na praia de Botafogo. Das três, era a que morava melhor e a que levava vida menos reclusa. Tinha estado com ela dois dias antes e ficara impressionado com seu senso crítico não apenas em relação a Nestor como em relação à polícia em geral. Bonita, jovem, corpo bem-feito, fizera alguns shows em teatros de revista até conhecer Nestor, quando então ele a convencera a abandonar o teatro e a ajudá-lo nos negócios. Dizia que a inteligência dela estava sendo desperdiçada numa atividade em que bastava exibir o corpo. Enquanto tocava a campainha, Ramiro se lembrava da voz agradável dela. Quando, depois de repetidos toques, ninguém respondeu, desceu à procura do porteiro.

— Sei de quem o senhor está falando, mas não me lembro da última vez que vi dona Celeste.

— Você está aqui na portaria desde de manhã?

— Estou, sim senhor.

— E não se lembra de ter visto dona Celeste?

— Não me lembro, não senhor.

— Faça um esforço, ela é uma mulher bonita, difícil de a gente esquecer.

— É verdade, mas não me lembro, não senhor.

Ramiro achou exagerado o esforço do porteiro para se lembrar da mulher: mais parecia estar se esforçando para esquecer do que para lembrar.

— Alguém esteve procurando por ela nestes últimos dias?

— Algum homem, o senhor quer saber?

— Homem, mulher, tartaruga, qualquer coisa, merda. Você prefere continuar conversando aqui, ou prefere conversar na delegacia?

— Não, doutor, está bem aqui, só que não me lembro.

— A que horas você larga o serviço?

— Às seis horas, doutor.

— Não sou doutor porra nenhuma, sou o inspetor Ramiro, da Décima segunda DP. Às seis horas volto aqui para conversarmos, e se até lá você não tiver se lembrado de nada, vamos até a delegacia tomar um remédio para a memória.

— Só me lembro de ter visto ela carregando uma mala.

— Viu? Está se lembrando de alguma coisa. O remédio já está fazendo efeito.

— Quê...?

— Ela estava entrando ou saindo do prédio?

— Acho que estava saindo.

— E quando foi isso?

— Acho que foi ontem... É, foi ontem... No final da tarde, agora me lembro, eu estava para largar o serviço.

— Agora só falta um detalhe para você recuperar toda a memória. Antes de ela sair com a mala, alguém passou por aqui procurando por ela?

— Isso eu não sei, doutor. Nem sempre dá para ver quem toma o elevador. A pessoa pode entrar junto com um morador.

— Se você se lembrar de mais alguma coisa, aqui está o meu telefone.

Quando saiu do prédio, Ramiro teve um choque causado pelo contraste entre a penumbra do interior do edifício e a intensa luminosidade exterior. Durante uns poucos segundos ficou olhando para a enseada de Botafogo repleta de barcos a vela, com o Pão de Açúcar ao fundo. A beleza do cenário não o impressionou. O que despertou seu interesse foi a visão de alguns veleiros milionários ancorados perto do Iate Clube. Sem nenhum sentimento estético de perda, deu as costas para a paisagem e subiu a rua São Clemente em direção ao metrô.

A estação Glória é a quarta depois da estação Botafogo. Tempo suficiente para Ramiro selecionar as perguntas que ia fazer a Aparecida. Nunca fazia isso, normalmente deixava as perguntas surgirem no decorrer da entrevista, mas no metrô, sem paisagem para ver pela janela e sem um colega para conversar, imaginou o encontro que teria dali a minutos.

O prédio era maior do que o de Celeste e o porteiro igualmente pouco cooperativo.

Meia hora mais tarde, era o que Ramiro estava dizendo para Espinosa, Welber e Artur.

— A tarde estava terminando quando toquei a campainha do apartamento. Toquei uma, duas, três vezes, ninguém respondeu. Se ela estivesse dormindo, com a porta do quarto fechada e o ar-condicionado ligado, talvez não escutasse a campainha. Desci e perguntei ao porteiro. Respondeu que não podia saber das entradas e saídas de todos os moradores, que ela devia estar em casa, que havia saído de manhã para ir ao supermercado, mas que voltara logo depois, e que ele não a vira sair novamente. Subi e toquei a campainha mais algumas vezes, até que resolvi tentar abrir a porta. Não foi necessário nenhum esforço, ela não estava trancada, foi só eu girar a maçaneta e a porta abriu. Eu me lembrava, da minha outra visita, que a porta dava diretamente para a sala e que logo à esquerda ficava o corredor que leva aos quartos. Continuava achando que ela estava em casa, principalmente depois do que o porteiro dissera. Abri a porta devagar e estiquei a cabeça em direção ao corredor, para tentar escutar alguma coisa. Foi a minha mancada. Acordei não sei quanto tempo depois, com o barulho da campainha e com uma puta dor na cabeça. Estava deitado ali no chão e a porta estava fechada. A campainha não parava de tocar. Abri a porta e dei de cara com o porteiro, que gritava, perguntando o que eu estava fazendo aqui dentro, quem eu era, e que ia chamar a polícia; foi quando me dei conta do que tinha acontecido. Deixei o porteiro gritando e fui aos trancos, me apoiando nas paredes, para dentro do apartamento. Ela estava no banheiro, dentro do boxe, nua e molhada, com um buraco no meio do peito. O chuveiro ainda estava aberto. Telefonei para você. Não deixei ninguém entrar. A única coisa que fiz, além de fechar a torneira do chuveiro, foi pegar este saco de plástico na cozinha e encher de gelo.

Estavam os quatro na sala e a perícia ainda não chegara. Ramiro segurava o saco com gelo sobre a cabeça. Espinosa fez entrar o porteiro.

— Boa noite. Sou o delegado Espinosa, da Décima segunda DP. Sei que já passou da sua hora, mas precisamos fazer-lhe algumas perguntas.

— Sim senhor.

— Quem estava com ela no apartamento?

— Ninguém... Quer dizer, não vi ninguém.

— Mas você é o porteiro?

— Sou, mas não posso saber de tudo o que acontece.

— Quem você viu entrar no prédio, no fim da tarde, sem ser morador?

— Só me lembro dele — e apontou para Ramiro.

— Sem ser eu, merda!

— Não me lembro de ninguém, já disse, só me lembro do senhor.

— Como é o seu nome?

— Waldir... com dáblio.

— Waldir, o que aconteceu aqui foi assassinato. Alguém entrou, agrediu o inspetor Ramiro e matou dona Aparecida. Se for necessário, levamos você para a delegacia para prestar depoimento, vai ser muito mais desagradável, além de tomar muito mais tempo. Portanto, deixe de fingir que não sabe nada e responda às perguntas.

— Está bem.

— Quem veio visitar dona Aparecida ultimamente?

— A única pessoa homem que visita dona Aparecida é o namorado dela, seu Silveira. Foi ele que alugou o apartamento para ela. É um homem muito distinto.

— E dá boas gorjetas.

— Não é por isso...

— Tudo bem, Waldir. Continue.

— Às vezes ele dá uma gratificação. Eu ajudo dona Aparecida sempre que ela precisa.

— E além dele, quem mais?

— Mais ninguém. Às vezes uma vizinha aqui do prédio, mas ninguém de fora. Algumas vezes aparece uma colega do trabalho, mas não é sempre.

— E esta tarde você não viu ninguém desconhecido subir para o andar dela?

— Não senhor. Às vezes tenho que sair da portaria por uns instantes para ir ao banheiro, e não posso ver se entrou alguém junto com um morador.

— Tudo bem, Waldir. De qualquer maneira você vai ter que repetir seu depoimento na delegacia. Se até lá se lembrar de alguma coisa, pode acrescentar ao depoimento. Welber, anote o nome completo dele, o endereço e o telefone da portaria do prédio. — Depois, voltando-se para o porteiro:

— Agora vá para casa e procure se lembrar de alguém, algum homem desconhecido, que tenha entrado no prédio no final da tarde. E, lembre-se, trata-se de assassinato, não de uma bobagem sem importância. Qualquer detalhe, mesmo que pareça insignificante, pode nos ajudar a descobrir quem matou dona Aparecida.

— Sim senhor.

— Como está a cabeça? — perguntou a Ramiro.

— *On the rocks.*

— Conseguiu se lembrar de mais alguma coisa? Algum detalhe do agressor? Se o cara era alto ou baixo, branco ou preto...?

— Delegado, só percebi que tinha acontecido alguma coisa quando ouvi o barulho da campainha feito um carro de bombeiros dentro da minha cabeça. O cara devia estar escondido atrás da porta. Me deu duas pancadas. Devo ter apagado logo com a primeira. Sei que foram duas porque estou com dois galos em lugares diferentes. Depois de me derrubar, deve ter descido pela escada. É o que eu acho. Não vi absolutamente nada.

— E a terceira?

— Qual terceira, delegado?

— Não eram três mulheres?

— Ah, sim. Chama-se Celeste, era namorada do Nestor. Antes de vir para cá, passei no apartamento dela. O porteiro disse que ela tinha saído carregando uma mala.

— Quando foi isso?

— Ontem.

— É melhor verificar. Se ela estiver fugindo para se proteger, vai ser difícil encontrá-la.

Espinosa esperou a chegada da perícia para então comunicar a morte ao IML. Não queria mais gente andando pelo apartamento.

— Delegado — continuou Ramiro —, fomos nós que chamamos a atenção do assassino para essas mulheres, fomos nós que provocamos a morte delas. Se eu não saísse por aí interrogando as moças, elas ainda estavam vivas.

— Não fomos nós que provocamos coisa nenhuma. Não deixe esse saco de gelo congelar suas ideias. Sugiro que você vá para casa descansar.

Quando Welber e Artur saíram, Freire já tinha vasculhado o apartamento e ido embora com seu bocado de envelopes plásticos.

A ida de Welber e Artur ao prédio de Celeste nos dias subsequentes resultou em nada. Ela não voltara para casa.

PARTE II

1

Eram vários vestidos estendidos sobre a poltrona e pendurados nos puxadores das portas dos armários. Não se decidira se iria vestida de preto, de branco, se com um vestido decotado ou se com um muito decotado. Ao marido parecia não importar muito, estava mais preocupado com a homenagem ao colega de pós-graduação em Harvard convidado a integrar a equipe econômica do governo. Ele próprio, dois anos antes, fora alvo de homenagem idêntica. Serena pensava em como eram iguais aquelas comemorações. Dois ou três figurões do governo e um bando de jovens economistas, cada um dos quais convencido de ser o próximo salvador da pátria. Os momentos que as precediam, ao contrário, eram vividos com prazer pelo que estimulavam o pensamento e davam lugar a fantasias. Na festa propriamente dita, se entrasse com um vestido transparente sem nada por baixo talvez não provocasse nenhuma comoção nos homens presentes, sobretudo nos mais jovens, pelo menos nada que pudesse se comparar à notícia de uma nova medida econômica. As mulheres tinham todas a pele muito clara, os cabelos muito louros, os olhos muito azuis. Padrão anglo-saxão de qualidade.

Voltou-se novamente para a escolha do vestido e abriu a janela para sentir a temperatura externa. O apartamento, no décimo andar de um prédio de esquina na avenida Atlântica, no Leme, tinha a sala voltada para o mar e os quartos para uma pequena rua lateral.

O cheiro do mar fez com que ela olhasse na direção da praia. A espuma das ondas, iluminada contra o escuro da noite, brilhava como se fosse fosforescente. Estava havia algum tempo olhando o mar e ia fechar a janela quando percebeu a movimentação no apartamento em frente, do outro lado da rua, a uma distância de menos de vinte metros. Uma mulher gesticulava e andava de um lado para o outro, entrando e saindo da área de visão enquadrada pela janela. Falava com outra pessoa, alguém que parecia um homem de boné. Serena ouvia o som da voz, mas não conseguia distinguir o que a mulher dizia.

De repente, viu o que lhe pareceu uma bolsa sair voando pela janela. Viu a alça no ar enquanto o objeto caía em direção à rua, na semiescuridão do espaço entre os dois prédios. Debruçou-se e olhou para baixo, procurando localizá-lo, depois voltou a olhar para o apartamento em frente. Havia uma pessoa também olhando para a rua. Olhou de novo para a calçada, esperando que a mulher descesse para pegar a bolsa que parecia estar junto ao meio-fio, numa região pouco iluminada devido à sombra de uma árvore. Ainda estava tentando ver melhor a bolsa quando um objeto maior passou por seu campo visual, caindo sobre a calçada com um impacto e um barulho inconfundíveis mesmo para alguém que nunca vira uma pessoa despencar do alto de um prédio. Serena olhou horrorizada o corpo de mulher contra a calçada, braços e pernas em posições que lembravam uma boneca quebrada. As pessoas se aproximavam do corpo e desviavam o rosto e, enquanto um grupo delas se aglomerava em torno, pareceu a Serena que alguém pegava a bolsa e se afastava do local. Quase sem mover a cabeça, Serena levantou os olhos para a janela do apartamento em frente. As luzes continuavam acesas, mas não havia ninguém na janela.

2

Welber e Artur voltaram seguidas vezes ao prédio da praia de Botafogo, à procura de Celeste. Segundo os porteiros, ela não voltara ao apartamento nem dera notícias. Na tarde de quarta-feira, uma semana depois de ela ter desaparecido, Espinosa entrava na sua sala, de volta do almoço, quando Ramiro entrou atrás dele.

— Delegado, Celeste ligou. Quer falar com o senhor.

— Quem atendeu ao telefonema?

— Eu mesmo.

— Por que ela queria falar comigo? Ela não me conhece.

— Quando falei com ela da primeira vez, ela disse que sabia quem era o senhor, que o Nestor tinha contado histórias a seu respeito.

— Como foi o telefonema?

— Confuso. Ela devia estar falando de um orelhão, num lugar movimentado; tinha muito barulho, eu mal escutava o que ela dizia.

— E o que conseguiu ouvir?

— Que ela quer se encontrar com o senhor.

— Quer se encontrar comigo ou quer falar comigo?

— As duas coisas. Primeiro, queria falar com o senhor, mas como o senhor não estava...

— Ela disse o que queria comigo?

— Disse que estava com medo...

— Medo de quê?

— Estava muito nervosa, falando muito depressa e confusa.

- Você perguntou onde ela estava?
- Foi a primeira coisa que perguntei. Ela não quis dizer. Disse que não confiava na polícia.
- Ela disse assim? Que não confiava na polícia?
- Disse.
- Se não confia na polícia, por que estava telefonando para mim numa delegacia de polícia?
- Foi o único número de telefone que deixei com ela.
- Como terminou o telefonema?
- Ela desligou de repente.
- Por alguma coisa que você tenha dito?
- Acho que não, só perguntei mais uma vez onde ela estava.
- Só isso?
- Perguntei também se ela precisava de ajuda.
- O que ela respondeu?
- Desligou.
- Ela vai voltar a telefonar. Se eu não estiver aqui, dê o número da minha casa. Não faça mais perguntas, ela deve estar assustada e desconfiada. Não se esqueça de que ela foi durante anos amante do Nestor, conhece o meio, deve ter aprendido a suspeitar das pessoas, mesmo por telefone.

À noite, em casa, Espinosa não fez a menor questão de olhar o que estava escrito na embalagem da massa congelada: meteu-a no micro-ondas e foi para a sala. Apesar de morar sozinho, recusava-se a comer de qualquer jeito, sentado num banquinho de cozinha, olhando para a parede de azulejos distante alguns palmos de seu nariz. Levou o prato com massa e uma lata de cerveja para a mesa da sala e sentou-se de frente para a janela, olhando as luzes nos morros distantes. Não ligou o som. Somente o fazia em ocasiões especiais, nunca como ruído de fundo. Dispôs-se a comer sem pressa, e logo na primeira garfada, uma surpresa: a massa estava gostosa e não era espaguete, mas lasanha à bolonhesa, decerto sobrevivente de alguma das últimas compras feitas por Irene.

Pelo que Ramiro tinha averiguado, os bens dos policiais mortos não haviam sido adquiridos de uma só vez, mas ao longo dos anos, o que apontava para uma fonte de renda regular e constante, e não para dinheiro ganho num grande e único golpe. As amantes também não eram aquisições recentes. Deviam ter presenciado muitos encontros, participado de muitas conversas, escutado confidências.

Duas das amantes, Espinosa só vira mortas. De Celeste, única sobrevivente, dispunha apenas da descrição feita por Ramiro: jovem, bonita e inteligente. Certamente soubera da morte das outras duas e devia estar empregando toda a sua inteligência para escapar do matador. Provavelmente estava com pouco dinheiro e, pelo telefonema para a delegacia, era evidente que não saíra da cidade. Deixara às pressas o apartamento, carregando apenas uma sacola, e quem sai assim deixa muita coisa para trás, se esquece de coisas importantes, sente que precisa voltar, mas tem medo... e acaba tendo de pedir abrigo na casa de alguém — e é quando se expõe. Prevendo a possibilidade de isso acontecer, o delegado encarregara Welber de procurar suas antigas amigas, do tempo em que fazia teatro de revista.

Terminada a lasanha, ficou na meia-luz da sala tempo suficiente para mais duas latas de cerveja saboreadas devagar. Ainda estava com a roupa com que chegara do trabalho, apenas esvaziara os bolsos e deixara a carteira e a arma sobre a cômoda do quarto. Não era o que costumava fazer. Sempre tomava banho logo ao chegar, mas naquele dia, sem motivo, quebrou o hábito. Depois de levar prato, talheres e latas para a cozinha, voltou para a sala, sentou-se na cadeira de balanço, sua preferida, cruzou as mãos atrás da cabeça e continuou a olhar para os prédios do outro lado da praça e para as luzes dos morros. O som permaneceu desligado, da mesma forma que o livro que estava lendo continuou sobre a mesa, esperando que ele percorresse os cento e cinquenta dias até a execução. No passo em que ia, o livro seria lido em tempo real. Passada quase uma hora, deu-se conta da natureza não aleatória da quebra de hábito naquela noite: estava à espera do telefonema de Celeste.

Celeste não telefonou. Às onze e meia, depois que ele tomara banho e se deitara para assistir a um filme na televisão, o telefone tocou e ele atendeu imediatamente. Era Welber.

— Desculpe a hora, mas achei que era importante.

— O que foi?

— Encontrei umas antigas colegas de Celeste, aliás, Carmem Rios, seu nome artístico antes de conhecer Nestor.

— Onde você está?

— Numa boate em Copacabana.

— Sozinho?

— Com o Artur. Já estávamos indo embora quando chegaram as moças. O show começa à meia-noite. Tivemos tempo de conversar com elas. Resumindo: consegui o endereço de uma delas, que é amiga de Celeste até hoje.

— E?

— Ela não faz o mesmo show e nenhuma das outras sabe em que boate está trabalhando no momento, mas sabem o endereço de onde ela mora. Disseram que um coroa, figura importante no governo, mantém um apartamento para ela. Quer que eu vá lá agora?

— Se ela trabalha em teatro de revista, não deve estar em casa a esta hora; além do mais, não sabemos quem é o coroa. Ele pode criar caso: é melhor falarmos com ela amanhã de manhã.

— De manhã elas dormem, é melhor procurarmos depois do almoço. Depois do *nosso* almoço, porque o almoço delas deve ser quase no final da tarde.

— Está bem. Vocês fizeram um bom trabalho.

3

Serena e Guilherme desceram de elevador até a garage, entraram no carro e somente quando saíram à rua voltaram a falar. Estavam em silêncio desde o momento em que ela concordara em ir ao jantar depois do que vira.

— Olhe! Ainda não tiraram o corpo. Vamos perguntar o que aconteceu.

Dobraram a esquina e pararam defronte da portaria do próprio prédio. Guilherme deu duas buzinas curtas e o porteiro chegou até o carro.

— Sim, doutor.

— Sebastião, o que aconteceu?

— A moça se atirou do décimo andar, doutor.

— Você conhecia? — perguntou Serena.

— Parece que era prima da moradora do mil e dois. Eu não cheguei perto para olhar, mas foi o que o porteiro do prédio disse.

— E a bolsa? Vi quando pegaram a bolsa dela.

— Ninguém falou nada de bolsa, dona Serena.

— Mas tinha uma bolsa... foi jogada pela janela, eu vi.

O marido pousou a mão no ombro da mulher, ao mesmo tempo que agradecia ao porteiro e apertava o botão para levantar o vidro da janela do carro.

— Vamos, meu bem.

— Guilherme, eu vi a bolsa ser jogada! Assim como vi, depois...

— Mas não adianta você discutir isso com o nosso porteiro. Não adianta você falar isso para ninguém, a não ser para a polícia, e acho que você não vai querer fazer isso.

— Por que não?

— Porque é procurar aborrecimento.

— Estranha, sua ideia de cidadania.

— Querida, isto aqui não é Washington.

— Sorte nossa.

O jantar não foi tão desagradável quanto ela imaginara que seria, e as mulheres não eram todas tão louras e de olhos tão azuis quanto as da reunião anterior. Quem estava desinteressante e sem graça era ela. A beleza e a sensualidade que encantavam os homens estavam diminuídas pelo silêncio pesado com que atravessou a noite.

Na manhã seguinte procurou alguma notícia sobre o suicídio. Mandou a empregada comprar os jornais mais populares e mais afeitos a acontecimentos violentos. Não havia a menor referência ao fato. Depois do café, vestiu roupa de quem ia correr no calçadão da avenida Atlântica e passou pela portaria do prédio em frente. Com o jornal debaixo do braço, puxou conversa com o porteiro, que estava acostumada a ver sempre que saía de casa a pé.

— Bom dia.

— Bom dia, dona.

— Não saiu nenhuma notícia nos jornais sobre a moça.

— Ah, mas não era pra sair mesmo.

— Por que não?

— O doutor não ia deixar.

— Que doutor?

— Doutor Eliezer, o dono do apartamento.

— Eliezer de quê?

— Não sei, dona, só sei que o nome dele é doutor Eliezer.

— E o doutor Eliezer é assim tão poderoso?

— Não sei se ele é poderoso, dona, mas manda bastante.

— Sei. E era ele que estava com a moça quando ela caiu?

— Não tinha ninguém com a moça, ela estava sozinha.

— Tem certeza?

— Como tenho certeza de que a senhora está aqui na minha frente.

— E a bolsa dela?

— Que bolsa, dona?

— A bolsa que caiu junto com ela.

— Não tinha bolsa não senhora.

— Ah, então eu me enganei. Pensei ter visto uma bolsa cair.

— A única coisa que caiu foi a moça.

— Que ela tenha encontrado descanso.

— Amém.

— Até logo.

— Até mais, dona.

Serena largou o jornal na primeira lixeira e em vez de atravessar as duas pistas da avenida Atlântica voltou para casa. Pensava melhor sentada numa poltrona do que andando na rua, onde as fontes de distração eram inúmeras, a começar pelo próprio mar. Sem trocar o tênis nem a bermuda, foi para o cômodo que o marido usava como escritório, sentou-se na cadeira da escrivaninha, afastou o computador, pegou algumas folhas de papel e lápis, e começou a rabiscar.

Ao fim de uma hora anotara nomes, enumerara perguntas, desenhara setas e chegara a fazer um esboço grosseiro da trajetória da queda da bolsa e da mulher. Depois de algumas folhas amassadas e lançadas na cesta de papéis, rabiscou a conclusão a que chegara: a mulher não tinha se suicidado nem caído acidentalmente.

— Serena, isso não faz sentido, a polícia esteve lá, interrogou as pessoas, examinou o apartamento, e todos concordam que a mulher se jogou, e agora vem você com essa história de assassinato. Isso é muito grave. Ninguém faz uma afirmação dessas sem ter que arcar com as consequências.

— Não estou afirmando que foi assassinato. Estou apenas contrapondo à conclusão da polícia, aliás muito apressada, uma outra hipótese.

— Mas você não pode contrapor suas fantasias ao laudo pericial. Isso não é brincadeira, Serena.

Serena voltou ao silêncio. Não tornou a comentar o que vira da janela. A mulher devia regular com ela em idade, e decidiu que não deixaria as coisas ficarem ao sabor dos interesses do “doutor”, quem quer que ele fosse.

Por volta do meio-dia viu, da janela do seu quarto de vestir, movimento no apartamento em frente. Eram vários homens em uniforme de trabalho. Olhou para a rua, e viu um pequeno caminhão de mudanças parado junto à calçada. Nas horas seguintes voltou várias vezes a seu posto de observação, até constatar que o caminhão não estava mais lá e que não havia mais ninguém visível no apartamento. No final da tarde viu chegarem outros homens, diferentes dos anteriores. Nenhum caminhão estacionado na rua. Pouco antes da hora do jantar, quando se aprontava, depois do banho, viu luzes no apartamento e homens com escadas e rolos de tinta, pintando as paredes. Durante o jantar, não tocou no assunto.

— Ainda está pensando no acidente de ontem à noite?

— De jeito nenhum. Além do mais, como diziam nossos avós, “o que não tem remédio, remediado está”.

— Melhor assim. Não há nada mesmo que você possa fazer.

Quando foi trocar de roupa para dormir, os homens continuavam pintando o apartamento. Dormiu inquieta e acordou duas vezes durante a noite. Em ambas as vezes foi ao quarto de vestir. Havia luz no apartamento em frente.

Não tinham arma em casa. Ou achava que não tinham. Caso o assassino voltasse para matá-la, ela precisaria de uma arma para se proteger, embora nunca na vida tivesse atirado com uma arma de fogo. Pelo menos, não que se lembrasse. Guilherme consideraria absurda a ideia de terem um revólver, e mais absurdo ainda adquirir um para fazer face a uma ameaça que achava fantasiosa.

Pela manhã, não havia mais nenhum movimento no apartamento em frente.

* * *

Embora morasse na avenida Atlântica, Guilherme Afonso Rodes nunca pusera os pés nas areias da praia de Copacabana. Desde

pequeno frequentara as piscinas dos clubes, e quando se aventurava por águas salgadas, era nas praias do Mediterrâneo. Fora educado para encarar lugares públicos populares como fontes prováveis de doenças parasitárias e de comportamentos pouco civilizados. Praia estrangeira era diferente, não causava micose. Fora alfabetizado em inglês; durante anos, quando tinha de realizar mentalmente uma das quatro operações, ela era feita em inglês, e não em português. Daí a convulsão familiar provocada pelo anúncio do seu noivado e posterior casamento com Serena, que nunca se banhara em mares estrangeiros. Mas, diferentemente do que a família imaginara, a transformação mais importante não fora a operada em Serena pela ação de Guilherme Afonso Rodes, mas a realizada por ela na cabeça burocrática do marido. Num meio onde imperava a prudência, a recém-adquirida ousadia de Guilherme era reconhecidamente obra da bruxa Serena.

Domingo era dia de golfe para o marido — esporte praticado pelo novo ministro da Economia —, e Serena pôde se dedicar com calma a sua pesquisa. Com a seção de classificados de cada jornal aberta sobre a mesa da sala, percorreu a lista dos apartamentos para alugar. Procurou por bairro, por tipo de imóvel, por preço, até imaginar que, em vez de alugar, o proprietário podia estar querendo vender o imóvel. Passou novamente em revista as seções de classificados, procurando apartamentos para vender no Leme. Nada. Talvez ainda não tivessem acabado de pintar, talvez estivessem verificando as instalações elétrica e hidráulica, talvez ele tivesse resolvido dar um tempo; as pessoas não gostam de ocupar um imóvel onde alguém se suicidou. A alma pode estar penando sem conseguir se libertar. O fato é que o apartamento não estava anunciado nem para alugar, nem para vender.

Vestiu bermuda, camiseta e tênis, e desceu. Era quase meio-dia e o calor estava insuportável. Atravessou a rua e procurou o porteiro do prédio.

— Bom dia.

— Bom dia, dona.

— O senhor sabe se o doutor está querendo alugar o apartamento? Tenho uma amiga que está procurando...

- Ah, dona, ele quer alugar por temporada.
- Já está alugado?
- Ainda não. Pode ser que ele alugue sem ser por temporada.
- É, quem sabe... De qualquer forma, obrigada.
- De nada, dona.

Não havia dúvida. Estavam eliminando os vestígios do acontecido, o que tornava inviável uma nova investigação do local. Isso apenas reforçou em Serena a certeza do não suicídio. Voltou para seu apartamento e ficou olhando da janela do quarto de vestir, esperando a cena daquela noite se materializar para ela.

Passada meia hora, Guilherme telefonou do clube perguntando se ela não gostaria de se encontrar com ele para almoçarem juntos.

— Pode ser aqui mesmo, no clube. Se quiser, mando o motorista te pegar.

— Não, querido, está fazendo muito calor e prefiro ficar em casa, estou aproveitando para pôr umas coisas em ordem.

— Está bem. Beijo.

— Beijo.

No catálogo de telefones, procurou o número da polícia civil e perguntou pela delegacia que abrangia o Leme.

— Décima segunda DP, senhora, na rua Hilário de Gouveia.

Anotou endereço e telefone. Pensou que o melhor seria telefonar no dia seguinte, segunda-feira, dia de expediente normal. Os delegados também deviam descansar aos domingos.

4

O suicídio ocorrido na noite de sexta-feira só foi comunicado a Espinosa na manhã de segunda-feira, quando o corpo, depois de removido para o Instituto Médico Legal e autopsiado, já fora liberado e entregue aos familiares.

— Quem foi ao local da ocorrência?

— Ferreira. Era quem estava de plantão.

— Quem foi com ele?

— Ninguém, ele foi sozinho. Estava na hora do jantar e...

— Ferreira não colheu depoimento de ninguém?

— Disseram que não havia necessidade.

— Como, não havia necessidade? Uma mulher cai do décimo andar de um prédio residencial e o policial encarregado da diligência acha que não há necessidade de depoimento?

— Parece que recebeu instruções...

— Recebeu instruções?!

O diálogo entre Espinosa e Ramiro acontecia no gabinete do delegado.

Pelo telefone interno o delegado convocou o detetive Ferreira ao gabinete enquanto Ramiro procurava, sem muita convicção, aliviar a barra do detetive.

— Delegado, Ferreira não é muito inteligente. Parece que ele recebeu um telefonema de alguma autoridade, ficou assustado...

— Que autoridade?

— Não sei bem, parece que foi do palácio.

— Palácio? Mas que palácio, porra?

Ferreira entrou nesse exato momento.

— Bom dia, delegado, o senhor me chamou?

— Claro que chamei. Por que você não colheu o depoimento de ninguém, no caso da mulher que se suicidou?

— Cheguei a falar com algumas pessoas, delegado, e fui ao apartamento da vítima, mas assim que desci um policial do carro que atendeu ao chamado disse que estavam querendo falar comigo e me estendeu um telefone celular. Era do gabinete do secretário, dizendo que como se tratava obviamente de suicídio não havia necessidade de colher depoimentos dos vizinhos nem de uma investigação mais extensa. Que a mulher estava sozinha em casa, que não havia sinais de violência, que tudo estava no lugar e que a porta estava fechada. Não sei como sabiam de tudo aquilo, mas era verdade, eu mesmo vi. O homem que estava no telefone disse que não havia necessidade de instaurar inquérito.

— Quem era o homem?

— O doutor que telefonou do gabinete do secretário.

— E você esqueceu o nome do doutor?

— Ele estava falando do gabinete. Não sei se era gabinete do secretário ou gabinete do governador, ele falou muita coisa e disse muitos nomes, disse que conhecia o senhor, me disse que não incomodasse o senhor tarde da noite, que eles cuidariam de tudo.

— E a mulher, quem era ela?

— Que mulher, delegado?

— A morta, porra!

— Era uma prima da moradora.

— E a prima da moradora não tem nome?

— Ninguém sabia dizer.

— Como, ninguém sabia dizer? A moradora não sabia o nome da prima?!

— Devia saber, delegado, mas desapareceu.

— Desapareceu?

— É.

— E o nome da moradora, também não é sabido?

— O nome dela é dona Rosita, delegado. É protegida de alguém conhecido. Parece que quando a moça se atirou pela janela ele estava numa reunião com o governador.

— O que explica o fato de o corpo já estar autopsiado e enterrado.

— Mas não há dúvida quanto ao suicídio, delegado. Ela estava sozinha no apartamento. E dizem que era muito deprimida e que estava em crise, tomando remédio, essas coisas.

— “Dizem” quem? O chefe ou o subchefe?

— Foi o comentário que ele fez no telefone.

— Vamos abrir o inquérito...

— Mas e o...

— ... nem que seja para ficar aberto. Vá ao IML e peça uma cópia do laudo do legista. Se o laudo ainda não estiver pronto, converse com ele e pergunte o que encontrou. Quero saber se a vítima estava drogada, que tipo de medicação estava tomando, tudo o que você conseguir dele. Pegue o nome do familiar que reclamou o corpo.

Na tarde desse mesmo dia, Welber e Artur foram ao endereço de Rosita, amiga de Celeste, fornecido pelas moças da boate. Era um prédio antigo de dez pavimentos, no Leme, com apartamentos pequenos, situado a poucos metros da avenida Atlântica. Mesmo que ela não tivesse estado recentemente com Celeste, havia a possibilidade de ser procurada por ela, e era nisso que os dois policiais estavam apostando. Quando se identificaram com o porteiro, foram atendidos com solicitude raramente encontrada pela polícia naquela categoria de profissionais.

— O doutor avisou que os senhores vinham.

Welber achou melhor não perguntar a qual doutor o porteiro estava se referindo. Os detetives também não sabiam como o “doutor” tomara conhecimento da visita deles, e muito menos a razão pela qual dera instruções ao porteiro para ser cooperativo.

— O senhor pode avisar dona Rosita de que estamos aqui?

— Dona Rosita?

— É.

— Mas dona Rosita não está aqui.

— Ela saiu?

— Vocês não sabem? — A troca do “senhores” pelo “vocês” foi acompanhada por repentino esfriamento na atitude do porteiro.

— Não sabemos o quê?

— Quem são vocês? Não foram mandados pelo doutor?

— Fomos mandados pelo doutor sim, aqui estão nossas identificações, o que não sabemos é se o nosso doutor é o mesmo seu, o nosso é o delegado titular da Décima segunda DP, o que é suficiente. Agora faça o favor de dizer se dona Rosita está em casa.

— Dona Rosita sumiu desde que a prima dela se atirou pela janela.

— O quê?!

— A prima dela se atirou lá de cima, na sexta-feira.

Welber e Artur tentaram segurar a pose, mas estavam muito chocados para fingir indiferença.

— Puta que pariu, o caso do Ferreira!

— Que caso do Ferreira? — perguntou o porteiro.

— Quem era a mulher que se jogou?

— Já falei. Era prima de dona Rosita. Chegou faz poucos dias.

— Qual era o nome dela?

— Acho que era Ângela.

— E como ela era?

— Também muito bonita, pareciam mais irmãs que primas.

— Você viu ela morta?

— Não fiz como certas pessoas que só falta passar a mão na defunta...

— E dona Rosita, que fim levou?

— Ela desapareceu. Nem chegou a ver a prima morta. Não veio nem pegar as coisas dela. Parece que o doutor mandou ela passar uns dias fora. Pra esquecer.

— Dona Rosita morava sozinha?

— Morava. O doutor não quer ninguém morando com ela. O apartamento é dele e é ele que mantém ela, mas não moram juntos, ele tem família.

— Ela recebia visitas?

- Como assim?
- Visitas. Tinha amigos ou amigas que vinham vê-la?
- Amigos não. O doutor não queria. De tempos em tempos aparecia uma amiga. O doutor também não gostava, mas deixava. Como essa moça. Só que ela não era amiga, era prima.
- A prima estava sozinha em casa, quando caiu?
- Estava, parece que estava, eu tinha acabado de pegar no serviço. Eu pego às oito horas, e a coisa aconteceu perto das nove. Não vi a hora que ela chegou. Nem sei se tinha saído. Ela quase não saía de casa.
- Quem veio aqui depois do que aconteceu?
- Primeiro vieram os policiais da patrulha, depois veio um policial à paisana, depois vieram mais outros dois, também à paisana, de terno e gravata, que trabalhavam no palácio; foram eles que resolveram tudo. Não demorou a vir um rabeção, que levou o corpo. Os de terno subiram e ficaram mais de uma hora lá em cima no apartamento. Saíram levando uma mala.
- E depois o doutor mandou uma boa gratificação para você. O porteiro ficou em silêncio olhando para os dois policiais.
- Nós vamos subir? — perguntou Artur a Welber.
- Os homens do doutor não devem ter deixado nada para ser visto. Vamos embora, o delegado tem de saber disso imediatamente.

O fim de semana sem um telefonema de Irene, apesar dos recados deixados por ele na secretária eletrônica, não contribuiu para atenuar o desconforto da manhã quente de segunda-feira. Espinosa caminhava devagar, procurando o lado da sombra no curto trajeto entre sua casa e a delegacia.

— Delegado, o senhor chegou bem na hora. Tem uma mulher querendo falar com o senhor no telefone. Não quer dar o nome, e só fala com o senhor. Ainda está no aparelho.

— Pode passar a ligação para a minha sala.

Se fosse Celeste, teria ligado para o seu apartamento. Acabou subindo os dois lances de escada mais rapidamente do que pretendia. Quando atendeu, estava suando.

- Alô, é o delegado Espinosa, falando.
- Delegado, tenho uma informação importante.
- Pois não. Quem está falando?
- Vamos deixar o nome para depois, o importante é o que tenho para dizer.
- A senhora pode dizer.
- Preferia que não fosse por telefone.
- Podemos conversar aqui na delegacia.
- Prefiro que não seja aí, delegado. Não podemos nos encontrar em outro lugar?
- A senhora há de convir que não é razoável um delegado se afastar da delegacia para encontrar-se com uma pessoa que diz ter uma informação importante, mas que se recusa a dizer qual é essa informação, uma pessoa que também não aceita comparecer à delegacia e que se nega a dizer o seu nome.
- Tem razão, delegado, mas posso dizer que o motivo do meu telefonema é a morte de uma mulher que caiu do décimo andar de um prédio no Leme nesta sexta-feira.
- Sei a qual caso a senhora está se referindo: o da moça que se suicidou.
- Esse é o ponto, delegado. Não foi suicídio.
- De onde a senhora está falando?
- De um telefone público, na esquina do prédio da vítima.
- Posso me encontrar com a senhora nessa mesma esquina de onde a senhora está falando, ao meio-dia. Está bom assim?
- Espero o senhor.
- Vou chegar de táxi e saltar carregando na mão o paletó.

Naquela parte do Leme, as quadras eram compridas mas estreitas, sendo que no trecho indicado pela mulher havia apenas um prédio de cada lado da rua. Um deles, de onde a vítima caíra, tinha um telefone público na esquina. Espinosa olhou para o prédio em frente e viu uma mulher sair de detrás da portaria envidraçada e atravessar a rua.

Não havia dúvida, era a mulher do vestido aberto na perna que ele vira entrar um mês antes no café do centro da cidade.

O rosto estava descansado, o cabelo bem tratado e até mesmo as pequenas marcas nos cantos da boca e dos olhos tinham desaparecido quase por completo. Era de fato uma bela mulher, independentemente de vestir uma saia provocante ou bermuda até o joelho, como fazia naquele momento.

— Desculpe eu ficar escondida na portaria do meu prédio, não sabia quem ia aparecer. Meu nome é Serena Rodes.

— Sou o delegado Espinosa, da Décima segunda DP.

— Agradeço a sua gentileza, delegado. Queria evitar que o que tenho para lhe contar fosse ouvido por mais alguém. Acho o telefone pouco seguro, e acho uma delegacia de polícia um lugar excessivamente público. Pode ser que meu segredo não seja segredo para ninguém...

Espinosa esperava algum sinal de que ela o reconheceria: um franzir de sobrancelhas, um olhar mais demorado... Mas nada. Ela o estava vendo pela primeira vez.

— É melhor conversarmos sentados — disse Espinosa, olhando em volta.

— Claro, desculpe, tem um restaurante com mesas na calçada logo depois da esquina.

Serena estava vestida como se tivesse descido para comprar revistas no jornaleiro — bermuda, camiseta e tênis — e mesmo assim mantinha o poder de sedução de quando aparecera com a saia aberta na altura da coxa. E enquanto caminhava ao lado dela, Espinosa dizia para si mesmo que era verdade que os deuses escrevem certo por linhas tortas; embora não tivesse certeza do alcance dessa conclusão naquele momento.

O calor era ainda maior do que o que sentira cedo pela manhã a caminho da delegacia. Sentaram-se à sombra de um enorme guarda-sol, numa mesa protegida do assédio de pedintes e de vendedores, e pediram suco de frutas, a única pedida razoável com aquele calor. As poucas nuvens pareciam pregadas no azul do céu. Mesmo à beira-mar, não dava para sentir a mais leve brisa.

— Por que a senhora se escondeu na portaria do prédio?

- Eu nunca tinha visto um delegado de polícia.
 - O que esperava encontrar?
 - Não sei, mas esperava encontrar alguém diferente.
 - E o que fez a senhora sair do esconderijo?
 - O fato de o senhor ser um homem normal. Desculpe, eu nunca tinha visto um delegado, mas já tinha ouvido muitas histórias.
 - Quer dizer que passei pelo teste?
 - Nunca me engano com as pessoas, pelo menos quanto ao essencial.
 - Então posso ouvir sua história?
 - Claro. E, mais uma vez, obrigada por ter vindo.
- Sem dramatizar, Serena fez um relato minucioso do que presenciara da sua janela e das conversas com o porteiro, inclusive da conversa da véspera sobre o aluguel do apartamento.
- Espinosa esperou que ela terminasse o relato para, então, fazer as perguntas.
- A senhora tem certeza quanto à bolsa? Não poderia ser algum pedaço de papel trazido pelo vento ou uma peça de roupa?
 - Era nitidamente uma bolsa, dessas que se usam a tiracolo, dava para distinguir claramente a alça.
 - Em algum momento a senhora chegou a ver a outra pessoa que estava dentro do apartamento?
 - Só de relance. Não dá para dizer quase nada.
 - Homem ou mulher?
 - Parecia um homem.
 - Por que a senhora acha que estavam discutindo e não conversando?
 - Porque ela estava exaltada. Não cheguei a ver muita coisa, foi tudo muito rápido.
 - A senhora deu a entender, pelo telefone, que tinha dúvidas quanto à morte da mulher.
 - Não quanto à morte, mas quanto a ter sido suicídio.
 - Por que essa dúvida?
 - Delegado, ninguém que pretenda se suicidar joga a bolsa na frente. Não faz sentido. É como se uma pessoa quisesse se matar

jogando-se debaixo de um carro em movimento e atirasse primeiro a bolsa.

— Ela não teria caído junto com a bolsa?

— Não! Eu vi a bolsa caindo. Não vi a mulher. A bolsa caiu antes.

— Uma pessoa prestes a se matar faz coisas que escapam à razão.

— E o homem que estava com ela? Por que não evitou o suicídio? Por que ele sumiu?

— O que a senhora acha?

— Acho que ele sumiu porque foi quem a jogou de lá de cima. Não foi suicídio, delegado, foi assassinato.

— Esse é o motivo do seu cuidado com este nosso encontro?

— Sem dúvida. Eu tenho medo. O assassino me viu na janela.

— A senhora está muito segura de que foi assassinato.

— Delegado, esse é o único motivo pelo qual estamos aqui conversando.

— O que eu quis dizer foi que os elementos que a senhora me forneceu são extremamente valiosos para a minha investigação, mas são ainda frágeis para uma conclusão.

— Mas eu vi...

— Vou lhe contar uma história, dona Serena. Certa madrugada, há muitos anos, na cidade de Veneza, um padeiro preparava os pães quando ouviu um grito seguido de barulho de coisas caindo no beco nos fundos da padaria. Quando abriu a porta para olhar, viu um homem caído no chão com uma faca enterrada na barriga. Correu para socorrê-lo e estava retirando a faca quando uma mulher moradora do prédio vizinho abriu a janela, atraída pelo barulho, e deu com a cena do homem caído ensanguentado e o outro debruçado sobre ele segurando a faca. O padeiro foi preso, julgado e condenado por homicídio, graças ao testemunho da mulher que o viu esfaqueando a vítima.

— Entendo. Mas é possível fazer alguma coisa?

— Primeiro, temos que descobrir quem é o homem que a senhora viu no apartamento; depois, precisamos nos certificar de que ele não estava tentando socorrer a vítima, como o infeliz padeiro.

— Eles pareciam discutir.

— O homem podia estar convencendo a mulher a não tomar nenhuma medida extrema.

— O senhor acredita que tenha sido isso?

— Não, mas não posso descartar a possibilidade.

Serena gesticulava ao falar. Com o movimento dos braços a camiseta branca de algodão folgava ou ficava mais colada ao corpo, deixando claro que ela não estava usando sutiã. O movimento de vaivém da camiseta tinha tal poder hipnótico que somente com muito esforço Espinosa conseguia manter o olhar dirigido para o rosto da sua interlocutora em vez de ficar olhando para o encantador balançar de seios à sua frente.

Serena ficou um tempo olhando fixo para Espinosa, mas ele sentiu que o olhar passava através dele e tentava focar um ponto inespecífico além. Os olhos castanhos eram comuns, mas o olhar variava do doce açucarado para o metálico cortante, com todos os tons intermediários, cada um deles com a garantia de estar expressando os estados de espírito correspondentes.

— Bom, espero não ter ocupado o seu tempo inutilmente. Talvez eu tenha exagerado.

— Não se preocupe com isso. Sou muito grato por ter me relatado o que viu.

A conversa chegara ao fim. Espinosa achou que qualquer tentativa de prolongá-la seria inoportuna, embora fosse capaz de continuar conversando com aquela mulher pelo resto do dia. Deixou sobre a mesa uma quantia que cobria a despesa com os sucos, e os dois se levantaram ao mesmo tempo. Havia ainda os poucos metros entre o restaurante e a portaria do edifício, distância suficiente para falarem do calor e da inadequação do vestuário utilizado nos trópicos. Antes de se despedirem, trocaram telefones.

5

Em lugar de pegar um táxi de volta à delegacia, Espinosa atravessou a rua e procurou o porteiro do prédio de onde a mulher havia caído. Não era o mesmo porteiro da noite do acidente e tomou o delegado por candidato ao apartamento. Espinosa não desfez o engano.

— Não sei lhe informar o preço do aluguel, o senhor tem de perguntar na corretora. Tenho aqui o telefone.

— Não tem uma história de que a antiga moradora se matou dentro do apartamento?

— Não senhor, ninguém se matou dentro do apartamento; morreu uma mulher, mas não dentro do apartamento não senhor.

— Não foi dentro do apartamento?

— Não senhor, ela morreu bem ali na calçada, perto de onde está parado aquele carro.

— Ela foi morta ali na calçada?

— Não, ela caiu.

— Caiu?

— É. Caiu.

— Assim, sem mais nem menos, ela vinha andando e caiu morta?

— Não senhor, ela caiu de lá de cima.

— Caiu do décimo andar?

— Dizem que quando é assim, a pessoa já chega morta no chão.

— Às vezes acontece.

— Mas é um bom apartamento e o bairro é muito bom, o senhor vai gostar.

Espinosa anotou o telefone da corretora e desceu para a calçada, olhando para o alto, para o apartamento da morta. Aproveitou para olhar também para o apartamento de Serena, que sabia ser em frente. Ninguém nas janelas.

Apesar do tempo passado no restaurante, não comera nada. Voltou ao restaurante, sentou-se no mesmo lugar e pediu ao mesmo garçom o sanduíche mais caprichado da casa e um chope. Não conseguiria voltar à delegacia naquele momento. Estava atravessado por perguntas. A primeira delas, e a mais absurda, era: haveria alguma premeditação na entrada de Serena naquele café no centro da cidade? A resposta óbvia era: Claro que não! Como Serena poderia saber, com um mês de antecedência, que uma mulher se jogaria ou seria jogada do décimo andar de um prédio? Mesmo que a mulher tivesse sido assassinada e a assassina fosse a própria Serena, não seria possível prever o crime com tal antecedência. Mais ainda: por que motivo, nesse caso, ela chamaria o delegado para contar tudo?

O intrigante é que havia coincidências naquela história. Coincidência dos dois encontros, coincidência de a vítima morar no prédio em frente ao dela, coincidência de Serena estar na única janela que dava para o apartamento da vítima no momento exato da queda... As outras perguntas diziam respeito à narrativa de Serena. Houvera de fato uma bolsa sendo atirada pela janela antes da queda? Havia realmente outra pessoa no apartamento da vítima? A mulher estava de fato discutindo com essa outra pessoa? Se havia sido jogada pela janela, por que não gritara? Por que não tentara se defender?

De onde estava, próximo à grande pedra do Leme, a vista da avenida Atlântica era bem diferente daquela a que estava habituado. A curva elegante da praia era toda visível, até a ponta do forte de Copacabana, no posto seis. O sanduíche não era dos mais brilhantes, o calor continuava intenso, mas a temperatura do chope estava no ponto. Ficou mais alguns minutos aproveitando a vista e pensando em Serena, antes de voltar para a delegacia.

Foi somente no final da tarde, quando Welber e Artur retornaram à delegacia, que as duas histórias se juntaram.

— Delegado, o endereço da mulher que se atirou do décimo andar de um prédio do Leme é o mesmo da amiga de Celeste, Rosita. Conseguimos apurar com o porteiro que a morta era uma prima que estava hospedada no apartamento de Rosita havia poucos dias. Certamente era Celeste.

Espinosa pediu para repetirem a história mais devagar. Assim que os detetives terminaram o relato, o delegado ficou alguns segundos em silêncio, depois contou para eles o encontro que tivera com Serena Rodes.

— Pode não ter sido suicídio — disse Espinosa.

— Assassinato?

— É possível.

— Então o cara conseguiu liquidar os tiras e as amantes.

— Isso, no caso de ser o mesmo assassino.

— O senhor acha que pode haver mais de um?

— Pode ser. Das seis mortes, a de Celeste foi diferente. Até mesmo pela ambiguidade: assassinato ou suicídio.

No final da tarde, antes de irem para casa, chegou o detetive Ferreira, vindo do IML. Espinosa estava sozinho na sala.

— Boa tarde, delegado. Fui novamente ao IML. Já tinha estado lá no sábado pela manhã.

— O que conseguiu?

— Tem uma coisa estranha, delegado. O nome da mulher que morreu é o mesmo da moradora, Rosita.

— Como assim?

— O nome da mulher em quem fizeram a autópsia é Rosa Maria do Nascimento, conhecida como Rosita.

— Tem certeza?

— Absoluta. Falei com o cara da identificação e com o legista.

— Chame Welber, Artur e Ramiro.

Os dois primeiros ainda estavam na delegacia, Ramiro tinha ido embora.

— Mataram a mulher errada — disse Espinosa, assim que os dois entraram na sala.

— O quê?

— Isso mesmo. Mataram a mulher errada.

— Não era a Celeste?

— Não. Quem morreu foi a amiga dela.

— Como o assassino pôde se enganar?

— Não se enganou, simplesmente não sabia como ela era. Provavelmente tinha o endereço, o nome e uma descrição, mas não tinha fotografia. Celeste e a amiga tinham a mesma idade e, segundo o porteiro do prédio, eram muito parecidas.

— E esse porteiro, como pôde se enganar?

— Ele só viu o corpo de longe.

— Mas os homens do “doutor” não se enganaram.

— Com certeza. Por isso desocuparam o apartamento com tanta rapidez. Assim que o doutor soube que a morta era a amante, mandou desfazer o apartamento e providenciar a autópsia e o enterro.

— Isso significa que Celeste está viva.

— Ela deve ter chegado no momento em que a amiga caiu. Deve estar escondida, apavorada.

— Nesse caso o assassino não sabe que matou a mulher errada.

— Sabe, se conseguiu pegar a bolsa.

— Por que uma pessoa que está sendo ameaçada jogaria a bolsa pela janela?

— Por dois motivos: para chamar atenção dos passantes ou...

O telefone na mesa do delegado tocou nesse exato instante. Ele deixou tocar uma, duas, três vezes; no quarto toque, Welber tirou o fone do gancho e ficou segurando, sem atender e sem entregar a Espinosa.

— Ou...?

— ... para que o assassino não visse o que estava dentro da bolsa.

— E o que estava dentro da bolsa?

— A carteira de identidade dela.

Welber entregou o fone a Espinosa e ficou olhando para ele até o delegado acabar de falar e recolocar o fone no gancho.

— A coisa deve ter se passado da seguinte maneira — continuou Espinosa. — O assassino descobre onde Celeste está escondida. Não

importa saber como descobriu. Entra no prédio sem ser visto e toca a campainha do apartamento. Quem atende é Rosita. Ele sabia que havia duas mulheres morando no apartamento e a descrição que ele tinha correspondia à mulher que abriu a porta. Como a outra mulher não estava em casa, precisava se certificar de que era a que procurava. É quando comete um erro: pergunta o nome dela. Rosita percebe imediatamente que ele não sabe como é Celeste e conclui que ambas estariam seguras enquanto ele não descobrisse. Ele pressiona. Discutem. É quando ele vê a bolsa. Ela se precipita e consegue agarrá-la antes dele. Ele avança para tomar dela, ela a atira pela janela. Na dúvida quanto à identidade da mulher que tem diante de si, e já tendo se denunciado, o assassino a empurra para a morte.

— E a bolsa, que fim levou?

— Ele mesmo ou algum passante pode ter se aproveitado da confusão e apanhado a bolsa na calçada. Celeste deve ter chegado nesse momento e, percebendo de imediato o acontecido, fugiu sem nem sequer entrar no prédio para apanhar as suas coisas.

6

Serena se habituara a fazer as refeições sozinha. Naquele dia, porém, o marido jantaria em casa, e ela achou que seria o momento adequado para conversarem sobre seu encontro com o delegado Espinosa. Ainda estava com a imagem do delegado muito fresca na memória, mas não conseguia se lembrar da cor dos olhos dele. Era um homem bastante atraente. Sentia que transgredira alguma coisa, embora não fosse capaz de precisar a natureza da transgressão. Como se tivesse cometido adultério.

Assim que o marido chegou, à noite, e antes mesmo que começasse a falar dos problemas do ministério, Serena tomou a dianteira.

— Conversei hoje com o delegado Espinosa.

— O quê?

— Estive hoje com o delegado da Décima segunda DP.

— Você foi à delegacia para falar sobre a mulher que se jogou?

— Não fui à delegacia... e ela não se jogou.

— Serena, pelo amor de Deus, o que está acontecendo?

— Está acontecendo que não vou me fingir de cega e de retardada.

— Quem é esse delegado, e como você falou com ele?

— Chama-se Espinosa, é um homem educado e calmo, e veio até aqui para conversar comigo.

— Ele veio aqui na nossa casa?

— Não, ele veio aqui no Leme. Não queria vir, queria que eu fosse à delegacia, mas quando falei que era a respeito da mulher que dizem ter se jogado do décimo andar, ele perguntou de onde eu estava falando, eu disse que era de um telefone público, ele disse que viria se encontrar comigo ao meio-dia. Conversamos numa das mesinhas do restaurante que fica depois da esquina. A polícia não sabia que tinha outra pessoa no apartamento e também não sabia nada sobre a bolsa.

— Serena, não duvido que tudo isso seja verdade, o que não entendo é por que você foi se meter na história. O delegado não pode fazer de conta que você não contou nada para ele, e com essa maldita conversa você passou a fazer parte de um inquérito policial.

— Já me aconteceram coisas mais desagradáveis.

— Não aconteceram não, Serena, você não sabe no que se meteu.

— Pior seria eu ter deixado de me meter.

— Posso dar um jeito de esse delegado esquecer que falou com você.

— Ou seja, na impossibilidade de você me calar, vai tentar calar o delegado.

— Não, Serena, vou tentar evitar que você venha a ter aborrecimentos.

— E vamos fingir que uma mulher nossa vizinha, da mesma idade que eu, não foi jogada da janela defronte à nossa, morrendo esborrachada na calçada. E você quer consertar o país.

— Eu sou economista, não policial.

— Sorte da polícia.

Guilherme ainda estava de paletó; apenas deixara a pasta sobre a poltrona da sala onde conversavam. Ambos estavam de pé, mas enquanto Serena permanecia parada no mesmo lugar, o marido andava em torno das poltronas e da própria Serena enquanto falava. Os passos eram calmos, lentos; mantinha as mãos nos bolsos, e quando fazia alguma observação era com voz suave. Mas Serena sabia que quanto mais calma ele aparentava, mais próximo estava do ponto de explosão. Não era o que ela queria. Seu desejo era que pudessem conversar sobre o que a estava afligindo com o mesmo ímpeto e a mesma vontade de acertar que tinham quando

conversavam sobre os problemas ministeriais do marido. Sentou-se no sofá e procurou relaxar o corpo. Ainda vestia a mesma roupa do almoço e ainda mantinha o estado de excitação de quando se despedira do delegado.

Espinosa foi para casa mais cedo. Tinha certeza de que Celeste entraria em contato. Queria também pensar no encontro com Serena. Não havia dúvida, era a mesma mulher que vira no café no centro da cidade. Ela não dera nenhum sinal de tê-lo reconhecido e não havia mesmo motivo para isso. Fora ela a entrar no café, ele era apenas um sujeito sentado num banquinho, tomando um cappuccino. Nenhuma razão especial para ser notado.

Ainda havia alguma luz do dia quando tomou a direção da avenida Copacabana para então dobrar à direita e caminhar mais duas quadras até pegar novamente à direita pela galeria Menescal, que liga a avenida Copacabana à rua Barata Ribeiro, bem no ponto de acesso ao bairro Peixoto. Claro que não precisava fazer nada daquilo, não precisava pegar a avenida Copacabana nem a rua Barata Ribeiro, podia ir direto ao bairro Peixoto dobrando à direita ao sair da delegacia, era menos da metade da distância, mas fazendo assim não passaria pelo árabe, dentro da galeria Menescal, onde comprava os quibes de que tanto gostava.

Estava entrando na galeria, dividindo seus pensamentos entre os quibes e Serena, quando sentiu tocarem-lhe o braço.

— Delegado Espinosa?

Não precisou perguntar o nome da mulher. O olhar assustado era suficiente como apresentação.

— Sou Celeste.

A galeria é ampla, com lojas nos dois lados, e intensamente movimentada. Era este último aspecto que preocupava Espinosa no momento. Passou o braço pelos ombros de Celeste como se fossem amigos e os dois se encaminharam para o pequeno restaurante árabe onde costumava comprar alguma coisa para incrementar o jantar.

— Desculpe! Segui o senhor desde que saiu da delegacia, estava esperando um lugar mais movimentado para me aproximar.

— Aqui é perigoso para você.

— Já não sei mais para onde ir. Deixei pra trás tudo o que tinha. O senhor viu o que fizeram com minha amiga?

— Vi.

— O filho da puta pensou que fosse eu.

— Você não pode se expor, podem estar te seguindo.

— Não acredito. Perderam minha pista. Não voltei ao apartamento de minha amiga, nem ao meu.

Estavam no balcão do restaurante. Espinosa ficou entre Celeste e a galeria. Se tentassem algo contra ela teriam que chegar perto, e ele estava atento.

— Vamos comer alguma coisa aqui no balcão, como se fôssemos amigos. O assassino não sabe exatamente como você é. Gosta de quibe?

— Gosto.

Pedi dois quibes e dois refrigerantes.

— Você tem que se esconder.

— Não tenho mais para onde ir. Desde que mataram Rosita, estou num hotelzinho perto daqui, mas meu dinheiro não vai dar para muito tempo mais. Estou só com a roupa do corpo. Preciso comprar algumas coisas. Usei o cartão para tirar todo o dinheiro que tinha no banco. Não era muito, mas tive que tirar um pouco cada dia. Não queria ir à minha própria agência.

Espinosa continuava incomodado com a exposição de Celeste. As luzes fracas do teto alto da galeria eram compensadas pela iluminação das vitrinas das lojas, mas eram ainda insuficientes para uma visão precisa das pessoas mais distantes, sobretudo àquela hora em que mesmo a luminosidade proveniente do exterior já estava mais fraca.

— Não acho seguro ficarmos aqui. Você pode não estar sendo seguida, mas não posso dizer o mesmo de mim. Vamos embora.

— Para onde?

— Vamos sair pelo lado da rua Barata Ribeiro. Você vai ficar de braço dado comigo. Assim que passar um táxi vazio, entramos

rápido. Se alguém estiver me seguindo, sabe que moro a duas quadras daqui, não estará preparado para me ver entrar num táxi.

— E para onde vamos?

— Ainda não sei.

Andaram quase meia quadra até passar um táxi vazio. Assim que o motorista arrancou, olharam ambos para trás à procura de alguém afobado procurando outro carro. Não viram ninguém suspeito.

— Agora que podem ter nos visto juntos, meu apartamento não é um lugar seguro para você ficar. Onde fica o seu hotel?

— A poucos metros do seu prédio.

— Como assim?

— Fica também no bairro Peixoto.

— Sei qual é, eu mesmo já fiquei lá quando tive que pintar meu apartamento. Foi coincidência?

— O quê?

— Você escolher aquele hotel perto da minha casa.

— Sabia onde o senhor morava. Fiquei com o caderno de endereços do Nestor.

— Então vamos fazer o seguinte: já que estamos até agora de braços dados, pare de me chamar de senhor.

Celeste tomou um susto e soltou devagar o braço de Espinosa.

— Desculpe, foi a primeira vez nos últimos dias que me senti segura. Acho que queria manter a segurança.

— Você vai continuar em segurança.

Espinosa mandou o motorista dar a volta depois de percorrerem dois ou três quarteirões, pegar a avenida Copacabana, cuja mão é no sentido contrário ao da rua em que estavam, e entrar na Figueiredo Magalhães, parando quase no final, perto do Túnel Velho. Desceram e esperaram o carro se afastar. Ficaram ainda algum tempo parados na calçada para ver se algum outro carro parava nas imediações. Depois de se certificarem de não terem sido seguidos, caminharam de volta uma centena de metros e entraram no bairro Peixoto pela parte mais alta, utilizada apenas por moradores locais. O pequeno hotel Santa Clara fica numa das ruas internas ao bairro e se confunde com os muitos prédios de três andares em estilo colonial. Quando chegaram à portaria, já estava escurecendo.

— Alguém sabe que você está hospedada aqui?

— Ninguém.

— Que nome você usou?

— Ângela Cardoso.

— Mesmo que nos tenham visto juntos, não podem saber que viemos para cá. Você ficará segura aqui se tomar alguns cuidados. Saia apenas se houver absoluta necessidade. De preferência, não saia. Quando eu quiser falar com você, vou usar o nome Benedito. Não atenda a telefonemas de mais ninguém. Lembre-se: nunca vou usar o nome Espinosa. Vou ser sempre Benedito.

— É seu nome, mesmo?

— Quase. Vou providenciar roupas para você. Você precisa sair para comer?

— Não, estou fazendo as refeições aqui mesmo.

— Melhor assim. Agora preste atenção. Não vou mais voltar aqui. Se por absoluta necessidade você precisar falar comigo, ligue para minha casa e deixe o nome Ângela na secretária. Entro em contato com você de outro telefone.

— Espinosa... ele jogou minha amiga pela janela, não foi?

— Tudo indica que sim. Sinto muito o que aconteceu com sua amiga.

Celeste deu dois beijos em Espinosa e entrou.

O trajeto entre o hotel e o prédio de Espinosa era de uns duzentos metros. Assim que entrou em casa, verificou se havia alguma chamada. "Oi, querido. Se você não estiver no encalço de muitos criminosos, posso levar alguma coisa para comermos." Ligou para Irene.

— Quer que eu vá te pegar?

— Não é preciso.

— Irene, preciso de um favor. Você teria um ou dois vestidos simples, que não esteja usando mais, que possa ceder?

— Contanto que não seja para você usar, querido, posso ver. Qual é o manequim?

— Deve ser o mesmo seu.

— Hum. Avaliação feita a olho?

— Isso.

— Vou ver o que posso fazer. Daqui a uma hora chego aí.

Enquanto tomava banho, Espinosa pensava no quanto Irene era uma mulher especialmente diferente. Se perguntasse a mesma coisa à ex-mulher, ouviria uma série de perguntas recriminatórias, mesmo ela sabendo que não havia nada a ser recriminado. Irene jamais se colocava na posição de estar sendo preterida.

Chegou uma hora depois, carregando a sacola com pães, frios e vinho numa das mãos e na outra, envolta em plástico, as roupas. Espinosa desceu para ajudá-la assim que ela tocou o interfone.

Enquanto subiam a escada, Irene descrevia as delícias que trazia dentro da sacola de compras que passara para Espinosa, e quando entraram no apartamento estendeu sobre o sofá as roupas protegidas pelo plástico.

— Se é o que imagino, achei que a moça precisaria também de roupa de baixo. Tudo o que trouxe é fácil de lavar e praticamente não precisa ser passado. Vi você na televisão outro dia. Achei que estava escondendo alguém.

— Na verdade ela estava se escondendo na casa de uma amiga; a amiga foi morta. O assassino confundiu as duas e agora está atrás dela.

— Ela está aqui?

— Não. Além de mim, ninguém sabe onde ela está, e é melhor assim. Ninguém mais corre perigo.

— A não ser você.

— Sou pago para isso.

— O que não quer dizer...

— Claro que não.

— Você acha que o assassino tem chance de encontrá-la?

— Quando matou a amiga dela, eliminou sua única pista para chegar até ela. Agora, vai ter que partir novamente do zero.

— Pode partir de você.

— Não há nada me ligando diretamente à moça, e tenho certeza de que ninguém nos seguiu até o local onde ela está escondida.

— Você acha, então, que ela está segura?

— Durante alguns dias.

— Por que só durante alguns dias?

— Eles são muito eficientes. Já mataram três policiais e três mulheres na nossa cara, sem deixar pistas. Não temos a menor ideia de quem sejam. Acho que não vai demorar muito tempo para encontrarem Celeste. Se nós não os encontrarmos antes.

Abriram as janelas francesas da sala para entrar o ar fresco da noite, arrumaram pães, frios, queijos e vinhos sobre a mesa próxima a uma das janelas, e pela primeira vez em muitos dias Espinosa pôs uma música para tocar. Aos poucos, enquanto o vinho fazia efeito e a música marcava o tempo, foram tirando partes da roupa, Irene abraçando-se a Espinosa, sentados na mesma poltrona na sala, da poltrona passando para o chão, e caso dispusessem de uma varanda maior que os dois palmos do balcão das janelas francesas, teriam se amado ao ar livre. Na falta de terraço, foram para a cama.

* * *

Eram oito horas, fazia sol e Irene deixara a mesa posta para o café. Nunca descobrira como ela era capaz de se levantar cedo pela manhã, aprontar-se e sair, tendo deixado pronta a mesa para o café, tudo isso sem fazer o menor ruído. Ou pelo menos ele achava que os amanheceres de Irene eram silenciosos e não que sua escuta fora afetada pelo vinho e pela noite. Tomou banho imaginando Irene ainda ali com ele, de preferência dentro do boxe do chuveiro.

Tomou café devagar, enquanto lia o jornal. Não adiantava ter pressa, a torradeira torrava apenas um lado de cada fatia de pão, o que o obrigava a virar as duas fatias e a repô-las na torradeira depois de pularem a primeira vez. Não podia culpar a torradeira pelos seus atrasos matinais, mesmo porque se o fizesse se sentiria na obrigação de comprar uma torradeira nova, e se afeiçoara à sua, provavelmente por terem ambos o mesmo ritmo matinal. Ficaria com ela enquanto cumprisse a sua função, mesmo que apenas a metade de cada vez.

Antes das nove, já fazia calor. Procurou o lado da sombra quando saiu para a delegacia. Não havia sinal de estar sendo observado, os carros estacionados nas imediações do seu prédio eram os mesmos de sempre, os não identificados estavam vazios. Se alguém o estava

seguindo, era um mestre na arte do despiste. Não quis sair de casa carregando as roupas trazidas por Irene. Só o faria com absoluta segurança. Assim que chegou à delegacia, marcou encontro com seu grupo para a hora do almoço, sendo que meia hora antes alguém deveria passar no seu gabinete para saber o local.

Escolheu a mesma trattoria da vez anterior. Não ficava distante, e o dono, seu conhecido de longa data, não permitiria que armassem uma escuta; mesmo assim, sentavam-se sempre em mesas diferentes. Os relatos e as discussões eram feitos antes de iniciarem o almoço, o que obrigava os mais prolixos a desenvolverem a capacidade de síntese. Espinosa abriu a reunião.

— Há cinco dias, estamos parados. Se houve algum avanço não foi nosso, foi do assassino. Já sabemos que o suicídio da mulher no Leme não foi suicídio, que a vítima não era Celeste, e que o matador jogou pela janela a mulher errada. Isso quer dizer duas coisas: a primeira é que as informações passadas a ele sobre Celeste eram incompletas ou desatualizadas; ele tinha o endereço de onde ela estava, mas não dispunha de uma fotografia recente, o que deu lugar à confusão entre as duas amigas, ambas ex-artistas de teatro de revista, com a mesma idade, parecidas de corpo e de rosto. Que ele dispusesse dessas informações, apesar do engano, não me surpreende: quem passou para ele as informações sobre os policiais que ele matou passaria as informações sobre as amantes; o que não consigo entender é como ele pôde chegar ao endereço da amiga de Celeste. Esse endereço só nós sabíamos.

— Ele pode ter descoberto da mesma forma que Welber e Artur — disse Ramiro.

— Pode. Mas se tivesse feito isso, passaria a dispor também de informações sobre Rosita, e não ia confundir uma com a outra. Se confundiu, é porque nem sequer sabia que eram parecidas. Tinha apenas o endereço.

— É difícil admitir que um sujeito tão eficiente fosse cometer um engano tão primário — disse Welber.

— É o que estou tentando dizer para vocês. Ele não cometeu engano, simplesmente não sabia exatamente como ela era, e a prova de que é eficiente é que discutiu com Rosita antes de matá-la,

e a discussão não tinha outro objetivo senão estabelecer a identidade da mulher que estava na frente dele.

— Por que então ele a matou?

— Porque quando viu a bolsa, obviamente com os documentos dentro, ela percebeu, foi mais rápida, pegou a bolsa e jogou pela janela. Ele tomou o gesto como evidência de que ela era Celeste. Rosita salvou a amiga e perdeu a vida.

— Faz sentido — disse Ramiro.

— O que não entendo é como ele obteve o endereço de Rosita — respondeu Espinosa. — É possível que vocês estejam sendo seguidos, embora isso não permitisse que o assassino se antecipasse a vocês. De qualquer maneira, atentem para essa possibilidade.

— Welber, quero que você vá ao apartamento de Celeste e verifique se está faltando alguma fotografia em algum dos portarretratos da casa. Faça isso quando sairmos daqui.

A discussão que se seguiu foi de natureza puramente operacional. Nenhum deles tinha a menor ideia da identidade do assassino.

— Se ninguém tem nada a acrescentar, podemos pedir o almoço.

À vista da comida, o ânimo do grupo melhorou. Espinosa pensou no quanto seria agradável se pudesse reunir outros pequenos grupos de policiais da delegacia para almoços ocasionais como aquele. Mas ou ainda não conseguira, ou não quisera se aproximar da maior parte deles. Saíram do restaurante aos pares, Ramiro conversando com Artur e Espinosa com Welber.

— Delegado, tenho uma boa notícia para o senhor.

— Estou precisando de boas notícias.

— Abriram um sebo a apenas uma quadra da delegacia.

A notícia teve um efeito inesperado para Welber. O delegado parou de andar, ficou olhando para ele em silêncio como se não tivesse entendido a frase, e retomou a marcha.

— Não gostou da notícia, delegado?

— Gostei. Obrigado, Welber.

— Aconteceu alguma coisa que eu não percebi, delegado?

— Não, Welber. Desculpe. Você me deu uma ótima notícia, é que ela bateu em coisas antigas... e mesmo em outras mais recentes.

— E não são boas coisas?

— São boas enquanto permanecem como fantasias, mas quando se tornam realidade elas nos assustam.

— Mas o senhor sempre gostou de livros e de sebos.

— Muito. A ponto de se transformarem num possível projeto de vida. É que quando vemos esse projeto sendo realizado tão próximo de nós, ficamos assustados. De qualquer maneira, é uma excelente notícia. Obrigado.

No final da tarde, ao tomar o caminho de casa, escolheu o caminho antigo. Achava que ainda não estava preparado para a novidade. Talvez no dia seguinte. Melhor deixar para sábado, quando teria mais tempo. Além do mais, não estava precisando de mais leitura no momento. Mal começara o livro do Woolrich herdado da avó.

7

O encontro com o delegado fazia parte dos pequenos desvios que a mantinham aquém da linha que a distinguia de uma verdadeira dama. E por dama Serena entendia a mulher capaz de reduzir seu corpo real a um corpo virtual: belo e elegante, mas incapaz de uma comoção. E o que ela procurava com seus pequenos desvios, como em suas idas ao centro da cidade, eram pequenas comoções, perturbações imperceptíveis a olhares alheios, abalos secretos. Coisas que uma dama gostaria de sentir mas não tinha coragem ou não sabia como realizar. O delegado produzira um daqueles abalos subterrâneos. De boa intensidade, tinha de admitir, mas de baixa expressividade.

Um aspecto que não podia de modo algum ser deslocado para segundo plano, sob pena de ela perder o controle da situação, era o fato de ter presenciado um assassinato. Esse fora o acontecimento que propiciara o encontro com o delegado. Tinha de tomar cuidado para não permitir que o fato tivesse sua importância diminuída, embora soubesse que o telefonema que dera para o delegado não fora movido pelo sentimento de cidadania, mas por um outro, mais profundo, que a ligava àquela mulher. Sentia-se ligada a ela não como duas pessoas distintas podem se sentir ligadas, mas como se fossem duas partes de uma mesma pessoa. Em nenhum momento procurara saber como ela se chamava. Não importava. Podia

emprestar-lhe o próprio nome. Não o sobrenome, que não lhe pertencia a não ser por acréscimo, mas o nome apenas: Serena.

Nada daquilo tocava Guilherme. A morte da mulher era considerada por ele como objeto de curiosidade mórbida, não mobilizando seu interesse durante mais que um minuto, e mesmo assim porque ela despencara na calçada fronteira a apenas dez metros da portaria do prédio onde ele morava. Guilherme se interessava por duas coisas, e para nenhuma delas era necessário o mínimo de fantasia: economia e golfe. E o segundo, apenas porque no momento andava de braços dados com a primeira.

À tarde haveria reunião no Largo do Machado. Seria às cinco horas, e ainda eram duas e dez. Sabia por experiência própria que nada preencheria satisfatoriamente aquele tempo. Não havia nada a fazer, a não ser esperar.

Chegou com quarenta minutos de antecedência, estacionou o carro numa garagem subterrânea, olhou as vitrines das duas livrarias que ficavam no caminho do prédio onde se daria a reunião. Quando entrou na sala, um pouco antes das cinco, havia umas dez pessoas, metade das quais ocupada em arrumar as cadeiras. Aos poucos foi chegando mais gente, e às cinco em ponto podiam contar-se umas trinta pessoas sentadas. Era uma reunião de depoimentos, e o primeiro a falar foi um militar reformado. As histórias contadas eram todas variações sobre o mesmo tema, o que não necessariamente tornava os relatos monótonos. Cada uma era um acontecimento único, com suas intensidades próprias e com um efeito desagregador próprio. Serena já ouvira centenas de relatos, mas achava que com eles acontecia o mesmo que acontece na música de jazz: embora repitam o mesmo tema, cada execução é única e original. Não ficou até o fim. Para alguns depoentes daquela tarde o discurso era mais importante do que o tempo de abstinência.

Depois do almoço, em vez de voltar à delegacia na companhia do grupo, Espinosa passou em casa, pôs as roupas trazidas por Irene numa sacola e pegou o carro, estacionado quase defronte ao prédio. Desde que fora transferido da delegacia da praça Mauá para

Copacabana, raramente fazia uso do automóvel. Ia e voltava a pé. Para deslocamentos maiores, preferia o metrô e o táxi. Acontecia, pois, de seu automóvel ficar estacionado no mesmo lugar durante mais de uma semana, o que ocasionava problemas mecânicos e elétricos, sendo que em função desses problemas era frequente ele não poder usar o carro quando mais precisava. Motivo para o carro ser deixado onde estava.

Mas naquela tarde o motor pegou na terceira tentativa. Espinosa contornou a praça e saiu do bairro Peixoto pela rua Anita Garibaldi, prestando atenção no retrovisor. Contornou alguns quarteirões até ter certeza de não estar sendo seguido, e parou a duas quadras de distância do ponto de partida, na porta de uma lavanderia. Mandou passar as roupas, pagou uma taxa de urgência, deu o endereço do hotel Santa Clara e mandou entregar a dona Ângela Cardoso. Em seguida voltou ao bairro Peixoto, estacionou o carro na mesma vaga da qual saíra e foi a pé para a delegacia.

Enquanto caminhava, refletia sobre o fato de três mulheres estarem ocupando seus pensamentos. Não o faziam com igual intensidade e com o mesmo direito de cidadania afetiva, mas cada uma com a sua importância. Em função do horário de verão, os relógios marcavam três e cinco, mas na verdade eram duas e cinco de um dia quente, numa rua com pouca ventilação. Andava devagar, procurando as sombras, numa tentativa quase inútil de não chegar na delegacia com a roupa molhada de suor. Como ainda estava na metade do percurso, considerou a hipótese de tirar o paletó, que, apesar de ser de linho e bem leve, continuava sendo um paletó. Para tanto, precisava retirar a arma da cintura e ocultá-la dos olhares dos passantes. A operação teve de ser feita em duas etapas. Sem parar de andar, na primeira etapa retirou a arma da cintura e a enfiou no bolso da calça, formando um volume tão chamativo quanto se continuasse com ela exposta; na segunda etapa tirou o paletó, passando a carregá-lo na mão, junto ao bolso da calça, para disfarçar o volume. Quando terminou a operação, suava mais do que ao iniciá-la.

Havia mais de duas horas que Serena estava no quarto de vestir, com a luz apagada, vigiando o apartamento em frente. Pegara a cadeira do escritório, que tinha mecanismo de regulagem, e regulou-a para o ponto mais alto, de modo a ter, mesmo afastada da janela, uma visão ampla do prédio em frente. O apartamento da morta continuava às escuras. Os demais, em sua maioria, exibiam a luz azulada dos aparelhos de televisão sintonizados na primeira novela da programação noturna. Experimentou mais uma vez o binóculo que trouxera da sala. Era demasiado possante para a pequena distância entre os dois prédios. O que aparecia quando tentava focalizar era uma grande mancha escura com reflexos irregulares. Custou a perceber que era o vidro da janela da sala. Quando focalizava os apartamentos do andar de baixo, era capaz de ver detalhes dos pequenos objetos sobre os móveis.

Voltou a focalizar o apartamento vazio. Tinha a nítida impressão de que não estava vazio. Não se tratava de nenhum tipo de ilusão retrospectiva ou de alucinação, não estava vendo móveis onde não havia nada, nem quadros na parede nem pessoas andando pela sala; tudo continuava escuro e vazio, mas ela seria capaz de jurar que havia alguém, no canto mais escuro da sala, olhando para ela. Era como se o olhar do outro tivesse luz. Mas a recíproca era verdadeira, também ela estava com a vidraça fechada, o que tornava impossível que alguém situado na sala em frente a visse. Mesmo sabendo disso, sentia medo e suava nas mãos e axilas, coisa que raramente lhe acontecia. Permaneceu imóvel durante longo tempo, quando ouviu o barulho do marido chegando. Antes que ele acendesse a luz do quarto ao lado, iluminando o lugar onde ela estava, levantou-se e foi ao seu encontro.

— Oi, querida, estava no escuro? Desculpe a demora, tivemos uma reunião de última hora.

— Tudo bem, não temos nada marcado.

— Você jantou?

— Estava esperando você chegar.

— Quer jantar fora ou em casa?

— Temos jantar em casa.

— Alguma novidade do delegado?

— Não. E acho que não vai haver nenhuma. Apenas dei uma informação. O que vão fazer com ela, é problema deles. Não tenho mais nada a ver com a história.

— Espero que você esteja certa.

— Você ficou muito impressionado com o fato de eu ter falado com um delegado.

— Você não falou com um delegado, você almoçou com ele no restaurante ao lado da nossa casa.

— Não almocei com ele, apenas tomamos um suco de laranja.

— Para quem visse vocês, não fazia diferença.

— Merda, Guilherme, até parece que fui para um motel ao ar livre com o delegado.

— Ele pode interpretar dessa maneira.

— Não! Não pode! Quem está interpretando dessa maneira é você!

— Convenhamos que você tem uma certa queda pelo submundo.

— Que é muito mais interessante do que o supermundo em que você vive.

— *Eu vivo não, nós vivemos.*

— Se você chama isto de vida...

Aquilo podia se prolongar por horas. Na verdade, já se prolongava por anos. Serena achou melhor se afastar e providenciar o jantar enquanto Guilherme se lavava e trocava de roupa. Quando se sentaram à mesa, os ânimos tinham se acalmado.

— Por favor, não vamos discutir durante o jantar.

— Não quero discutir, estava dando minha opinião. Sua reunião foi boa?

— Foi. Mas, em função dela, vou ter que ir a Washington ainda esta semana.

— Hã-hã.

— Só isso? Hã-hã?

— Meu bem, esse é o seu mundo e essa é a sua rotina. Washington é menos novidade que São Paulo.

— Não é a viagem, é o que vou fazer lá.

— Tenho certeza de que você vai fazer bem, seja lá qual for a missão.

— Você já teve mais entusiasmo pelo meu trabalho.

— E você já teve mais entusiasmo por mim.

Antes de se deitar, Serena ainda ficou algum tempo no quarto de vestir, sentada no escuro olhando para o prédio em frente.

Ramiro morava no Grajaú, zona norte da cidade, e não estava certo quanto a sua transferência para Copacabana ter sido um prêmio, como disseram seus superiores, ou um castigo. Para ir de sua casa a Copacabana tinha de pegar uma condução até a praça Saens Pena, na Tijuca, e de lá pegar o metrô até Copacabana. Se quisesse chegar à delegacia na mesma hora que o delegado, tinha de sair de casa uma hora antes dele. Naquela manhã, estavam chegando juntos.

— Bom dia, delegado.

— Bom dia, Ramiro. Alguma novidade?

— Gostaria que o senhor marcasse um encontro do grupo.

— Está bem, avise a Artur e Welber.

Desde que o grupo fora criado, o tratamento dispensado ao delegado sofrera modificações significativas. Até mesmo aqueles que por antiguidade ou por conhecimento o tratavam de você, haviam mudado o tratamento para senhor; as paradas para conversas rápidas no corredor ou no meio da escada também tinham cessado; e para não parecer um grupo privilegiado pela amizade do delegado, Ramiro, Artur e Welber procuravam manter o tratamento mais formal possível, o que às vezes soava artificial. Não era aquele o ambiente de trabalho que o delegado implantara desde que viera transferido da 1ª DP na praça Mauá, nem o que correspondia ao seu estilo pessoal, mas entendia que quando começavam a matar policiais e as suspeitas recaíam sobre os próprios colegas, o mínimo que se podia esperar era que o ambiente de trabalho ficasse mais formal.

Pouco depois das onze e meia Ramiro entrou no gabinete acompanhado de Welber e Artur. Marcaram o encontro para uma hora depois, na mesma trattoria do último almoço. Haviam combinado, desde que o grupo se formara, que qualquer dos quatro

podia convocar uma reunião. Como inspetor e chefe dos detetives, Ramiro normalmente convocaria Welber e Artur para uma reunião sem precisar pedir permissão ou mesmo comunicar ao delegado, mas aquele era um grupo especial, e por segurança todos precisavam estar a par do que cada um estava fazendo, o que incluía o próprio delegado.

Como o encontro fora proposto por Ramiro, coube a ele tomar a palavra depois que todos chegaram, sentaram-se e se serviram de água mineral.

— Tenho algumas ideias que quero expor para vocês e saber o que acham delas. O que eu tenho, na verdade, é uma hipótese e alguns indícios pouco consistentes, mas pode ser um começo. É o seguinte. Parti da ideia do delegado, de que ninguém estava matando os policiais por vingança pessoal. Concordo com ele. Então, por que estariam matando? Achei que podia ser por punição. Os caras foram justificados. Para isso contrataram um matador. O problema, então, passou a ser: por que eles foram justificados? Resposta: porque fizeram cagada. Foram punidos porque erraram. E erraram feio. Erraram numa coisa em que não podiam ter errado. Ora, todos nós erramos. Acho até que nossa profissão é feita mais de erros que de acertos. Se todo policial que cometesse erro fosse morto, a polícia já tinha acabado há muito tempo. Então, os caras tinham errado numa coisa em que não podiam errar de jeito nenhum. Eles tinham que ter cometido um pecado mortal. E fiquei pensando, qual é o pecado mortal mais mortal? Resposta: traição. Então, cheguei à ideia de que os caras tinham traído os companheiros. Mas quais companheiros, porra? Nós somos companheiros deles, somos todos da polícia, e nenhum de nós se sentiu traído por nenhum deles. Tinha ainda um outro problema: que tipo de traição eles tinham cometido? Para ter sido uma coisa tão grave, só podia ser delação ou roubo. Com essas ideias, saí em campo. Sei quais os lugares frequentados pelos colegas. Comecei a fuçar aqui e ali, procurando saber dos boatos, me metendo nas conversas e ouvindo mais do que falando. Muitos me conhecem e sabem que estou na 12a com o delegado Espinosa, sabem que estamos investigando essas mortes e se trancaram. Acontece que

eles também querem saber por que os colegas estão sendo mortos; estão com medo e querem que o assassino seja apanhado. Se não se abrem inteiramente, também não se fecham inteiramente. Fica parecendo jogo de esconde-esconde. Faz vários dias que estou nesse jogo, e acho que consegui reunir alguns indícios que, na minha opinião, têm alguma consistência.

— Indícios materiais? — A pergunta partira de Welber.

— Não. Suposições. Nada provado. Indícios colhidos em lugares diferentes e com pessoas muito diferentes.

— E aonde você chegou? — perguntou Espinosa.

— Bicho.

— O quê?

— Bicho. Jogo do bicho. Eles recolhiam e distribuíaam a contribuição do bicho para a polícia. Não eram os únicos. Faziam isso há anos. Como eram intermediários, não havia como controlar se entregavam tudo o que tinham recebido dos bicheiros. Até porque nem os bicheiros nem a polícia imaginavam que alguém seria maluco o bastante para enganar os dois. E um dos boatos é que descobriram que durante anos eles desviavam dinheiro pago pelos bicheiros. Decidiram justificar os caras.

— Quem decidiu? Os bicheiros ou a polícia? — perguntou Espinosa.

— Isso não deu pra saber.

— Qual o grau de credibilidade que você dá a essas suposições?

— continuou Espinosa.

— Delegado, eu ponho fé nelas. É claro que as coisas não me foram passadas assim arrumadinhas, foi tudo aos pedaços, um pouco aqui, outro ali, de várias fontes, mas no fim dava pra formar o conjunto, como num jogo de quebra-cabeças.

— E por que mataram também as mulheres?

— Porque era nos apartamentos que eles tinham aqui na zona sul que eles separavam a grana para ser distribuída, e as amantes às vezes estavam presentes. Devem ter ficado com medo de elas abrirem o bico.

— Os três foram os únicos a fazer isso?

— Não sei, mas não ouvi falar em outros.

— O que não está fazendo sentido para mim — disse Espinosa — é terem matado também as mulheres. Se era uma punição, por que elas foram mortas? Foram eles que roubaram, não elas; elas não participavam ativamente da coisa, no máximo podiam ser vistas como cúmplices passivas.

— E se elas soubessem os nomes dos que recebiam dinheiro e, por vingança, decidissem falar?

— Você acha que Celeste sabe o nome dos que recebiam dinheiro?

— É possível, delegado.

Durante o resto da tarde, Espinosa pensou no quadro apresentado por Ramiro. A caminho de casa, no final do dia, continuava pensando. Se o detetive tivesse razão, a série de mortes de policiais podia ter chegado ao fim, já que o assassino passara a se concentrar nas mulheres. Caso houvesse mais tiras a ser mortos, o razoável seria que o matador se ocupasse primeiro deles, para somente então se preocupar com as mulheres. Eles eram o alvo principal, não elas. Caso essas hipóteses tivessem fundamento, faltava ao matador eliminar Celeste.

A secretária eletrônica piscava no escuro da sala quando ele entrou em casa. Acendeu a luz, abriu as janelas para deixar sair o ar quente da tarde e apertou o botão para ouvir os recados. O primeiro era do banco, avisando que o seguro do carro estava para vencer e que bastava um telefonema para ele ser renovado automaticamente; o segundo era de Irene, perguntando se as roupas tinham ficado boas; o terceiro era de Celeste: “Espinosa, os presentes que você me mandou vão ficar ótimos na minha nova casa. Beijo, Ângela”.

Desceu correndo as escadas, tentando se lembrar de onde ficava o orelhão mais próximo. Atravessou a rua em direção à praça e não demorou a encontrar não apenas um, mas dois orelhões juntos no mesmo poste. Ligou para o hotel de Celeste, que ficava à distância de um grito apenas.

— Hotel Santa Clara, boa noite.

— Gostaria de falar com a senhora Ângela Cardoso, por favor. Não sei o número do apartamento.

— Ela deixou o hotel hoje à tarde, senhor.

— Deixou como? Foi embora? Sozinha ou acompanhada?

— O hotel não costuma dar esse tipo de informação, senhor.

— Sou o delegado Espinosa, da Décima segunda DP, e preciso dessa informação.

— Saiu sozinha, senhor.

— Obrigado.

Voltou para o apartamento, ouviu mais uma vez o recado na esperança de apreender alguma insinuação oculta, mas não havia nada. O que estava obscuro não era o texto do recado, mas a razão pela qual ela abandonara o abrigo que parecia seguro.

PARTE III

1

Saiu de casa mais tarde que de costume. Queria passar pelo sebo anunciado por Welber, mas calculou que somente estaria aberto a partir das nove horas. Embora aquele fosse um dos percursos possíveis para ir da sua casa à delegacia, Espinosa raramente o fazia. De acordo com a descrição feita por Welber, a loja ficava mais ou menos no meio da quadra. Não pretendia entrar, preferia uma aproximação gradual, de modo a ir se acostumando aos poucos com a ideia. Havia tempo imaginava o dia em que pediria demissão da polícia e abriria um sebo. Essa fora a razão secreta pela qual não vendera os livros da avó quando da sua morte. Estavam todos guardados em caixas de papelão empilhadas do chão até o teto do seu quarto de empregada. Junto com os seus próprios, formariam o capital inicial de livros. O capital financeiro poderia ser o obtido com a aposentadoria. Não chegava a ser um projeto, era apenas uma ideia. A fantasia de um dia abrir o sebo existia desde o tempo em que, estudante de direito, frequentava os sebos do largo São Francisco, no centro da cidade. Agora, segundo o relato de Welber, esse lugar fantástico fora invadido por pessoas reais e se materializava a poucos passos da delegacia. Um sebo no bairro de Copacabana, a meia distância entre sua casa e a delegacia, era algo até então inconcebível. Já da esquina procurava adivinhar sua exata localização. Não demorou a ver os pequenos balcões com livros em ofertas, do lado de fora da loja. Diminuiu o passo e cruzou a frente

de vitrina repleta de livros, lançou um olhar demorado para o interior da livraria e continuou a marcha em direção à delegacia. Era uma quinta-feira. Talvez no sábado à tarde...

2

O delegado Espinosa lhe dera não apenas o número do telefone da delegacia como também o da residência. Serena não sabia se interpretava o gesto como sinal de eficiência profissional ou como sugestão a que o número fosse utilizado de forma mais pessoal, e o que sinalizava para essa maior pessoalidade era o número acrescentado à mão no cartão padrão da polícia. Olhara dezenas de vezes para ele, como se esperasse, pela repetição, o surgimento de uma verdade oculta naquele conjunto de signos; chegara até a sonhar com o delegado, mas tampouco o sonho fora elucidativo. A verdade é que, no referente às coisas práticas, acreditava mais na sua percepção do que nos signos oníricos, e o que sua percepção captara durante o encontro no restaurante fora o nítido interesse do delegado por ela. Notara o esforço que ele fizera para desviar o olhar dos seus seios. E agora, deitada na cama, revirava entre os dedos o cartão antes mesmo de ter se levantado para o café da manhã.

Guilherme saíra cedo para o trabalho. Preparativos para a viagem, dissera. E ela não tinha dúvidas de que aqueles preparativos eram estritamente referentes a questões do ministério; não lhe passara pela cabeça em momento algum que pudessem dizer respeito a outra mulher. Mulher alguma, o que incluía ela própria, era capaz de se sobrepôr ao prazer que o exercício do poder político propiciava ao marido. E nesse jogo do poder, Washington era muito mais

fascinante do que o mais fascinante dos encontros amorosos. Assim, enquanto o marido estivesse no governo, ela sabia que não seria preterida por mulher nenhuma, a não ser, talvez, por uma improvável ministra com um mínimo de beleza.

Deixou-se ficar um pouco mais na cama, imaginando como seria a vida particular do delegado. Não era casado. Disso, tinha certeza. Sabia quando um homem era casado, independentemente de ele usar aliança. Casamento é como vacina, imuniza e deixa marca. No caso do delegado, arriscaria o palpite de um casamento desfeito havia muito tempo. Não era um recém-solteiro, não tinha a sofreguidão dos que se julgam livres e aptos para conquistar todas as mulheres; também não tinha a melancolia dos que haviam perdido o gosto pelo sexo oposto; e muito menos era um assexuado, isso ficara claro pelo modo como olhava para ela durante a conversa. Talvez fosse mais propenso a relações ocasionais de curta duração e pouco risco.

Enquanto tomava o café da manhã, pensava na viagem do marido. Aconteciam com tal frequência que tinham entrado para o rol das coisas rotineiras. Aquela, no entanto, parecia uma feliz coincidência, uma espécie de sinal positivo para seus propósitos. Não que precisasse contar com as viagens do marido para suas experiências, mas com ele em Washington podia dispor muito mais livremente do seu tempo. Não desgostava do marido; a vida que levavam era confortável, e o que havia de aborrecido e desinteressante podia ser compensado com um pouco de imaginação e ousadia.

O encontro com o delegado fora na segunda-feira. Estavam na quinta. Era tempo de um novo contato. No cartão havia dois números, além do acrescentado à mão: um geral, da delegacia, e outro do gabinete do delegado. Ligou para este último.

— Dona Serena, que prazer ouvir sua voz.

— O mesmo digo eu, delegado. Não sei se estou sendo intrometida, mas como a morte da moça não me sai da cabeça...

* * *

Para Espinosa, Serena permanecia desconhecida. Em sua primeira aparição, no centro da cidade, estava sedutora e inabordável, parecendo saída de um encontro amoroso; na segunda, fora simpática e colaborativa; e agora, ao telefone, continuava simpática mas enigmática. Por mais encantadora que ela fosse, contudo, o delegado estava com a atenção voltada para o destino de Celeste. A moça recebera as roupas, isso era evidente pelo recado na secretária, mas alguma coisa a assustara a ponto de tê-la feito abandonar o abrigo e sair às pressas. Achava pouco provável que num espaço de tempo tão curto o assassino tivesse percorrido um por um os hotéis da zona sul, indagando sobre uma mulher de quem não dispunha sequer de uma fotografia, e tivesse batido exatamente naquele pequeno hotel, de cuja existência pouca gente sabia. Ou então Celeste era mais arguta do que ele pensava e se deslocava continuamente, mudando de nome e de aparência. A nova casa a que ela se referira no telefonema era evidentemente uma mudança de pouso. Restava saber como ela faria para avisar onde estava.

No final da manhã, Welber entrou no gabinete para dizer que tinha estado no apartamento de Celeste.

— Delegado, não parece que tenham levado alguma foto.

— Tem certeza?

— Todos os porta-retratos estão com fotografia, e não há nenhum indício de que tenham entrado lá atrás de fotos.

— Quem esteve por último no apartamento de Celeste?

— Acho que foi Ramiro.

— Perguntou aos porteiros?

— Perguntei. Disseram que ninguém mais esteve lá.

Os relatórios individuais continuavam a ser feitos oralmente no gabinete do delegado, apenas as reuniões do grupo tinham lugar fora da delegacia, embora àquela altura todos tivessem dúvidas quanto à eficácia da medida. Assuntos oficiais eram para ser discutidos na delegacia; reuniões de pequenos grupos fora do local de trabalho davam aos demais a impressão de fórum privilegiado de discussão — o que de fato era o que estava acontecendo. Na manhã

daquela sexta-feira, Welber relatava para o chefe os resultados parciais.

— Delegado, é quase impossível listar os que recebem propina. Os caras se sentem como se estivessem cortando o salário deles, encaram a propina como um complemento legítimo que pode significar o dobro do salário, às vezes até mais. A dificuldade não é saber quem recebe. Todo mundo sabe, até porque muita gente recebe. O problema está em fazer alguém falar, ainda mais sabendo que estamos investigando. O senhor mesmo é capaz de dizer quem, na delegacia, recebe dinheiro. Mas e daí? O que vai fazer com eles? Mandar embora?

— Não estamos investigando os corruptos, isso é função da Corregedoria, estamos investigando quem matou os três policiais e suas amantes e por que eles foram mortos.

— Esse é o ponto. Segundo Ramiro, os caras foram mortos porque meteram a mão no dinheiro que era para ser distribuído, é como se eles tivessem metido a mão nos salários dos colegas.

— Mas os colegas mesmos estavam interessados em descobrir o assassino. Lembre-se da abordagem que Nestor me fez na rua.

— Isso até saberem o motivo dos assassinatos. A partir de então, ninguém mais se interessou por investigar nada. Na minha opinião, quando descobriram que não havia nenhum serial killer exterminando tiras, mas que se tratava de uma ação punitiva, ficaram tranquilos. Não querem que continuem a investigar, pode atrapalhar a distribuição da propina.

— Sobre o paradeiro de Celeste, conseguiram saber alguma coisa?

— Ela desapareceu por completo. Verificamos no IML, nos hospitais e nos aeroportos e gastamos um bom tempo na rodoviária; nesta época do ano a média diária de passageiros chega a cinco mil, é quase impossível localizar alguém. Ou ela conseguiu sair da cidade e já está longe daqui, ou está muito bem escondida e não vai sair da toca.

— Vamos até o bar da esquina tomar um cafezinho.

— Tem café...

— O da esquina é especial.

Chegando à rua, o delegado segurou o braço de Welber forçando-o a andar bem devagar; a distância até a esquina era pequena.

— Welber, quero que você passe suas investigações para Artur e quero que Ramiro continue o que está fazendo. Você, nos próximos dias, vai se dedicar a seguir uma pessoa para todo lugar a que ela for. Tem que ser trabalho de especialista. Use roupas diferentes, tente algum disfarce e, sobretudo, seja extremamente prudente. Vão ser dias cansativos, você não vai ter horário fixo e não vai poder contar com a ajuda de ninguém. E, acima de tudo, ninguém, absolutamente ninguém pode saber o que você está fazendo.

— Tudo bem. Quem eu vou seguir?

— Eu.

— ?

— Você vai me seguir para descobrir se tem alguém me seguindo. Se eu mesmo tentar descobrir, o cara vai perceber. Tem que ser uma terceira pessoa. Quem estiver me seguindo vai estar com a atenção concentrada em mim, não vai imaginar que está sendo seguido por um terceiro. Não sei quem está me seguindo nem tenho certeza se estou de fato sendo seguido. Pode ser homem ou mulher. Se você conseguir identificar alguém, pare imediatamente de me seguir e passe a seguir essa pessoa. A partir daí, tome muito cuidado.

— Quando começo?

— Hoje, quando eu for para casa. Fique com este aparelho. É um celular pré-pago, sem identificação do proprietário. Tenho outro comigo. Anote o número e só se comunique comigo através dele. Quando eu estiver na delegacia, não precisa se preocupar. Se eu tiver que sair, dou um jeito de lhe avisar para você sair antes. O mesmo quando eu for para casa, no final do expediente. Pela manhã costumo sair sempre à mesma hora. Deixo por sua conta a estratégia de ação. Preste atenção numa coisa: se eu conseguir perceber você, é sinal de que meu perseguidor também terá percebido. Você vai ter que ficar invisível para nós dois.

3

Tanto na volta para casa como na saída à noite para jantar, Espinosa não conseguiu perceber ninguém, nem Welber nem nenhuma outra pessoa que estivesse à espreita. Enquanto se preparava para dormir e pensava no desagradável de tudo aquilo, ouviu um ruído que não era o telefone nem o despertador. O celular! Não se lembrava de onde o pusera. Na mesa da sala!

— Alô.

— Delegado?

— Desculpe, Welber, ainda não me acostumei com mais este aparelho. E desculpe também por não ter avisado de minhas saídas...

— Está tudo bem, delegado. Ninguém, além de mim, seguiu o senhor hoje. Claro que foi difícil ver o senhor comer aquela massa acompanhada de vinho e ficar olhando.

— Welber, você foi magnífico. Eu seria capaz de jurar que ninguém tinha me seguido.

— Depois o senhor providencia a medalha. O que precisamos combinar é o seguinte: estou sozinho nessa tarefa, então tenho que dormir nas horas em que o senhor for dormir, não tem ninguém para me substituir durante a noite.

— Claro. Quando eu voltar para casa à noite, você liga para mim para avisar que está indo dormir. Sugiro que nos próximos dias você

se hospede no pequeno hotel que fica aqui mesmo no bairro Peixoto. Facilita.

— É de onde estou falando, delegado.

Na impossibilidade de resolver todas as pendências domésticas naquela manhã de sábado, começou pelo inadiável: o café e a leitura dos jornais. Perto do meio-dia, o telefone tocou. Irene.

— Oi, querido, estou querendo notícias da moça.

— Sumiu.

— Sumiu? Mas você não sabia onde ela estava?

— Sabia, mas por alguma razão ela abandonou o local e desapareceu.

— Você acha que o assassino...

— Não. Ela telefonou agradecendo as roupas e avisando que ia mudar de pouso, só não disse o motivo.

— Isso impede nosso jantar íntimo?

— Eu gostaria muito que ele acontecesse, mas não acho prudente.

— Por quê?

— No caso de eu estar sendo vigiado, não quero que nos vejam juntos. Podem querer te usar.

— Você está sendo vigiado?

— Acho que sim, e não tenho como proteger você eficientemente.

— Proteger de quem?

— Do cara que está perseguindo a moça.

— E o que ele pode querer de mim?

— Fazer uma troca.

— Troca?

— É. Ele está interessado na Celeste, pode te pegar para propor uma troca.

— Me pegar significa me sequestrar?

— Isso.

— Enquanto durar esse caso, não vamos poder ficar juntos?

— Não vai durar.

— Você não respondeu.

- Não quero expor você.
- Espinosa, não vamos trepar em praça pública.
- Não é necessário, basta saberem que gosto de você.
- E gosta?
- Gosto.
- Puta que pariu, é preciso meia dúzia de assassinatos e um sequestro para você dizer isso!
- Você já sabia.
- Mas tem que dizer, porra!
- Está bem. Eu gosto de você.
- Também gosto de você.
- ...
- E agora? Podemos passar a noite juntos?
- Telefone antes de sair e venha de táxi, vou esperar você na portaria; se você não me vir, mande o táxi seguir e volte para casa.
- *Jawohl mein Kommandant.*
- ?
- Minhas aulas de alemão. Um beijo.

O telefonema de Irene interrompera o movimento na direção do conserto da torradeira. Não era grave, ela ainda torrava um dos lados das fatias de pão e as duas fendas para se enfiar as fatias estavam funcionando. Pior se estivesse funcionando apenas uma das fendas e torrando apenas um dos lados da fatia. Achou razoável adiar a tentativa de conserto para o sábado seguinte.

Almoçou perto de casa, sem prestar atenção no que estava comendo, depois foi andando até o sebo. Dessa vez, disposto a entrar para uma primeira olhada. Ao chegar lá, deparou-se com uma tabuleta pendurada pelo lado de dentro da porta de vidro com os dizeres "Reabrimos às 14 horas". O relógio marcava uma e vinte. Olhou os livros em oferta na vitrina, procurou divisar o interior da loja às escuras e retomou o caminho de casa.

Quando Irene telefonou, à noite, avisando que já ia saindo, o céu estava limpo de nuvens e a noite estrelada. Esperou cinco minutos e desceu. Não queria ficar do lado de dentro da portaria porque Irene

não o veria; deixou a porta encostada e ficou do lado de fora, debaixo da minúscula marquise da qual pendia um pequeno lampião em estilo colonial. Estava iluminado por trás, devido à luz da portaria que deixara acesa, e de cima, pela luz do lampião. Para quem estava se sentindo seguido e vigiado, achou que faltava apenas um cartaz com o seu nome escrito em tinta luminosa pendurado no peito. Mas ficou firme, Irene não levaria mais do que quinze minutos para vir de Ipanema ao bairro Peixoto. Já estava se recriminando por ter concordado com o encontro quando um táxi contornou a praça e parou defronte do prédio. Antes de abrir a porta para Irene sair, Espinosa olhou em volta para certificar-se de que ninguém conseguiria se aproximar até entrarem no prédio.

Passados alguns minutos, os dois já seguros dentro de casa, o telefone tocou.

— Delegado, depois de o senhor ficar quinze minutos bancando alvo fixo na portaria do prédio, e de dona Irene ter chegado, acho que posso ir dormir.

— Se eu soubesse que você estava lá, não teria me preocupado tanto. Claro que pode ir dormir. Boa noite.

— Boa noite, delegado.

— Quem era? — perguntou Irene, enquanto arrumava sobre a mesa da sala as coisas que tinha trazido.

— Welber, meu anjo da guarda temporário.

— Você está sendo ameaçado?

— Não propriamente ameaçado, mas vigiado. Não é em mim que estão interessados, mas na mulher para quem você emprestou as roupas. Acham que me seguindo podem chegar até ela.

— E podem?

— Se ela facilitar e me procurar...

— E isso está te preocupando?

— Não demais.

— Mas tem alguma coisa que está ocupando sua cabeça, senão você não estava mastigando o maxilar dessa maneira.

— Abriram um sebo a duas quadras daqui.

— Que bom! Mas isso não é motivo para você ficar tenso.

— Era o que eu faria se largasse a polícia.

- E ia viver de vender livro usado?
- Por que não?
- Porque você não é comerciante, não entende de mercado de livros, não tem capital para iniciar o negócio, não sabe o preço do aluguel de uma loja aqui em Copacabana...
- Você acaba de liquidar meu sonho de um dia sair da polícia e abrir uma livraria.
- Você é um romântico.
- Isso é grave?
- Não, querido, é maravilhoso... para o amor, não para o comércio.
- Então vamos abrir o vinho.

4

Não houve necessidade de nada além de um contrato de aluguel por temporada, e o proprietário não fez nenhuma exigência, apenas as recomendações de praxe. Com o final das férias de verão, a imobiliária não encontraria com facilidade um interessado pelo apartamento. Havia ainda a história da defenestração da última moradora. Serena só precisou pagar adiantado o mês de aluguel.

O porteiro reconheceu imediatamente a moradora do prédio fronteiro, que na véspera fizera perguntas sobre o apartamento.

— A senhora não vai trocar o apartamento bacana da senhora por este daqui, não é, dona?

— Estou escrevendo um livro e quero um lugar isolado e perto de casa, e este é ideal, basta atravessar a rua.

— Acho que o doutor não deixou muita coisa no apartamento. A senhora mesma pode verificar.

A conversa entre Serena e o porteiro do prédio, enquanto o elevador subia até o décimo andar, preencheu o tempo da subida.

— O doutor pediu pra eu mostrar pra senhora como funciona o aquecedor a gás e pra ligar as chaves do quadro de luz. É melhor abrir as janelas pra sair o cheiro de tinta. O resto está tudo aí. A cozinha tem forno de micro-ondas. Se a senhora precisar de alguma coisa, é só chamar pelo interfone.

— Como é o seu nome?

— Eu me chamo Josualdo, dona, mas todo mundo me chama de Aldo.

— Obrigada, Josualdo.

— Aldo tá bom, dona, pode me chamar de Aldo.

— Está bem, Aldo. Acho que não vou precisar de nada. A única coisa que vou trazer é meu computador, e ele cabe dentro da bolsa.

— A senhora conheceu dona Rosita?

— Só de vista.

Umhas poucas viagens de um lado da rua para o outro foram suficientes para carregar as coisas necessárias para o tempo de permanência no apartamento. A linha telefônica não fora desligada, o que era bom. No final da tarde as coisas de cozinha e de banheiro estavam nos seus lugares, umas poucas mudas de roupa no armário e o computador em cima da única mesa da sala. O apartamento poderia ser simpático se os móveis não fossem restos de outras moradias, inteiramente descombinados entre si. Uma coisa, porém, era agradável: a vista lateral para a praia. Da ampla janela cujo peitoril baixo aumentava a área de visão, dava para ver uma faixa de mar que, por menor que fosse, continha um pedaço de horizonte. Comparada à vista da sala do seu apartamento era como olhar o mar pelo buraco da fechadura. Mas não estava lá pela vista. Pelo menos não por aquela vista.

Serena não sabia o que fazer. Na verdade, não tinha o que fazer, tinha apenas que esperar por algo que não sabia exatamente o que era nem quando aconteceria. De sua nova janela, ficou olhando para o prédio em frente, para sua outra janela. Provavelmente Rosita a vira muitas vezes no quarto de vestir experimentando um vestido para algum jantar. Teve a sensação quase louca de que veria a si mesma surgir nua no quarto fronteiro, saída do banho.

Guilherme só voltaria de Washington no final da semana, o que significava que os próximos cinco dias seriam inteiramente livres. Não deixaria de frequentar as reuniões, assim como não deixaria de ir ao analista, apesar de ter perdido o interesse pelas sessões de análise. Quanto ao resto, não havia nada capaz de perturbar a sua espera.

Ficou vendo o mar passar de verde-claro a verde-escuro até escurecer por completo. Todos os dias ficaria um tempo na janela, coisa que raramente fazia no seu apartamento, cuja vista abrangia toda a praia de Copacabana. Naquela janela, porém, o que importava era ser vista.

A poucos passos da delegacia havia o restaurante A Polonesa, com boa comida mas com o ônus da proximidade; mais distante ficava A Trattoria, que ele preferia deixar para suas horas de lazer, apesar de ter sido escolhida para as últimas reuniões do grupo. Podia dispor também, em cada quadra, de restaurantes oferecendo comida a quilo ou de padarias que vendem frango assado desses que ficam girando dentro de um forno envidraçado. Havia ainda o McDonald's, a apenas uma quadra de distância. Optou por atravessar a rua e comprar sanduíche e suco de fruta na lanchonete defronte à delegacia e voltar para o ar-condicionado do seu gabinete.

A cada dia ficava mais claro para Espinosa o quanto a rotina do trabalho policial se tornaria definitivamente insuportável, e não tardaria muito. Não sabia quanto tempo mais, sabia apenas que não era uma questão quantitativa. Podiam ser dez anos como podiam ser dez dias; tratava-se de não atingir aquele ponto em que o cotidiano nos anestesia e transforma dores, angústias e sofrimentos num tédio permanente que não mais distingue dias e noites, trabalho e descanso, amor, ódio, indiferença. Muitas vezes pensara em deixar a polícia, só que nas primeiras vezes a ideia era provocada por conflitos de natureza ética, enquanto nas cogitações mais recentes o móvel era a repetição monótona dos dias. Nem mesmo as diligências e as campanas de uma década atrás aconteciam mais, elas eram deixadas para os policiais mais novos, detetives como Welber e Artur. Restava-lhe instaurar e concluir inquéritos e preencher papéis. Atualmente, não passava de um escriturário armado. No final da tarde, Ramiro se apresentou para fazer o relatório do dia.

— Licença, delegado?

— Entra, Ramiro.

— Vim sozinho porque o senhor quer que esses relatórios sejam individuais.

— Isso mesmo. Como estão as coisas?

— Não muito bem. Não estou fazendo progresso nenhum. Ninguém colabora, ninguém fala nada. Quando os colegas me veem, disfarçam e se afastam. E tem mais: não há a menor possibilidade de alguém falar comigo sem outro colega perto, querem que todos saibam que não estão entregando ninguém. Continuo acreditando na minha hipótese, mas podemos mudar o rumo da investigação por algum tempo. De tanto procurar, acabei descobrindo uma outra coisa que ainda não tinha aparecido. Posso tomar esse novo caminho enquanto deixamos esfriar um pouco o negócio da propina do bicho.

— O que você descobriu?

— Descobri que eles estavam envolvidos também com automóveis. Não sei ainda exatamente o que é, pode ser boato, pode ser cortina de fumaça, mas acho que vale a pena investigar.

— Está bem, vá em frente.

À noite, em casa, recebeu o telefonema de Welber no celular.

— Delegado, podemos falar?

— Podemos. Como está indo? Até agora não vi você em nenhum momento.

— Ótimo, não era para ver.

— Conseguiu identificar alguém?

— Ontem à tarde achei que tinha, mas fiquei em dúvida. Contornou sua praça duas vezes de carro, diminuindo a velocidade cada vez que passava na frente do seu prédio. Como era domingo, podia ser alguém procurando apartamento para alugar. Mas hoje voltou a fazer a mesma coisa, agora à noite. Estava escuro, não posso garantir que fosse a mesma pessoa, mas era o mesmo carro.

— Homem?

— Mulher.

— Conhecida?

— Não. Cheguei a pensar em Celeste, mas não posso garantir. Nem sequer posso garantir que o interesse da pessoa seja o senhor,

mas estou atento.

— Anotou a placa?

— Anotei. Pedi ao departamento de trânsito que localize o dono, ficaram de me dar a resposta amanhã de manhã.

— Você está conseguindo descansar?

— Claro, delegado, o senhor leva uma vida tranquila.

5

Serena chegara com meia hora de antecedência para a reunião da tarde. Na sala estava apenas Dora, com a perna engessada esticada sobre a cadeira da frente, fumando o terceiro cigarro, a julgar pelas duas guimbas dentro do cinzeiro que tinha sobre o colo. Serena deu uma batida de leve no gesso, como para acordar a perna quebrada, e recebeu de volta um afago nos cabelos. As pessoas que chegavam eram quase todas conhecidas umas das outras. O primeiro depoimento da tarde foi particularmente forte. Com o tempo, Serena aprendera a discernir as diferentes formas de relato e tinha para si que as falas mais arrumadas, as formalmente mais bem construídas, as que tinham as palavras certas nos lugares certos, eram as que já haviam se distanciado da pessoa; muito diferentes eram as falas hesitantes, feitas tanto de palavras como de lacunas, marcadas pelos tropeços e pela perplexidade do próprio falante; essas eram as que ainda não tinham exorcizado o horror. Não que fossem mais verdadeiras do que as outras, mas Serena achava que a verdade delas era feita de outra matéria. Ela própria, quando chamada pelo coordenador da reunião a dar seu depoimento, procurava se ater às experiências mais imediatas, ainda impregnadas do vivido. O primeiro depoimento foi um relato longo, intenso, verdadeiro, que mexeu profundamente com ela. Como fazia sempre, sentara-se perto da porta. Saiu antes do segundo depoimento.

Em casa, esperou o telefonema de Guilherme, que acontecia sempre à mesma hora, com a mesma duração e quase com o mesmo conteúdo. Com o passar dos anos, aqueles telefonemas ficaram reduzidos a sua natureza material de impulsos elétricos, tendo perdido o conteúdo afetivo. Por algum motivo que ela não se preocupava mais em identificar, o hábito daquele contato telefônico se mantivera. Ou talvez fosse o contrário: precisamente porque se tornara hábito, permanecera. Jantou salada e peixe grelhado, vestiu bermuda e camiseta e foi para seu novo e provisório apartamento. O porteiro ainda olhava com desconfiança a nova inquilina, que sabia morar no prédio em frente.

— Boa noite, dona, já está tudo arrumado?

— Não tinha muito o que arrumar.

— A senhora já sabe, se precisar de alguma coisa é só chamar pelo interfone.

— Obrigada.

Pela segunda vez, o mesmo porteiro fazia o mesmo oferecimento. O modo como o fazia, o tom de voz, o olhar, eram rigorosamente profissionais, mas ela achava que nas duas vezes houvera um duplo sentido. O elevador não era rápido e silencioso como o do seu prédio, a porta pantográfica permitia que se ouvissem todos os barulhos de uma máquina que certamente tinha meio século de idade, mas chegou eficientemente ao décimo andar.

Entrou no apartamento sem acender a luz. Queria sentir o mesmo que sentira quando, na noite seguinte à do assassinato da mulher, olhara para aquele apartamento e tivera a impressão de que alguém, do fundo escuro daquela sala, olhava para ela.

Além da janela do quarto de vestir do seu apartamento, outras duas davam para o prédio em que Serena estava: a do seu quarto de dormir e a do escritório de Guilherme. A mesma disposição se repetia nos demais andares. Dependendo da posição das janelas — mais afastadas ou em andares mais baixos —, Serena tinha boa visão do que se passava em quatro apartamentos: doze janelas ao todo. Apesar de seu interesse estar todo voltado para o interior do seu quarto de vestir, o movimento dos outros andares começou a atrair seu olhar. O que mais chamou sua atenção foi a

movimentação no interior dos demais apartamentos em contraste com a escuridão inerte do seu próprio. Rapidamente, porém, desinteressou-se do espetáculo oferecido pelas outras janelas e concentrou-se na janela do quarto de vestir. Enquanto fixava o olhar no outro lado da rua, conservava apagada a luz de onde estava. Sua janela estava aberta e seu quarto às escuras. Mesmo sendo o *seu* apartamento e aquela a *sua* janela, havia mistério na escuridão, como se algo muito forte estivesse para acontecer. Permaneceu um tempo debruçada no peitoril, olhando para seu quarto. Não conseguia ver nada. Sabia onde estavam os móveis, mas não era capaz de distingui-los. Protegeu os olhos da luz que vinha da rua e dos outros apartamentos, fazendo um binóculo oco com as mãos. Sabia que não havia nada para ser visto, mas secretamente esperava ver surgir o vulto do assassino no fundo escuro do quarto. Afastou-se da janela e acendeu a luz. Tampouco a sala em que estava era um ambiente neutro. Mesmo com a luz acesa, sua carga de ameaça era maior do que a do quarto fronteiro. Naquela sala, mais ou menos no mesmo lugar em que ela estava, uma mulher mais ou menos da sua idade, talvez com um passado parecido com o seu, discutira com alguém que seria, minutos depois, seu assassino. Antes de ser morta, essa mulher atirara a bolsa pela janela. Qualquer que tivesse sido o motivo daquele gesto, custara-lhe a vida.

Pensou em telefonar para o delegado, mas achou que precisava de um motivo. A menos que fosse diretamente ao assunto. Abriu a agenda e procurou o cartão com os telefones. Àquela hora, teria que telefonar para a casa dele, e não para a delegacia. Achou o cartão e discou o número que ele escrevera à mão. Antes que alguém atendesse, desligou. Fechou a janela, apagou a luz e saiu. Atravessou a rua e entrou em seu prédio, mas, em vez de subir, desceu para a garagem, pegou o carro e saiu em direção ao bairro Peixoto.

O que faz um delegado de polícia solteiro, sozinho em casa à noite? Não sabia se ele estava sozinho. Gostaria que estivesse. Certamente não estava assistindo à televisão, a luz ambiente era amarelada e não azulada. Talvez estivesse lendo ou ouvindo música.

Será que delegado lê e ouve música? Passava um pouco das nove. Podia estar no quarto e não na sala. Talvez estivesse com uma mulher. Deu mais uma volta na praça, mas não esperou para ver se haveria alguma mudança no quadro. Voltou para o Leme.

Uma hora depois de Espinosa chegar na delegacia, na terça-feira pela manhã, Welber entrou no gabinete segurando uma folha de papel que entregou ao delegado.

— É uma cópia do registro do carro. O endereço está anotado na parte de trás.

O nome do proprietário era Guilherme Afonso Rodes e o endereço era o mesmo de Serena Rodes. Espinosa fora apanhado de surpresa. O que fazia Serena, dando voltas de carro em torno da praça e olhando para o seu apartamento? Por que fizera isso em lugar de telefonar? A vontade que tinha era de pegar o telefone e ligar para ela, mas isso deixaria claro que alguém estava fazendo sua proteção. Preferiu esperar pelo próximo passo da senhora Guilherme Afonso Rodes.

— Essa cópia chegou por qual computador?

— Fui pegar no Departamento de Trânsito.

— Ótimo.

— O que o senhor está achando?

— Que esse fato está destoando do conjunto. Ela não tem nada a ver com o motivo pelo qual dei a você essa tarefa.

— Mas ela estava espreitando o senhor, disso eu tenho certeza.

— Mas não faz sentido.

— O senhor conhece ela há muito tempo?

— Só nos encontramos uma vez. Quer dizer, duas, mas da primeira ela não me viu.

— Não entendi.

— Eu tinha visto ela uma vez, num bar do Centro, mas ela nem me notou. Foi na tarde em que você me ligou dizendo que tinham matado Silveira. Só pode ser coincidência.

— Delegado, desculpe entrar no terreno pessoal, mas ela pode estar interessada no senhor. Não precisa de motivo. Acontece.

- Ela é casada.
- E?
- E o quê?
- Ela pode estar te paquerando, delegado.

Espinosa não sabia o que pensar. Obviamente, nada anterior ao primeiro telefonema podia justificar um interesse pessoal. O mais provável era que a partir do encontro no Leme ela tivesse se interessado. Restava ainda a questão do primeiro encontro, no Centro, do qual ela não parecia ter nenhum registro.

Pouco depois das dez, a mesa telefônica passou para o delegado uma chamada.

- Delegado Espinosa?
- Sim.

— Tenho um recado para o senhor da parte de Celeste Cardoso. Ela esteve de mudança e não pôde telefonar, mas mandou dizer que, assim que puder, entra em contato.

- Quem está falando? Alô! Alô!

Antes de terminar a manhã, houve outra ligação.

- Delegado Espinosa?
- Sim! Pode falar!
- Está acontecendo alguma coisa?
- Dona Serena, desculpe, como vai?

— Delegado, o senhor pode dispor de uma hora antes do fim do expediente, hoje, por volta das cinco da tarde?

- Se até lá não acontecer nada de grave, creio que posso.

— Então vamos torcer para que não aconteça. Podemos nos encontrar no Largo do Machado, em frente à galeria do cinema Condor, às cinco horas?

— Certo. Se eu não chegar até cinco e cinco, é porque alguma coisa grave aconteceu.

- Nada vai acontecer, delegado. Até logo mais.
- Até logo mais, dona Serena.
- Outra coisa, delegado.
- Sim.

— Quando nos encontrarmos, vamos deixar para trás o dona e o delegado.

— Está bem.

Muita coisa aconteceu na rotina da tarde, mas nada de grave. Às cinco em ponto Espinosa estava saindo da estação do metrô no Largo do Machado, quase em frente ao ponto combinado. De onde estava, pôde ver a figura que tanto atraía sua atenção no centro da cidade um mês e meio antes. Ela acenou de longe, Espinosa respondeu ao aceno e pensou que em poucos segundos estariam se encontrando como dois namorados à espera da sessão de cinema. Serena deu o braço a Espinosa como se fossem velhos conhecidos, mas, em vez de tomar a direção dos cinemas, guiou-o pela galeria até os elevadores. Desceram no penúltimo andar e se encaminharam para uma sala no fundo do corredor. Espinosa não entendia o que se passava, mas não perguntou nada.

O ambiente espaçoso, dando para a área interna do prédio, recebia bastante luz natural e era bem ventilado. Além das cadeiras dispostas como se fosse uma sala de aula, havia a mesa no lugar que seria o do professor, e ao lado dela uma banquetta alta. Junto à parede, uma mesinha com água e café. Serena e Espinosa sentaram-se próximos à porta. A cada parada do elevador no andar, chegava mais uma pessoa, às vezes duas. Aquele não era o horário de maior frequência, e à hora marcada para o início da sessão apenas um terço da sala estava ocupado.

Até então, Serena não dissera por que estavam ali nem o que era aquilo, embora o emblema dos AA junto à entrada indicasse claramente a que se destinava o local — o que não contribuiu para diminuir a surpresa do delegado, só fez aumentá-la. A primeira suposição de Espinosa não podia deixar de ser a de que Serena fazia parte daquela associação, não lhe ocorrendo nenhuma outra razão para estarem ali em vez de numa das salas de cinema do térreo ou num dos bares da praça tomando um chope. Preferiu não perguntar nada e esperar que ela se manifestasse; até porque aquela era a primeira vez em sua vida que tinha seu primeiro encontro com uma mulher numa reunião dos Alcoólicos Anônimos.

Assim que a reunião começou, o coordenador ocupou a mesa na frente da sala e fez a exposição inicial dos objetivos dos AA. Em seguida, convidou um dos presentes a ocupar a banqueta ao lado e fazer seu depoimento. Serena, que até então não largara o braço de Espinosa, falou baixinho junto ao seu ouvido:

— Agora você já sabe. Gosto do estilo direto.

— Sem dúvida é direto — respondeu Espinosa.

Não ficaram até o fim. Serena falou que a reunião demorava duas horas e que naquele dia ela não faria nenhum depoimento. Ouviram os três primeiros, Espinosa foi apresentado a alguns membros do que eles chamavam de irmandade, e passada uma hora saíram, no intervalo entre dois depoimentos. Eram seis e meia da tarde quando se viram novamente no Largo do Machado.

— Há quanto tempo...

— ... sou alcoólatra?

— Ia perguntar há quanto tempo você frequenta os AA, mas acho que é a mesma pergunta.

— Eu me dei conta de que era alcoólatra há quase dez anos, eu tinha vinte e cinco, mas só passei a frequentar os aa aos vinte e sete, pouco antes de me casar com Guilherme.

— Ele também era alcoólatra?

— Ninguém *era* alcoólatra. Tem membros que estão sóbrios há vinte anos e continuam se considerando alcoólatras; sabem que se tomarem uma única dose deflagram um mecanismo que os fará tomar a garrafa inteira. Guilherme não é alcoólatra, embora beba quase todo dia... Mas não o dia todo. Quando conheci Guilherme, frequentava os AA quase diariamente. Casamo-nos no ano seguinte e quase nos separamos antes do primeiro aniversário de casamento. Mas a responsável pelo abalo não foi a bebida, foi meu passado. As pessoas padecem sobretudo de memória. A imagem que faço da memória é a de um bichinho de estimação que a pessoa ganha ao nascer e que vai crescendo junto com ela até ameaçar devorá-la. Para certas pessoas, o único escape é submeter-se às exigências do bicho. Só que, no nosso caso, o bicho fez morada na cabeça do meu marido. Não me arrependo da vida que levava antes de conhecer Guilherme. Na época não estava preocupada com a bebida, mas

com minha voz e com meu desempenho. Achava que tinha uma voz bonita e que cantava bem. Cantei e bebi durante cinco anos. Quando conheci Guilherme, tinha parado de cantar e estava lutando para parar de beber.

Aquela era uma das horas de maior movimento no Largo do Machado. Saíram andando na direção da praia do Flamengo de braços dados, ele pensando como aquele braço colara-se ao dele.

— Pelo que entendi, o pior já passou.

— Mas não acabou. A ameaça continua presente dentro da gente. É como um cão feroz que foi amansado. Um dia pode morder o dono.

Espinosa chamou um táxi e Serena teve que soltar o braço dele para entrar no carro, mas logo que se sentaram voltou a tomá-lo para si.

— Para onde? — perguntou o motorista.

— Para o Leme — respondeu Serena antes que Espinosa tivesse tempo de dizer qualquer coisa.

Durante o trajeto, quase não falaram. Quando o táxi parou em frente ao prédio dela, Serena largou o braço de Espinosa e beijou-o de leve nos lábios.

— Obrigada, foi uma tarde deliciosa! — e desceu.

De pé na calçada, mas ainda segurando a porta aberta, voltou-se para dizer:

— Da próxima vez não vai ter alcoólicos anônimos.

O telefone celular tocou enquanto o delegado estava no banho. Tocou pela segunda vez quando esperava a lasanha descongelar no micro-ondas. Só uma pessoa podia estar ligando para aquele aparelho.

— Fala, Welber.

— Quem está falando?

— Quem é você? Com quem quer falar?

— Com o dono do aparelho.

— Eu sou o dono do aparelho. E você, quem é?

— Não importa, você não me conhece.

- Onde está Welber?
- Não sei quem é esse cara.
- Então o que está fazendo com o aparelho dele?
- Não sei de quem é o aparelho, peguei ele no chão.
- E como ligou para mim?
- Apertei a tecla *redial*.
- Onde você está?
- No bairro Peixoto.
- Em qual lugar do bairro Peixoto?
- Num banco no meio da praça.
- Espere por mim, chego aí num minuto.

Não foi difícil localizar o homem, era hora do jantar e da novela na televisão, a praça estava vazia. Ele ainda estava com o aparelho na mão e olhava para os lados e para cima, como se alguém fosse surgir dos céus. E foi mais ou menos o que aconteceu. Em menos de dois minutos o rapaz de vinte e poucos anos, óculos de aros de metal, cabelos pretos e lisos, descendente de japoneses, olhava espantado para o homem que ainda enfiava a camisa por dentro da calça e que não se preocupava em amarrar os cordões dos sapatos.

— Sou o dono do telefone.

— Tudo bem. Pode levar. Foi para isso que telefonei.

— Obrigado. Desculpe se fui ríspido com você, mas é que estava esperando um chamado importante. Você chegou a ver quem deixou cair o aparelho?

— Não. Estava caído junto ao meio-fio, do outro lado da praça. Pode ter sido alguém que pôs ele no bolso da calça e que quando entrou no carro deixou cair.

— Você não viu nenhum carro saindo? Não percebeu nenhuma confusão? Ninguém brigando?

— Não, nada. Aconteceu alguma coisa grave?

— Espero que não. Como é o seu nome?

— Marcelo. Marcelo Ishigara.

— Obrigado, Marcelo. Meu nome é Espinosa.

Apertou a mão do rapaz e voltou para o apartamento na esperança de um novo telefonema. Eram oito e vinte. Espinosa não chegara a retirar a lasanha do micro-ondas: os três apitos

anunciando o fim da operação deviam ter soado enquanto ele estava na praça falando com o rapaz. Comeu a massa ali mesmo na cozinha, sem acompanhamento, pensando no que poderia ter acontecido a Welber. Podia ter saído às pressas atrás de alguém, sem ter percebido a queda do aparelho, ou podia ter deixado cair de propósito, na esperança de ser encontrado por alguém que fizesse exatamente o que o rapaz tinha feito; seria uma forma de avisar que algo dera errado.

Nove e meia. Mais de uma hora desde o telefonema de Marcelo Ishigara. Sentado no sofá da sala, Espinosa olhava as luzes no morro. Não havia nada a fazer a não ser esperar. Sentia-se culpado por ter deixado o detetive desacompanhado, mas não tinha alternativa, os colegas que poderiam dividir com ele a tarefa eram os mesmos que estavam sob suspeita. Claro que alguns mereciam crédito, fosse por estarem havia pouco tempo na polícia e terem sofrido menor exposição ao contágio, como Artur, fosse porque eram honestos e não se deixariam corromper. Mas mesmo em relação a Artur, a confiança não era irrestrita, faltava o convívio de uma história de trabalho conjunto. Era precisamente essa história que fizera de Welber o único em quem o delegado tinha confiança irrestrita. Às dez e quinze ele ainda pensava naqueles tempos não tão remotos, quando seu celular tocou. Atendeu prontamente.

— Delegado, desculpe, perdi meu celular.

— Welber!

— O que foi delegado, aconteceu alguma coisa?

— Não. Seu celular está comigo.

Espinosa contou o telefonema do rapaz e o encontro na praça.

— Tive que sair às pressas atrás de um carro. Não tenho certeza, mas pode ter sido a mesma mulher do outro dia. De qualquer forma, era uma mulher. A menos que fosse um homem travestido.

— Welber, preste atenção, pode ser uma mulher parecida com a que você viu no outro dia, mas não creio que seja a mesma.

— Até porque a mesma o senhor deixou em casa há poucas horas, não vejo por que voltaria de carro para espionar seu apartamento. Aliás, delegado, com todo o respeito, gostaria que o

senhor me contasse depois que história é aquela de alcoólicos anônimos.

— Então você viu.

— Foi o senhor que mandou, delegado.

— Não sabia que você era tão eficiente.

— Delegado, não tem eficiência nenhuma. O senhor passeia de metrô até o Largo do Machado, encontra-se com uma bela mulher e entra na galeria de braço dado com ela; eu pensando que fôssemos assistir a um filme e vocês pegam o elevador, me obrigando a mostrar o distintivo para o ascensorista para ele me dizer em qual andar vocês desceram. Felizmente tive a ideia de ir ao último andar e olhar pela área interna. Lá estavam vocês, de braços dados, numa reunião dos alcoólicos anônimos. Foi demais para mim.

— E a mulher que você seguiu?

— Não segui. Eu estava fora do carro, procurando um lugar onde o celular pegasse melhor, quando percebi a mulher no táxi olhando para a sua janela. Foi na hora em que eu estava ligando para a sua casa. Voltei às pressas para pegar meu carro que estava do outro lado da praça. Quando consegui sair da praça, não sabia para que lado eles tinham ido: escolhi o lado errado.

— Welber, suspenda a vigilância até segunda ordem.

— Tem certeza, delegado?

— Tenho. Não se preocupe. Celeste sabe que meu telefone pode estar grampeado, o telefone da delegacia é igualmente suspeito, a melhor forma de ela entrar em contato comigo é pessoalmente, sem avisar, como já fez. Talvez tenha pressentido a sua presença, ela é muito esperta e está com medo de ser morta.

— Acho difícil ela ter pressentido minha presença. Mesmo quando eu estava à vista, era impossível alguém suspeitar. Se o senhor olhasse para mim, não me reconheceria. Quer que eu suspenda a partir de hoje?

— Quero. Pode ir para casa descansar, amanhã na delegacia te entrego o celular.

6

Espinosa passou o dia na expectativa de um novo telefonema ou de outro contato pessoal de Celeste. Saiu sozinho para almoçar e foi até a galeria Menescal. Demorou mais do que o usual para comer um quibe e tomar um refrigerante. Escolheu voltar à delegacia pela avenida Copacabana, que àquela hora tinha as calçadas apinhadas de gente, o que facilitaria uma abordagem caso Celeste viesse a tentar uma. De nada adiantou.

Achava pouco provável que ela ligasse para a delegacia. Foi com surpresa que, ao atender um chamado, ouviu uma voz feminina do outro lado da linha.

— Delegado?

— Celeste?

— Quem é Celeste?

— Quem está falando?

— Serena.

— Serena! Desculpe, estava com a cabeça voltada para...

— ... para a Celeste. Os homens estão sempre pensando em mulher, e quase sempre em *outra* mulher.

— De fato era o que estava acontecendo, mas não é o que você está pensando.

— Claro. Mas não estou telefonando para falar de outra mulher. Quer se encontrar comigo hoje, às seis horas? Prometo que não vamos a nenhuma reunião dos AA.

— Certo, mas, como eu disse ontem, há sempre a possibilidade de uma emergência. Tudo bem?

— Tudo bem. Como ontem, não vai haver emergência nenhuma. Anote o endereço.

Quando o delegado acabou de anotar, ela completou:

— É também no Leme, você não vai ter dificuldade para encontrar o prédio.

Pouco depois do telefonema de Serena, Welber apareceu no gabinete de Espinosa. O rosto era de quem tinha acordado havia pouco. O delegado levou o detetive até a janela, entregou-lhe o celular que ele deixara cair na praça e os dois conversaram debruçados no parapeito, voltados para a barulhenta esquina da rua Barata Ribeiro.

— Me diga uma coisa, Welber. A mulher que você viu no carro ontem à noite, você mesmo admitiu que poderia ser um homem disfarçado de mulher.

— Admiti, apenas como hipótese. Não estava achando que fosse um homem. O senhor está pensando no matador?

— Estou.

— Não era ele.

— Por que tanta certeza?

— Porque era uma vigia muito grosseira, coisa de principiante.

— Talvez ele quisesse dar essa impressão.

— Delegado, nesses dias o senhor só foi seguido por três pessoas: pela mulher com quem o senhor se encontrou ontem, pela mulher que eu vi dentro do carro e por mim. Se alguém mais o seguiu, é um especialista na arte do disfarce e um perito na arte de seguir alguém.

— Pode ser que nosso homem, além de perito na arte de matar, seja um artista mais completo. Mas o que importa no momento é que Celeste está escondida, deve estar apavorada, e está tentando entrar em contato. Pode ser que já tenha te visto em outra ocasião. Vamos manter suspensa sua campana por um dia ou dois, para dar a ela chance de se aproximar.

— Isso se o que a está impedindo for o fato de ela ter me reconhecido, o que duvido. O senhor é quem manda, mas tenho medo de o senhor ficar exposto.

— Não é a mim que o assassino quer, é Celeste. O único interesse que ele tem em mim é achar que ela pode me procurar. Se ela entrar em contato, ligo para você e traçamos um plano para protegê-la.

Faltavam dez minutos para as seis quando Espinosa saiu da delegacia tendo no bolso o papel com o endereço dado por Serena. O motorista não se incomodou com a corrida curta, o que Espinosa considerou prenúncio de um bom final de tarde. Quando o táxi parou no endereço indicado, estavam em frente à portaria do prédio de Serena. Espinosa tirou o papel de dentro do bolso e verificou o número indicado por ela. Não conferia. Era número par e o do prédio onde ela morava era número ímpar. Olhou para o prédio em frente. O número conferia. Olhou novamente para o papel. Era o mesmo andar e o mesmo apartamento. Não entendeu de imediato o que Serena estava fazendo no apartamento da mulher que ela própria afirmava ter sido assassinada.

Disse o número do apartamento para o porteiro, que apenas indicou o elevador. Desceu no andar e procurou o número do apartamento. Não precisou tocar a campainha, a porta estava apenas encostada. Serena estava de pé no meio da sala com um vestido simples, de alças e muito leve. Espinosa sentiu-se verdadeiramente confuso. Ao mesmo tempo encantado com a beleza de Serena e sem entender o que ela fazia dentro daquele apartamento, inteiramente à vontade, como se fosse dela. Foi recebido com um leve beijo nos lábios, como na véspera, e conduzido até a janela, de onde dava para ver um pedaço de mar com os últimos raios de sol incidindo sobre as ilhas no horizonte. Bem na frente deles estava o apartamento que Serena apontou como sendo o dela.

— Não é incrível? — disse. — Agora as posições se inverteram.

— O que você quer dizer com isso? Aliás, o que significa tudo isso? O que você está fazendo neste apartamento?

— Quanta pergunta! Não está acontecendo nada de mais... a não ser o fato de estarmos os dois sozinhos aqui.

— O que você está pretendendo?

— E você? Não está pretendendo nada?

A resposta desnorteou Espinosa momentaneamente. Claro que estava pretendendo alguma coisa, caso contrário não teria saído da delegacia para se encontrar com uma mulher casada num endereço que supunha não ser o da casa dela. Claro que estava pretendendo. Além do mais, ela estava linda e incrivelmente provocante naquele vestido que ele tinha a impressão de mal se sustentar nas alças finas. Era mais do que claro que ele estava pretendendo coisas.

Antes que Espinosa esboçasse uma resposta qualquer, Serena passou os braços em torno do seu pescoço e disse:

— Relaxe, não estamos mais na reunião dos alcoólicos anônimos. Estamos só nós dois aqui. Sei que pode estar parecendo estranho para você, mas tudo vai ficar claro. Vamos sentar no sofá.

— De quem é este apartamento?

— Primeiro deixa eu dizer o que tenho para oferecer. Café, refrigerante, mate e água. Sinto muito, mas em casa de AA não tem bebida alcoólica.

— Obrigado, não quero nada, por enquanto. Estou querendo entender o que está acontecendo. De quem é este apartamento?

— Não sei o nome do dono, mas aluguei por um mês.

— Você alugou? Mas você não mora no prédio em frente?

— Exatamente por isso eu aluguei. As posições agora se inverteram.

— O que você quer dizer com isso?

— Quero dizer que daqui deste apartamento posso ver o que está se passando no meu apartamento em frente.

Espinosa levantou-se e Serena levantou-se em seguida.

— Serena, por favor, seja clara. O que você pretende com isso?

— Vou explicar. Eu disse que vi o que aconteceu neste apartamento. Vi os dois discutindo. Vi a bolsa sendo jogada pela janela. Vi a mulher caindo e se estatelando na calçada. Vi a bolsa sendo levada por alguém. E alguém me viu vendo tudo isso. Esse alguém é o assassino. Ele me viu claramente olhando da janela em

frente. Aquela janela ali. Ele não sabe o quanto eu vi, mas deve estar apostando que foi muita coisa. Mais ainda: deve estar pensando que vi ele jogar a mulher pela janela e que sou capaz de identificá-lo. E se estiver pensando assim, vai tentar me matar. Sabe onde eu moro. Só que, quando ele fizer isso, vou estar aqui deste lado olhando para ele.

— E você acha que um assassino profissional que no último mês matou três policiais e três mulheres vai ficar brincando de gato e rato com você, de um lado para o outro da rua?

— Se não tiver outra saída...

— Mas ele tem outra saída. Basta ele atravessar a rua e matar você.

— Não, se você entrar em cena.

— Como assim?

— Podemos combinar um modo de comunicação rápida e aviso quando ele aparecer. Claro que não vou esperar ele atravessar a rua, e se ele atravessar não vou ficar esperando ele me atirar pela janela.

— Serena, ele não é um amador, é um assassino frio.

Espinosa estava olhando para Serena, em pé diante dele, sem conseguir desviar o olhar do decote, das pernas, ao mesmo tempo em que tentava raciocinar sobre o que ela havia dito.

— Seu olhar está me dizendo coisas.

— O que ele está dizendo?

— Está fazendo uma pergunta.

— Que pergunta?

— Está perguntando o que vai acontecer se eu soltar as duas alças do meu vestido.

— E o que vai acontecer?

Serena afastou as duas alças, deixando o vestido escorregar corpo abaixo. Estava inteiramente nua.

7

Ao entrar no seu apartamento, às onze da noite, havia a indicação de três chamadas na secretária eletrônica. Em nenhuma delas a pessoa deixara recado. Enquanto tomava banho, ficou atento, mas o telefone não voltou a tocar.

No dia seguinte, na delegacia, por volta das dez horas da manhã, chamou Welber para um café na esquina, mas antes mesmo de descerem a escada para o primeiro andar, voltaram para sua sala.

— Isso está ficando ridículo. Não precisamos ir até a esquina, podemos falar aqui mesmo.

— Por mim tudo bem, delegado, já me acostumei com cara feia de colega. O que aconteceu?

— Você acha que Artur é confiável?

— Acho que sim. O que o senhor quer dele?

— Quero vocês dois de prontidão neste fim de semana.

Espinosa expôs a história de Serena, omitindo os aspectos íntimos que o envolviam e dando ênfase ao fato de ela estar decidida a funcionar como isca para o criminoso.

— Ou seja, a partir de hoje temos duas mulheres, e não mais uma apenas, como vítimas prováveis do matador — concluiu Espinosa.

— E como ela vai fazer para ele ser atraído por ela?

— Não precisa fazer nada. Segundo ela, o assassino viu que ela estava olhando quando ele atirou a mulher pela janela.

— E ela viu mesmo?

— Não viu ele jogar, mas viu os dois discutindo antes de a mulher jogar a bolsa e cair em seguida. Na opinião dela, ele vai tentar silenciá-la.

— Por que não tentou até agora?

— Porque estava ocupado tentando encontrar Celeste.

— Delegado, o senhor acha que um sujeito que matou essas seis pessoas está preocupado em ser identificado por uma testemunha que estava em outro prédio, do outro lado da rua, distante vinte metros, à noite?

— Pode ser. Matador de policial é um cara marcado. Ele pode querer se proteger. Tanto que até agora não se deixou ver.

— E o que o senhor quer de nós dois?

— Quero que vocês tenham permanentemente à mão telefones celulares para uso exclusivo nosso. Uma espécie de alarme a ser disparado quando a emergência se apresentar.

— Quem vai dar o alarme?

— Eu vou ser chamado e aviso vocês dois imediatamente. Para que a coisa funcione, é preciso que vocês possam ser encontrados a qualquer hora do dia ou da noite e que tenham meios de se deslocar rapidamente para o local. Posso conseguir os telefones para vocês hoje mesmo.

— Eu e Artur temos carro.

— Ótimo. Darei uma cota de combustível para vocês. Uma das mulheres mora no Leme. O nome dela é Serena; é casada com um figurão do governo federal, e seu endereço provisório é o mesmo da mulher que foi jogada do décimo andar. A outra é Celeste, que está desaparecida. Passe as informações para Artur e mantenham sigilo absoluto.

— Como é que o endereço da mulher do figurão do governo é o mesmo da mulher assassinada?

— É uma história complicada. O endereço verdadeiro é o do prédio em frente; esse que eu te dei é provisório.

— Outra pergunta, delegado. Ela é a mesma dos alcoólicos anônimos?

— É.

— O senhor disse para eu passar as informações para o Artur. É para passar todas as informações?

— Algumas podem ficar só com você.

O tempo de que Espinosa dispunha até a hora do almoço foi dedicado a providenciar os dois aparelhos telefônicos para Welber e Artur. Pouco antes de sair, recebeu a chamada que esperava havia dias.

— Espinosa? É Celeste. Que tal comermos uns quitutes como da última vez?

— Ótima ideia.

— Dentro de dez minutos, está bem?

— Está perfeito.

Vestiu o paletó e saiu sem falar com ninguém. Foi pela rua Barata Ribeiro, que era o caminho mais curto para a galeria Menescal. Celeste não estava no árabe, e sim numa loja na esquina da galeria. Assim que ele passou, ela o pegou pelo braço e fez sinal para o primeiro táxi. A mesma tática usada por ele quando se encontraram da primeira vez. Depois de prestarem atenção se alguém pegava também um táxi ou um carro, circularam até se certificarem de que não estavam sendo seguidos. Por sugestão de Espinosa, foram para um restaurante no centro da cidade que era agradável e que tinha a vantagem de uma saída lateral além da principal. Celeste cortara o cabelo bem curto e pintara de louro. Usava óculos escuros pequenos e redondos, e uma das roupas dadas por Irene.

— Desculpe ter desaparecido.

— O que aconteceu?

— Andaram fazendo perguntas no hotel.

— Quem? Perguntando o quê?

— Acho que foi tira. Perguntando se tinha alguma mulher hospedada sozinha. Por sorte o gerente interpretou a pergunta de outra maneira e respondeu que o hotel não aceitava mulheres desacompanhadas.

— Para onde você foi?

— Mudei de hotel.

— O que você pretende fazer?

— O mesmo que venho fazendo até agora. Pelo menos até pôr em prática o meu plano.

— Que plano?

— Já fiz a primeira parte. Falta a segunda. Mas antes de explicar, quero saber se você vai me oferecer um almoço. Tenho comido mal ultimamente.

— Desculpe.

Espinosa fez sinal para o garçom. Só então olharam em volta e prestaram atenção no restaurante e nas pessoas. Era um lugar tranquilo, com paredes forradas de madeira, janelas com pequenos painéis de vidro bisotê, iluminação agradável, frequentado por advogados e executivos de empresas estrangeiras e àquela hora ainda com pouca gente. Espinosa pediu o cardápio e escolheram os pratos, ou melhor, aceitaram a sugestão feita pelo garçom, e, enquanto esperavam, Celeste expôs o plano para escapar da morte por execução.

— Acho que você já sabe que Nestor, Ramos e Silveira eram homens da mala, distribuíam o dinheiro do jogo para as delegacias. Durante estes últimos anos, acompanhei Nestor às reuniões que eles faziam para separar e repassar o dinheiro. Essas reuniões eram quase sempre no apartamento de Nestor, em Copacabana. De tanto participar, fiquei sabendo quem recebia e quanto recebia. Não era a mesma quantia para todos. Os delegados ficavam com a maior parte do bolo e as fatias iam diminuindo quanto menos graduados eram os que recebiam. Mesmo com essa divisão desigual, cada um duplicava ou triplicava o salário mensal. Nesses dias em que fiquei escondida, tive tempo bastante para redigir um histórico disso tudo, com os nomes de todos os beneficiados. A lista inclui de delegados a ajudantes de carcereiro e inclui também alguns políticos. Especifiquei nomes, quantias, datas, locais de entrega e entregadores, sendo que em alguns casos listei os bens adquiridos com as contribuições. Fiz cinco cópias do dossiê e das listas e depusitei num cofre de banco, juntamente com uma autorização para serem entregues às cinco pessoas cujos nomes estão nos envelopes lacrados. Feito isso, procurei uma firma de advocacia e cumprí as formalidades legais, procurações, autorizações etc., para

que eles possam retirar as listas da caixa do banco e entregar aos destinatários no caso de eu sofrer um atentado, ter morte suspeita ou desaparecer. As cinco pessoas escolhidas são todas conhecidas e com acesso à mídia. Você é uma delas. Seu papel é fazer circular no meio policial a notícia das listas.

— É um dispositivo inteligente... e perigoso.

— Qual é o perigo?

— É o equivalente a você dizer que debaixo do assoalho de cada delegacia há uma quantidade de dinamite capaz de fazer voar o prédio, e que cinco pessoas, seis com você, dispõem da chave capaz de detonar os explosivos. Não se trata de uma ameaça possível, mas de uma ameaça real.

— E daí?

— E daí que eles não vão ficar quietos, rezando para que seu humor não se modifique e você não acorde aborrecida com o mundo e decida abrir os envelopes.

— O que você acha que eles podem fazer? Não têm alternativa.

O garçom chegou com os pratos. Espinosa achou difícil comer depois daquela conversa, mas deu algumas garfadas ao ver a vontade com que Celeste se lançava à grande tigela de barro com a paelha de frutos do mar.

Terminado o almoço, ficaram ainda um tempo discutindo as possíveis reações à notícia. Espinosa continuava achando arriscado, embora reconhecesse não dispor de alternativa mais eficaz para oferecer.

— Pense bem, Espinosa, ou é isso ou aceitar mudar de nome, de cidade, de rosto, e apagar toda a minha história pessoal. Que diferença faria, essa morte ou a morte física?

— Você já depositou os envelopes na caixa do banco?

— Já.

— Então não está pedindo minha opinião. A decisão já foi tomada.

— Já. A decisão era minha.

— Você sabe que vou tentar obter essa lista.

— Imagino. Por isso não disse o nome do banco em que ela está guardada. Também não acredito que consiga uma ordem judicial para investigar banco por banco, agência por agência. São milhares.

— Não pensei em ordem judicial. Pensei em você.
— Espinosa, essa lista é a minha salvação.
— De qualquer forma, vou tentar. Enquanto a notícia se espalha, onde você vai ficar?

— Não fico mais de dois dias no mesmo lugar. O diabo é que as escolhas ao alcance da minha bolsa, aqui na zona sul, estão se esgotando. Não quero ir para bairros que não conheço, fico ainda mais insegura.

Celeste tinha comido por ela e por Espinosa. O delegado olhava com admiração para aquela mulher que, perseguida de morte pela própria polícia, conseguira desenvolver, sem a ajuda de ninguém, uma estratégia de sobrevivência capaz de neutralizar a truculência dos seus perseguidores.

— Você estava precisando disso, depois de tantos dias escondida.

— Acho que vai funcionar.

— Estava me referindo à paelha.

— Ah! E como estava!

— Então podemos pensar na sobremesa.

— Sorvete! Adoraria um sorvete de manga.

Celeste, com seu novo estilo, se diferenciava do padrão executivo dos clientes do restaurante, que ficara cheio de uma hora para outra. Estava alegre, não inteiramente descontraída, mas suficientemente desarmada a ponto de usufruir o ambiente agradável e a boa culinária. Dividiu a taça de sorvete com Espinosa e chegou a contar passagens engraçadas das suas mudanças abruptas dos últimos dias.

— O que você vai fazer enquanto a notícia se espalha?

— Continuar mais uma semana escondida, aqui mesmo no Rio. Depois pretendo passar uns tempos em outra cidade. Talvez uma cidade do interior, onde a vida é menos cara. Raspei todas as minhas economias. Vai dar para um mês ou dois, dependendo da cidade. Depois penso no que vou fazer. Primeiro quero sentir a repercussão da notícia do dossiê.

— Enquanto isso, procure não se expor desnecessariamente.

Celeste estendeu os braços por cima da mesa e tomou a mão de Espinosa.

— Você tem sido muito legal comigo. Como você vai fazer para espalhar a notícia?

— Vou dizer que recebi o telefonema de um advogado avisando dos dossiês depositados num banco.

— Ótimo.

8

Depois de deixar Celeste num táxi, Espinosa convocou uma reunião do grupo para aquela tarde no próprio gabinete. Às três da tarde, Ramiro, Welber e Artur estavam sentados em semicírculo em frente à mesa do delegado.

— Não há mais necessidade de sigilo em relação a Celeste — começou Espinosa.

— Ela... — Welber engoliu o resto da pergunta.

— Não, ela não morreu. Almocei com ela e posso garantir que está bem viva.

— Pegaram o homem?

— Também não. Mas acho que ele vai ter que dar o trabalho por encerrado. O que não quer dizer que vamos desistir de ir atrás dele.

O delegado resumiu o encontro com Celeste e o plano dela para se livrar do matador. Falou também do telefonema do advogado confirmando a existência dos envelopes e do fato de haver um com o seu nome como destinatário.

— Ninguém, nem mesmo o advogado, terá acesso à lista, a menos que Celeste morra ou sofra um atentado. Pelo que ela me contou, o histórico é minucioso e a lista pode ser considerada completa. Ela não me forneceu nenhum nome.

— Por que os que morreram não fizeram a mesma coisa?

— Talvez não tenham percebido o motivo daquelas mortes ou não o tenham percebido a tempo de elaborar um mecanismo defensivo

eficaz. Não se esqueçam de que, para a quase totalidade dos tiras, estratégia de defesa é sinônimo de poder de fogo. Estou falando em poder de fogo real, concreto. Celeste resolveu usar a cabeça.

— Se ela tiver sucesso, nossa chance de pegar o assassino vai ficar ainda mais reduzida — falou Ramiro.

— Mas a ideia não é essa — continuou Espinosa. — A possibilidade de a ameaça a Celeste vir a cessar não significa que vamos desistir de pegar o sujeito que matou três policiais e três mulheres debaixo do nosso nariz. Concordo que vai ficar mais difícil. Provavelmente ele vai sair da cidade, vai se dar conta de que também pode ser executado como queima de arquivo — apesar de eu não achar que os mandantes tenham tido contato direto com ele. De qualquer forma, é possível que ele saia de circulação.

O delegado manteve a conversa durante mais alguns minutos, reforçando a importância dos dossiês como estratégia de sobrevivência de Celeste. Eram três e quarenta quando deu por encerrada a reunião. Achava que até o final da tarde todos os policiais da delegacia estariam sabendo dos dossiês, e até o final da semana a notícia teria corrido as delegacias do Rio.

9

Serena estava deitada no sofá do seu apartamento de temporada pensando na tarde passada com Espinosa ali mesmo, naquela sala, à luz suave do crepúsculo. Melhor e pior do que imaginara: melhor fisicamente, e não tão bom romanticamente. O delegado não era de fazer romance, era mais um homem de ação. Mas não era incurável, parecia alguém que perdera a sintonia fina com a alma feminina, embora conservasse o poder de sedução. Nada que fosse irremediável.

O encontro com Espinosa tivera o sabor da época em que cantava em boates. Um delegado de polícia e uma cantora de boate podem fazer parte do mesmo álbum de fotografias, pensou, mas dificilmente integrariam o álbum da família Rodes, cujo filho fora estudar em Harvard. Felizmente o delegado não encarara o encontro como o início de um romance. Não era mesmo para ser romance, era para ser uma aventura. Romance ela podia fazer com o marido, até porque romance é sempre fingido.

A cada minuto se levantava do sofá e olhava pela janela. Não era apenas a sua janela em frente que importava; também estava interessada na rua e nas pessoas das calçadas próximas. Não tinha dúvida de que seria capaz de identificar o assassino caso viesse a estar frente a frente com ele, embora só o tivesse visto na noite do crime, e de relance. Não esperava identificá-lo pela aparência, mas por um sentimento que os unia. Também ele não devia tê-la visto

bem. Ela estava contra a luz e fora por um breve momento. A vantagem que ele levava sobre ela era saber onde ela morava. Por isso ela esperava.

PARTE IV

1

O avião pousou no Santos Dumont pouco depois das sete horas. Do saguão do aeroporto, Irene telefonou para Espinosa: primeiro para a delegacia, depois para o apartamento; na primeira já tinha saído e no segundo ainda não tinha chegado. Pegou um táxi e deixou para ligar novamente quando chegasse em casa.

Os últimos dois dias foram de poucas ocorrências, nada que exigisse sua intervenção direta. Não era raro, às sextas-feiras, o fluxo se inverter: poucas ocorrências durante o dia, aumentando à noite e atingindo o clímax durante a madrugada; em geral, turistas roubados por pivetes, prostitutas e travestis, além de bebedeiras e brigas em bares e boates. O delegado substituto de plantão daria conta do recado. Saiu da delegacia às seis horas.

Estava fazendo mais de uma semana que não via Irene. De certo modo, esse tempo fora ocupado por Serena e Celeste, sendo que Serena ocupara o tempo e o espaço. Não se tratava de substituição, e nem ele desejava isso.

Enquanto andava pela calçada repleta de gente — escolhera o novo caminho que passava pelo sebo —, pensava nas dificuldades de uma ética do comportamento sexual. Como se comportar numa situação como aquela em que uma linda mulher, sozinha com você

num apartamento, tira toda a roupa e fica te olhando, como um sorvete olharia para um menino num dia de verão?

Claro que estava procurando uma justificativa. Não era mais um menino e Serena não era um sorvete. De qualquer maneira, não se tratava mais de tomar uma decisão ética. O que estava feito estava feito, fora vítima de uma armadilha amorosa e não havia como escapar. Não se sentia culpado com relação a Irene por causa disso. Não havia entre eles nenhum compromisso de exclusividade. Ela nunca perguntara se ele estivera com outra mulher, assim como ele jamais perguntara sobre o que ela fazia em suas noites livres em São Paulo (ou mesmo no Rio). O que quer que fizessem na ausência um do outro não interferia no enorme prazer de estarem juntos quando isso acontecia.

Não havia novidade naquela reflexão. Tampouco estava pesando os prós e os contras para depois tomar uma decisão quanto ao rumo a escolher. A verdade era que a situação convinha a ambos. E tampouco essa conclusão era novidade. Por que, então, estava pensando em tudo aquilo? Se estava com saudade de Irene, que procurasse por ela! Por que ficar andando daquele jeito, mãos nos bolsos, olhar fixo num ponto que se deslocava com o andar, arrastando uma sensação de vazio inteiramente injustificada?

Naquele ponto da reflexão, chegara à livraria. Pela primeira vez, não estava interessado nos livros, mas na livraria. Ainda do lado de fora, olhava a vitrina e a bancada de livros em promoção, pensando se faria igual ou se procuraria outra forma de exposição. As duas coisas — a vitrina propriamente dita e a bancada externa — eram elementos importantes e até mesmo decisivos para atrair clientes. Quanto ao interior da loja, ele sem dúvida faria modificações de modo a torná-la mais atraente e com mais charme. Mentalmente, trocava coisas de lugar e imaginava estantes menos frias.

— Posso ajudar, senhor?

— Obrigado, estou aos poucos vendo o que vocês têm.

— Fique à vontade.

Espinosa percorreu algumas estantes, olhou a parte de literatura estrangeira, detendo-se ante uma antiga coleção de Julio Verne, igual à que tinha desde a adolescência. Eram livros formato in-doze,

capa dura de cor vinho e ilustração em preto, editados em Portugal pela Livraria Bertrand, que ele mentalmente tentava localizar na pilha-estante da sua sala. A superfície rugosa da capa e a qualidade do papel evocaram as aventuras que empreendera pela Ilha Misteriosa ou a sensação de estar prisioneiro do Nautilus. Saiu da livraria, caminhou mais uma quadra e, antes de ir para casa, passou na galeria Menescal.

Era isso: sua vida estava se tornando uma repetição monótona que a visita ao sebo apenas ressaltara. Estava com os quibes embrulhados quando se deu conta de que até eles eram expressão da mesmice da sua vida; pensou em trocá-los por alguma outra coisa, mas acabou saindo com o embrulho contendo os mesmos quibes. Espaguete à bolonhesa com quibe: esse seria o seu jantar. E temia que sua vida estivesse se transformando nisso. Não se tratava de fazer uma opção radical — quibes ou livros —, mas de romper a rotina tediosa dos dias; não se tratava de tal ou qual percurso de casa à delegacia ou da delegacia à casa, mas da sua própria vida. Chegou à conclusão de que perdera simultaneamente o passado e o futuro e procurava o sentido do presente.

Chegando em casa, verificou os recados na secretária, passou o espaguete congelado da embalagem para um prato, deixou os quibes embrulhados para que não perdessem o calor e entrou no banho. Quando o telefone tocou, pouco depois das sete, estava ensaboando a cabeça.

2

Serena esperou o marido, sem saber que ele chegara de viagem pela manhã e fora direto para Brasília. Reunião com o ministro para transmitir o resultado dos encontros em Washington, telefonou dizendo. Chegaria no dia seguinte. Serena acendeu a luz do quarto de vestir, desceu, atravessou a rua e foi para o apartamento em frente. Lá chegando, não acendeu luz nenhuma, apenas subiu a persiana da janela para dispor da visão do seu quarto iluminado. Não olhou para a rua, imaginou o assassino encostado num poste sob a luz do lampião, fingindo ler um jornal, tal como apareciam nos filmes policiais de antigamente. Só que não estava no cenário de nenhum filme. A mulher despencando do décimo andar, dias antes, exatamente daquela janela, fora tragicamente real. Devia ter trazido o binóculo, poderia ver em detalhe a cara do assassino. Imaginava o espanto que ele teria quando, ao olhar para a janela de onde jogara a mulher, suspeitasse que havia um rosto olhando para ele ou se meramente percebesse o reflexo na lente do binóculo. Estava sem relógio, mas o som dos aparelhos de TV das janelas vizinhas anunciava o início ou o término do noticiário, entre oito e nove da noite, portanto. A mesma hora em que acontecera o assassinato. Sua empregada já teria encerrado o expediente e descido para namorar na avenida Atlântica. Significava que seu apartamento estava inteiramente à disposição do matador.

Não sabia exatamente o que fazer. De onde estava, dispunha-se a observar atentamente a janela do seu apartamento no prédio em frente sem ser ela mesma vista por ninguém. Sentada numa cadeira não muito próxima da janela e com todas as luzes apagadas, olhou para o mar, para a rua, para a portaria do seu prédio, e essa sequência se repetiu inúmeras vezes até que, ao olhar para a janela do seu quarto de vestir, viu que a luz que até então estivera acesa estava apagada. Sentiu uma ligeira tontura. Podia ser Zuleide que antes de sair verificara as luzes da casa. Aos poucos recuperou o equilíbrio, embora a respiração continuasse ofegante. Voltou a fixar o olhar na janela do seu apartamento. Estava na mais absoluta escuridão. Protegeu os olhos das luzes que vinham da rua e dos outros prédios e procurou distinguir alguma coisa no breu do seu quarto de vestir. Perdeu a noção de durante quanto tempo ficou com o olhar fixo na janela em frente: um minuto, dez minutos... Não era capaz de precisar. De repente, teve a nítida impressão de ter percebido um brilho e um risco vermelhos, como se alguém tivesse tirado o cigarro da boca após uma tragada. Embora não conseguisse enxergar mais nada dentro do quarto de vestir, tinha absoluta certeza de que, da escuridão do quarto, um homem olhava para ela. Sentiu novamente a tontura, dessa vez mais forte, como se fosse desmaiar. Começou a respirar compassadamente, como faziam as parturientes, apoiou-se com as duas mãos no encosto de uma cadeira próxima à janela e pensou que tinha que tomar alguma medida antes de desmaiar. Procurou o cartão junto ao telefone, entrou no banheiro e acendeu a luz para ver o número escrito, voltou para a sala e ligou para Espinosa.

Espaguete à bolonhesa com quibe não era o que se poderia considerar um grande prato, e Espinosa achava que para completar o sincretismo culinário das redondezas faltava acrescentar algum elemento da cozinha alemã. Ainda estava tirando o espaguete do micro-ondas quando o telefone tocou. Atendeu prontamente, imaginando ser Irene propondo um jantar de verdade.

A voz era feminina, mas não era Irene. Não identificou de imediato.

— Espinosa?

— Sim.

— Preciso que você venha com urgência!

— Quem...

— É Serena, estou vendo o assassino... ele está no apartamento...

— Onde você está?

— No apartamento... ele está lá, tenho certeza.

— Você está no seu apartamento?

— Não. Estou no alugado. Ele chegou... apagou a luz que eu tinha deixado acesa, continuei olhando, ele estava fumando...

— Seu marido...

— Meu marido está em Brasília. Ele não fuma.

— Não tem mais ninguém na sua casa?

— A empregada... ela saiu... também não fuma.

— Tem certeza de que tem gente lá?

— Claro que tenho, merda!

— Estou indo. Fique onde está e não faça nada.

Olhou o jantar sobre a mesa da cozinha, pegou um quibe e saiu. Achou que não era o caso de mobilizar Welber e Artur.

Nunca sabia se conseguiria dar partida no seu carro. Acontecia de a bateria descarregar ou de a bomba de gasolina não funcionar, ou qualquer outra coisa que, como os demais componentes do veículo, escapava inteiramente à sua compreensão. Cada vez que queria sair com o carro era uma aposta, e nem sempre ganhava. Tentou a primeira vez. O motor de arranque deu um gemido; tentou a segunda vez, ele apenas emitiu um som fraco; na terceira tentativa, ele nem se manifestou. Trancou o carro e saiu à procura de um táxi.

Assim que Irene entrou em casa, ouviu os recados acumulados durante a semana na secretária. Não eram muitos, e um deles era de Espinosa querendo saber se ela chegara. Em seguida, separou a correspondência: sobraram algumas contas e apenas duas cartas. Desfez a mala e tomou um banho lento e relaxante. Ainda enrolada

na toalha, ligou para Espinosa. A mesma mensagem lacônica da secretária. Encomendou comida japonesa, ligou a televisão e começou a achar que deveria ter ficado em São Paulo.

3

O táxi parou em frente às duas portarias dez minutos depois do telefonema pedindo socorro. Espinosa olhou para o alto dos dois prédios, um defronte ao outro, e viu que tanto o apartamento alugado por Serena quanto o apartamento dela, do outro lado da rua, estavam às escuras.

Passou pelo porteiro, que o cumprimentou, certamente reconhecendo-o de dois dias antes, e se encaminhou para o elevador. Pela tranquilidade do porteiro, podia supor que nada de extraordinário acontecera no décimo andar, pelo menos nada de parecido com o que acontecera dias antes. Assim que ouviu a voz de Espinosa em seguida ao toque da campainha, Serena abriu a porta.

Parecia realmente assustada. Pegou o delegado pelo braço e o conduziu até o meio da sala, a uma prudente distância da janela.

— Meu quarto de vestir é aquele — disse, apontando para o prédio em frente. — Tinha alguém lá. Eu vi.

— Não havia ninguém em casa quando você saiu?

— Zuleide, a empregada, mas ela saiu logo depois de mim.

— Seu marido pode ter antecipado a volta de Brasília.

— Telefonei para a portaria do meu prédio. Ele não chegou.

— O que você viu?

— Um homem tirando o cigarro da boca.

— Você viu ele tirar o cigarro da boca?

— Vi o brilho da tragada e a curva da brasa.

— E viu que era um homem?

— Quem ia entrar no meu apartamento, à noite, fumando um cigarro?

— É o que eu ia perguntar.

— As únicas pessoas que têm chave são Guilherme e Zuleide. Além de mim, é claro.

— Você não acha estranho uma pessoa invadir um apartamento à noite, fumando?

— Acho que foi de propósito... para eu ver... ele sabia que eu estava aqui.

— Isso não faz sentido. Se sabia que você estava aqui, por que não veio lhe pegar?

— Mas que droga! Você está me interrogando? Sei lá por que ele não veio! Até parece que você preferia que ele tivesse vindo.

— Estou querendo saber até onde você viu de fato alguma coisa ou apenas teve a impressão de ter visto.

— É claro que eu vi!

— Você viu alguma coisa que pareceu uma brasa de cigarro. Podia ser um reflexo.

— A janela está com o vidro levantado, não tinha onde fazer reflexo. Além do mais, não vi apenas a luz do cigarro, vi também um vulto.

— Então vamos lá ver.

— Ir lá?

— Não era o que você queria? Não foi por isso que alugou este apartamento? E não foi para isso que me telefonou?

— Está bem. Vamos.

O elevador ainda estava parado no andar desde a chegada de Espinosa. Desceram, atravessaram a rua e entraram no prédio dela.

— Boa noite, dona Serena.

— Boa noite, Raimundo. Alguém perguntou por mim?

— Eu peguei o serviço há pouco. Não teve ninguém não senhora.

— Doutor Guilherme também não chegou?

— Não senhora.

— E Zuleide?

— Ela já saiu.

Antes de subir, o delegado pediu para Serena descrever o apartamento: a disposição dos cômodos, a localização da porta de serviço, cômodos mantidos trancados. Queria entrar sem acender as luzes.

— Se você vai entrar no escuro, é melhor eu ir junto para lhe orientar.

— Você me espera aqui embaixo.

— Mas eu quero subir com você.

— Negativo. Você fica aqui na portaria.

— Por que não posso subir?

— Porque iria me atrapalhar.

— E se ele sair por aqui e me encontrar?

— Não vai sair. Aviso pelo interfone quando você puder subir.

Pegou a chave com Serena e subiu. Não acreditava que houvesse alguém no apartamento, razão pela qual não chamara Welber e Artur. Ninguém invade uma residência no escuro, fumando. Se fosse para ser visto, melhor seria ter acendido as luzes. Por via das dúvidas, abriu a porta com todo o cuidado, sem o menor ruído. Não precisou acostumar a vista ao escuro, a ampla sala com seis ou sete metros de janela dando para o mar refletia no teto a iluminação da avenida Atlântica. Apesar disso, Espinosa ficou durante um minuto acostumando a vista e apurando o ouvido. Achava impressionante a variedade de ruídos existentes num apartamento vazio; sem contar as pequeninas luzes verdes e vermelhas dos muitos aparelhos elétricos e eletrônicos.

A sala estava clara o bastante para não esconder ninguém. De onde estava, via o começo do corredor que levava às demais peças do apartamento. Lá, a falta de luz era quase que completa. A escuridão eliminava as distâncias. Não sabia se o corredor era comprido ou curto, como também não conseguia avaliar a posição de cada porta. Pela descrição de Serena, a primeira porta à direita seria a do lavabo. Foi a que identificou primeiro. A partir de então, calculou a distância entre as demais, e foi em frente. Além da visão e da audição, apurava também o olfato, já que, segundo Serena, o invasor estava fumando. Procurou a porta de serviço, constatando que estava trancada. Depois de examinar a parte de serviço,

percorreu os quartos e banheiros, até chegar ao quarto de vestir. Somente então acendeu as luzes e voltou a percorrer todo o apartamento. Ninguém. Chamou Serena pelo interfone.

— Ele fugiu? — perguntou Serena assim que Espinosa abriu a porta para ela.

— Não havia ninguém. O apartamento estava vazio e na mais perfeita ordem.

— Quero ir até o quarto de vestir.

— Claro. Vamos lá.

Ficaram parados no meio do quarto, Serena agarrada no braço de Espinosa.

— Há ainda um detalhe — disse ele —, não senti cheiro de cigarro e não há cinzas no chão.

Serena respirou aliviada e despreendeu-se do delegado. Quando olhou para o apartamento em frente, abafou um grito.

— Estava apagada!

— O que estava apagada?

— A luz da sala! Estava apagada enquanto estávamos lá, e deixamos apagada! Agora está acesa! Ele nos viu saindo e foi para lá.

— O que você está dizendo?

— Estou dizendo que ele viu que eu estava acompanhada e desistiu de me atacar.

— Pode ser.

— Só isso?

— Pode ser também que tudo não tenha passado de impressão sua.

— E a mulher jogada do apartamento, também foi impressão minha? Talvez você mesmo seja uma impressão minha!

— O que estou dizendo é que tudo isso está apoiado apenas no fato de você ter vislumbrado uma brasa de cigarro a vinte ou trinta metros de distância. Você pode perfeitamente ter se enganado.

— Posso. Como posso ter me enganado com você.

— ...

— Estou nervosa. Vamos sentar um pouco na sala. Quer uma bebida?

— Obrigado, ainda não jantei ... e não me lembro de ter almoçado. É melhor não beber.

— Me acompanha até o outro apartamento? Aquela luz acesa me dá medo.

— Está bem.

Pela segunda vez, naquela noite, atravessaram a rua, de um prédio ao outro. A porta do apartamento estava trancada à chave, a luz continuava acesa e não havia sinal de alguém mais ter estado ali.

— Antes de fechar a porta, você deve ter apertado o interruptor de luz. É um gesto automático. Você estava assustada...

— Pode ter sido. Desculpe. Fui grosseira com você. Não quer ficar aqui? Podemos pedir alguma coisa para comer.

— Preciso ir para casa.

Serena apagou a luz, desceram, e pela terceira vez atravessaram a rua.

Eram dez e meia da noite quando Espinosa entrou em casa e viu o espaguete e os quibes em cima da mesa da cozinha. Pôs o conjunto inteiro no micro-ondas. Qualquer resquício de requinte culinário foi requentado junto com o jantar. Pelo menos ainda tinha uma velha cerveja na geladeira.

4

Aproveitou a manhã de sábado para verificar a bateria do carro. Tentaria recarregar a existente; já fizera isso antes, não tinha sentido comprar uma nova e deixá-la descarregar por falta de uso. Coisa rápida, poderia resolver o problema e voltar para acabar de ler os jornais. O mais demorado foi conseguir ajuda para colocar o carro em movimento. Uma vez em movimento, o resto foi rápido. Não chegou a perder uma hora. Perdeu foi dinheiro, a bateria velha estava irrecuperável. De volta ao apartamento e com o carro de bateria nova estacionado no lugar de sempre, retomou a leitura dos jornais e o café da manhã, reforçado com mais uma xícara de café e duas torradas. Na secretária, havia uma mensagem silenciosa. Pensou em Celeste. Se fosse Irene, teria deixado algum recado ou desligado ao ouvir a mensagem gravada. Talvez Serena... A noite anterior terminara de forma melancólica.

Novamente as três, Celeste, Irene e Serena. E ele, numa manhã de sábado, levando o automóvel para trocar bateria e achando grande coisa voltar para casa e tomar outro café com torradas. Verdade que já passara dos quarenta, quando as emoções são vividas com menos estardalhaço, mas ainda estava longe dos sessenta. Comprazer-se com torradas e geleias "sem adição de açúcar" numa bela manhã de sábado, em pleno verão do Rio de Janeiro, era sinal de que algo não estava bem. Nada contra torradas e geleias, o que soava estranho era que apenas elas estivessem lhe

fazendo companhia naquela manhã. Elas e os jornais. O automóvel, ele já levava para passear.

Não terminou a leitura dos jornais. Vestiu um short, camiseta, tênis, um chapéu de algodão que o acompanhava havia algumas décadas e foi caminhar na avenida Atlântica. Não queria andar na areia. Nos fins de semana é impossível dar três passos na beira d'água sem esbarrar em meia dúzia de pessoas. A opção pela calçada não significava tranquilidade, mas pelo menos era possível caminhar. Andou as cinco quadras que separam o bairro Peixoto da praia, desembocando mais ou menos no meio da avenida Atlântica. Atravessou as duas pistas de trânsito para pegar a calçada junto à praia e tomou a esquerda em direção à pedra do Leme. Se estivesse em boa forma física faria depois o percurso inverso em direção ao posto seis, andando toda a praia. Acabou fazendo apenas metade e voltou para casa. Não tanto pelo cansaço, mas pelo sol. Onze horas da manhã com sol de verão, só na beira d'água e com mergulhos ocasionais. Quando entrou de volta em casa, a secretária indicava duas mensagens. A primeira, de Irene, anunciando que estava no Rio; a segunda, outra mensagem silenciosa. Ligou para Irene. Tinha saído.

Como fazia habitualmente aos sábados, almoçou na trattoria; e, para compensar o jantar da véspera, comeu risoto acompanhado de vinho tinto. Quando saiu do restaurante, a tarde ia pelo meio e as pessoas saíam da praia arrastando crianças e a tralha costumeira dos fins de semana. A caminhada até o bairro Peixoto foi feita a passo lento para gastar o vinho e ajudar a digestão do risoto. O sebo ficava bem no caminho de casa, mas preferiu alterar o percurso para não passar defronte dele. No final da tarde retomou a leitura de *Phantom Lady* — ainda nem chegara ao “Centésimo quadragésimo nono dia antes da execução”.

Nenhuma das três mulheres voltou a ligar. Somente no dia seguinte à noite, quando o final de semana estava terminando, conseguiu falar com Irene.

— Quem sabe nos encontramos em São Paulo? — disse ela. — Vou ter que voltar para lá amanhã.

— Se for preciso...

— Claro que não é preciso, querido, mas até que pode ser interessante. Não é a cidade mais romântica do mundo, mas está a centenas de quilômetros da Décima segunda DP.

Manhã de segunda-feira, Espinosa pensava na aposta de Celeste, e em até quando ela conseguiria manter a estratégia de se utilizar dos dossiês como salvo-conduto. O que sabia é que ela considerava o fim de semana como sendo um prazo suficiente para os mandantes dos crimes tomarem conhecimento da existência dos dossiês e decidirem pela suspensão da ordem de execução. Quando chegou na delegacia, havia um recado dela sobre sua mesa propondo almoçarem juntos no restaurante A Polonesa, distante não mais de vinte metros da delegacia e frequentado por policiais.

Quinze minutos antes da hora marcada, Espinosa foi para a frente do restaurante esperar por ela.

— Mais exposição, impossível — disse o delegado ao se encontrarem.

— Você conhece uma modalidade de pôquer em que das cinco cartas apenas uma é fechada? É a que estou jogando. Não vou passar o resto dos meus dias escondida, com o rabo entre as pernas, fugindo que nem cachorro raivoso.

— É um jogo arriscado.

— Namorar policial é arriscado, aprendi isso há muito tempo.

— Almoçar com policial, também.

— Não quando o policial é honesto. E todos sabem quem é e quem não é honesto. Sem policiais como você, a polícia não teria como se justificar e morreria como um organismo doente. Eles precisam de você muito mais do que você imagina.

— Você acha, então, que sou uma boa carta no seu jogo?

— Ah, Espinosa, não estou jogando com você!

A decisão de não mais se esconder fizera bem a Celeste. Estava bonita, bem cuidada e, até onde era possível, tranquila.

— Por que está me olhando assim?

— Porque você está muito bonita.

— Obrigada. Nesses dias de recolhimento tive tempo de sobra para cuidar de mim mesma. Hoje de manhã estive no meu apartamento. Pude usar minhas roupas e estar na minha própria casa, mesmo que por pouco tempo. Ou a vida é assim ou não vale a pena ser vivida. Mandei as roupas da sua amiga para a lavanderia. Se você me der o endereço dela, gostaria de mandar um cartão de agradecimento.

— Você se sente segura em casa?

— Ainda não, mas não posso continuar morando em hotéis de segunda, me expondo a outros tipos de ameaça, sem poder usar minha própria roupa e usufruir de minhas coisas e do meu conforto... Isso a gente suporta durante uma ou duas semanas, depois vira prisão. Não sei se estou mais segura em casa do que num hotel. Se optarem por me matar, vão conseguir, mais cedo ou mais tarde. Mas não acredito que façam isso. O fato é que ainda não me sinto segura para voltar para casa. Vou dar um tempo. Um mês ou dois, como já te disse. Com o dinheiro que me restou, posso tirar umas semanas de férias numa cidade do interior.

Durante o almoço foram bastante olhados. Se alguém ainda não sabia da história dos dossiês, a partir daquele almoço passaria a saber. As cartas estavam na mesa. Todos saberiam que Celeste não estava mais escondida e que estava em andamento um pacto de não agressão e que, enquanto ele fosse respeitado, a lista não seria tornada pública. Espinosa deixou Celeste num táxi, depois de ela prometer que daria notícias.

— Mande um cartão-postal — brincou ele. — Quando voltar, vamos almoçar juntos.

Celeste deu um beijo demorado em Espinosa e mandou o motorista dar a partida.

Na avenida Atlântica, o mar com ondas muito altas comera metade da areia da praia. As ondas davam medo mesmo quando apreciadas à distância, e não havia ninguém em toda a extensão da praia andando na pequena faixa de areia que restara. Aqueles eram dias odiados pelos turistas, mas muito do agrado de Espinosa. Ele

achava o espetáculo do mar enfurecido uma das coisas mais belas da natureza. Caminhou pelo calçadão admirando aquele mesmo mar onde trinta anos antes, em dias de águas bem mais calmas, aprendera a nadar com a ajuda do pai. Nem a violência do mar nem o vento que levantava as ondas o incomodavam; eram ambos velhos conhecidos, mas alguma coisa que não era a natureza o incomodava.

De volta à delegacia, o único acontecimento fora da rotina foi o telefonema de Serena se desculpando pela noite de sexta-feira.

— Pode ter sido impressão minha — dizia ela.

— É preferível que tenha sido. E quanto à luz acesa no outro apartamento?

— Pode ser mesmo que eu tenha apertado o interruptor ao sair, é o hábito, apesar de eu achar que teria percebido que a luz tinha acendido, e não apagado. Mas não aconteceu mais nada, isso é que é importante.

— Seu marido chegou?

— Chegou. Não gostou de eu ter alugado o apartamento, não entendeu por que fiz isso.

— Para ser franco, eu também não.

— Talvez eu mesma não saiba por que fiz... mas não tem importância, posso deixar o apartamento fechado até o final do mês, quando termina o contrato, ou posso simplesmente devolvê-lo. Obrigada pelo seu apoio.

E desligou sem dizer mais nada.

A reunião seguinte do grupo, marcada para o meio-dia, foi feita no próprio gabinete do delegado, sem que fossem tomados cuidados especiais. Os três detetives sentaram-se nas três cadeiras disponíveis no gabinete além da cadeira do delegado; duas outras cadeiras estavam ocupadas com processos e pastas diversas.

— E então? — perguntou Espinosa, olhando para Ramiro.

Foi na qualidade de chefe da equipe de detetives que o inspetor tomou a palavra.

— Achamos que não havia necessidade de a reunião ser realizada fora daqui. Em relação a certas coisas, não há mais necessidade de sigilo.

— Por exemplo?

— Celeste. Não está mais escondida, e todos sabem o que ela fez. Não precisamos mais nos esconder para falar dela, ela mesma deixou de se esconder.

— O que não quer dizer que tenha se livrado do matador.

— Nós achamos que ele não vai tentar mais nada.

— Pode ser. Mas não é isso que vocês querem me comunicar.

— Tem outra coisa, delegado. Depois de seu almoço com Celeste, nossa investigação deixou de ter sentido. Os colegas estão dizendo que se de fato ela tem esse dossiê, é porque sabe quem são os caras que receberam dinheiro, mas não vai dizer. E que, enquanto ela for viva, o segredo está garantido. E que ela é sua amiga, pois almoçou com o senhor ontem (dizem que vocês também almoçaram juntos na semana passada), e que, portanto, o senhor concorda com o que ela está fazendo.

— E?

— E então, o que estamos investigando?

— Estão investigando seis assassinatos: três de colegas nossos e três de pessoas ligadas a eles, sendo que segundo sua própria hipótese, essas mortes estão ligadas à propina do jogo do bicho.

— Isso era antes de Celeste aprontar o que aprontou, delegado.

— Não. Absolutamente não. O que Celeste fez foi para salvar a própria vida. Ela era a vítima seguinte do assassino. Só não foi a sexta vítima porque ele confundiu as duas mulheres. O pacto entre ela e os assassinos diz respeito exclusivamente a ela. Pode ser que mandem o assassino acabar com ela hoje mesmo, e nossa obrigação é protegê-la. Vamos deixar claro o seguinte: primeiro, Celeste é vítima. Se ela fez o que fez é porque não fomos capazes de garantir sua integridade prendendo o assassino. Segundo, não estou de posse de nenhum dossiê e de nenhuma lista contendo nomes de implicados. Terceiro, não fiz pacto com ninguém. Finalmente, não dei ordem para vocês pararem com a investigação. Fui claro?

— Sim senhor — respondeu Ramiro.

— Mais alguma coisa?

— Conseguimos saber um pouco mais sobre o negócio de automóveis.

— O que conseguiram?

— Eu achava que fosse cortina de fumaça, mas não é. Parece que Nestor, Silveira e Ramos tinham mesmo um negócio de automóveis, e não era negócio limpo: tem a ver com roubo de carros e seguradoras. O curioso é que as fontes que me deram essas dicas foram as mesmas que ficavam caladas quando eu queria saber alguma coisa sobre o dinheiro do jogo.

— Sinal de que essa informação não os ameaça, ou ameaça apenas um pequeno grupo.

— Estamos tentando descobrir mais coisa.

— Então, ao trabalho.

O percurso até em casa, no início da noite, foi feito sob o peso da dúvida quanto a continuar na polícia. Por que continuar trabalhando numa instituição cujos membros encaram a honestidade como um defeito de fabricação semelhante ao que acontece com os automóveis? Imaginou um departamento encarregado de fazer anualmente o *recall* daqueles que, por sua postura ética, destoavam do conjunto. Um avesso de Corregedoria.

Entrou em casa e o telefone começou a tocar.

— Achei que você devia estar chegando em casa. — Era Serena.

— Você foi precisa como um cronômetro suíço.

— Que horror!

— Como está você?

— Bem, mas ontem quando nos falamos por telefone eu não estava bem.

— O que você tinha?

— Insegurança. Estava insegura quanto a você, daí o telefonema bem-comportado de moça sensata argumentando e aceitando ter se enganado por excesso de fantasia... Coisas desse tipo.

— E agora?

— Agora estou pedindo para você passar um apagador em tudo o que eu disse ontem. Posso ter me enganado quanto a ter visto alguém fumando dentro do meu quarto de vestir, admito que as condições não eram favoráveis e que eu estava muito excitada, mas

não houve nenhum engano na noite em que a mulher foi jogada pela janela. Eu estava tranquila e vi a mulher discutindo com outra pessoa. Concordo que não pude distinguir bem essa pessoa, mas ela estava lá. E ela me viu. Ela viu que eu estava olhando. Se o cara achou que eu tinha visto ele jogar a mulher de lá de cima, é natural que esteja querendo me eliminar como possível testemunha. Não aluguei o apartamento porque sou maluca, aluguei porque acho que estou mais segura do lado de lá da rua do que no meu próprio apartamento. Sobretudo quando Guilherme está viajando. Assim, estou telefonando para dizer que mantenho tudo o que tinha dito no nosso primeiro encontro.

— Nunca desprezei seu depoimento inicial, continuo aceitando como importante tudo o que você disse.

— Você é um amor... e estou com saudades. Quem sabe um outro encontro no AA.

— AA?

— Apartamento Alternativo!

5

À noite, retomou o livro cuja leitura durante o fim de semana não ultrapassara o terceiro capítulo. Também não estava certo quanto a poder se dedicar a ele plenamente: além dos problemas que o afligiam havia ainda a lembrança do telefonema de Serena. Não apenas o último, mas o conflito entre os dois últimos, retrato do próprio conflito entre as duas Serenas. Gostava dela, embora temesse sua impulsividade e excesso de fantasia. O curioso é que aquela fantasia não era propriamente uma forma de escapismo, mas uma forma de operar a realidade. Serena não era uma sonhadora e não parecia acreditar em felicidade; o que parecia ameaçá-la não era a infelicidade, era o tédio.

Repassou os acontecimentos que o haviam levado até Serena, procurando a improvável relação entre o primeiro telefonema que ela lhe dera, para falar sobre a queda da mulher, e as mortes que estavam sendo investigadas pela sua equipe. O que o perturbava, sobretudo, era a coincidência dos dois acontecimentos: Serena entrando no bar no centro da cidade e Serena marcando o encontro para falar do suposto suicídio.

Não acreditava em coincidências daquele tipo, não quando entre elas havia seis assassinatos. Por outro lado, pensava que era preciso uma mente muito paranoica para admitir que um encontro aparentemente fortuito num dos pontos mais movimentados do Rio pudesse prenunciar seis crimes, ou, o que era menos provável ainda,

cinco crimes e um suicídio. Impossível haver relação entre os dois encontros. Eram duas sequências de acontecimentos inteiramente autônomas e independentes, e a nenhum dos envolvidos podia ocorrer que houvesse umnexo entre elas. Salvo a Celeste, o verdadeiro alvo do assassino. Serena denunciara que o suicídio, na verdade, fora assassinato; mas somente Celeste poderia denunciar, como de fato o fizera, que o assassino matara a pessoa errada. Era mais do que justificado, pela lógica do crime, o empenho na eliminação de Celeste. Sem ela, o nexo entre as duas séries desapareceria, além de desaparecer a última testemunha das atividades ilícitas dos três policiais mortos.

Sentado na cadeira de balanço, olhava para os morros fronteiros. Via em primeiro plano os prédios do lado oposto da praça e em segundo o morro São João, onde dava para distinguir as luzes nos pontos mais altos do final da ladeira dos Tabajaras. Não era a vista mais bonita do mundo, mas durante o dia, além do verde dos morros, dava para usufruir de muito azul do céu. Naquele instante, porém, o dominante era o escuro da noite. Ventava um pouco, mas não queria fechar as janelas e não estava com vontade de se levantar da cadeira. O dia seguinte era quarta-feira, dia de faxineira. Se o vento levasse algumas folhas para dentro de casa, ela se incumbiria de varrê-las: tinha grande orgulho da sua eficiência profissional e sentia-se dispensável quando encontrava a casa muito limpa.

Voltou à leitura, mas a concentração durou pouco. Não conseguia identificar a ideia perturbadora presente desde o dia anterior. Não dizia respeito ao mundo das coisas, disso ele tinha certeza, não a tal ou qual objeto empírico, a tal ou qual pessoa, mas a algo de natureza lógica. Ficou sentado na cadeira de balanço, livro aberto e emborcado no colo, até começar a pestanejar. Levantou-se e foi para a cama. Apesar da ardência nos olhos, custou a dormir.

O clima na delegacia continuava pesado. Desde o início das investigações, os colegas se mostravam extremamente defensivos nas conversas com Ramiro, Welber e Artur. A principal consequência

dessa quase segregação era o ritmo mais baixo da investigação. O alijamento dos três acontecia não apenas na própria 12ª DP, mas também nas outras delegacias. Não se tratava de resistência passiva dos colegas, mas de resistência ativa. Não havia colaboração de espécie alguma. Havia um nível de comprometimento funcional que dizia respeito ao âmbito da delegacia e havia um nível de comprometimento mais amplo, abarcando a instituição policial como um todo. Esse segundo nível ultrapassava seu âmbito de competência e era da alçada do chefe de polícia, do secretário de Segurança e até mesmo do governador do estado. Mas o que estava acontecendo na sua própria delegacia cabia a ele resolver. Convocou uma reunião de todos os policiais lotados na delegacia, inclusive os que estavam de folga, para as cinco da tarde daquele mesmo dia.

Às cinco horas em ponto, quando o delegado entrou na sala, cerca de trinta policiais distribuía-se pelas cadeiras e de pé ao longo das paredes, aguardando o início da reunião. Apenas os responsáveis pelo atendimento direto ao público ficaram nos seus postos. À medida que ele caminhava para a frente da sala, o burburinho foi diminuindo até ficarem todos em silêncio.

— Esta não é uma assembleia geral — começou ele. — Não é uma reunião de debates. Convoquei-os para fazer o seguinte comunicado: é do conhecimento de todos que há uma investigação em curso, conduzida pelo inspetor Ramiro com a colaboração dos detetives Welber e Artur, visando descobrir os responsáveis pelo assassinato de três colegas nossos e de três amigas deles. Essa investigação já dura um mês, e suspeito que, se depender da cooperação de vocês, durará um ano. A dificuldade que os três investigadores enfrentam aqui dentro é a mesma que encontram nas outras delegacias. A mim, no entanto, importa o que acontece aqui. É evidente que a não cooperação, assim como a segregação sofrida por eles, decorre do fato de a investigação ter esbarrado na rede de distribuição de propinas nas delegacias. Quero ressaltar que, independentemente da origem e dos fins, não há boa propina. Propina não é complemento salarial. Propina é suborno. Quem aceita

suborno, assim como quem suborna, é corrupto. E corrupção, além de ser um problema legal, é um problema ético. Quando ela impede que se leve a cabo a investigação do assassinato dos próprios colegas, o problema se torna extremamente crítico. Não sei quem entre vocês recebe propina, nem pretendo me transformar em corregedor, mas não vou permitir que as coisas continuem como suspeito que estejam. A partir de hoje, qualquer indício, por menor que seja, de que um de vocês está recebendo propina, dará início imediatamente a um inquérito administrativo durante o qual o policial ficará afastado de suas funções, sem a posse da arma e do distintivo, até a conclusão das apurações. Não hesitarei em cobrar eficiência da Corregedoria e, se for necessário, recorrerei às instâncias superiores. Quem não concordar com esta minha decisão, terá quarenta e oito horas para solicitar transferência para outra delegacia. Nesse período de quarenta e oito horas, todos os pedidos de transferência serão aceitos e encaminhados aos órgãos competentes. Ninguém poderá alegar ignorância deste comunicado por não ter comparecido a esta reunião. Entrem em contato com os colegas ausentes e ponham-nos a par do que foi dito aqui. É só. Estão dispensados.

Nas primeiras vinte e quatro horas, houve um movimento incitando todos a pedir transferência sob alegação de autoritarismo. O movimento chegou a contar com um número significativo de adeptos, mas foi perdendo força durante o segundo dia, até ficar reduzido a menos de meia dúzia de adeptos. Encerrado o prazo dado pelo delegado, os poucos pedidos de transferência que lhe dirigiram foram imediatamente encaminhados.

Naqueles dois dias, Ramiro voltara a conversar com as viúvas e ouvira delas referências a uma oficina de carros frequentada pelos maridos. Não sabiam o endereço. Sabiam apenas que ficava na zona oeste da cidade. A partir daquela informação, Ramiro pressionou alguns receptores de peças de automóveis importados e ficou sabendo que os três policiais eram fornecedores havia muito tempo. Por intermédio dos receptores de carros roubados no Rio e em

São Paulo, ficou sabendo ainda que os policiais não eram apenas pequenos fornecedores, mas que tinham negócios até fora do país. A semana seguinte foi toda dedicada à tentativa de localizar a oficina.

Espinosa achava que sobre isso Celeste podia ajudar sem romper o pacto de silêncio, mas Celeste desaparecera por completo. As idas de Welber e Artur ao apartamento da praia de Botafogo encontraram a mesma resposta dos porteiros: dona Celeste voltara apenas uma vez ao apartamento, ficara não mais de meia hora e saíra levando uma sacola de couro tamanho médio.

— Estava sozinha?

— Estava.

— Parecia nervosa?

— Parecia apressada.

— Você viu se tinha algum carro estacionado por perto, esperando por ela?

— Não senhor. Daqui da portaria só dá pra ver se o carro parar bem defronte à porta, e o movimento da rua é muito grande, não dá pra prestar atenção.

— O que ela disse quando saiu?

— Que ia viajar por uns dias.

— E como ela estava?

— É difícil dizer, doutor, mas não estava muito à vontade.

— Como assim?

— Olhava a todo momento para a porta de entrada.

O delegado encarregou os dois detetives mais jovens de percorrer os hotéis de até duas estrelas da zona sul do Rio à procura de Celeste.

Espinosa achava que a impressão vaga e desagradável da semana anterior tinha a ver com Serena. Pouco antes do final do expediente, ligou para ela.

— Espinosa, querido, você parece que adivinhou!

— Adivinhei o quê?

— Adivinhou que eu queria falar com você.

- Você quer falar comigo?
- Na verdade, quero estar com você. Quer dizer, também quero falar com você, mas quero mais do que falar.
- Também quero falar com você.
- Aconteceu mais alguma coisa?
- Espero que não. Onde você quer conversar?
- Podemos conversar no apartamento alternativo. Estou sozinha até sexta-feira.
- Passo lá às seis e meia.

O horário de verão terminara na véspera. Começava a escurecer quando Espinosa deixou o prédio da delegacia a caminho do Leme. Dispunha ainda de vinte minutos até a hora marcada e optou por ir a pé pela avenida Copacabana. Gostava do movimento de gente voltando para casa no final da tarde.

Faltavam cinco minutos para as seis e meia quando tocou a campainha do apartamento de Serena. Foi recebido com um longo e carinhoso abraço e um beijo mais que carinhoso. Sentiu-se como um recém-casado chegando em casa após um dia de trabalho e sendo recepcionado pela jovem esposa. Não gostou da ideia, embora tivesse gostado da sensação produzida pelo corpo de Serena colado ao seu. Estava com o mesmo vestido do último encontro, e Espinosa lembrava-se perfeitamente do maravilhoso despudor com que ela o fizera deslizar até o chão. Antes que a cena do vestido se repetisse, conduziu-a até a janela e ficaram a olhar o mar como se estivessem esperando a chegada de um navio. Não havia nenhum navio, estava escuro, e Espinosa não estava nem um pouco interessado em olhar a vista: o que queria era evitar que a situação fugisse por inteiro ao controle da razão, e era exatamente isso o que aconteceria caso ele não assumisse o controle dos acontecimentos.

- Eu queria conversar um pouco com você, queria confirmar um ponto da nossa última conversa.
- O que você quer saber?
- Você tem certeza de ter visto outra pessoa na sala com Rosita?
- Rosita?
- A mulher que morava aqui.

— Claro! Quer dizer, vi que tinha alguém, mas não vi quem era, estava mal iluminado. Mesmo a mulher, eu não reconheceria.

— Faça um esforço e procure se concentrar na pessoa que estava com ela. Feche os olhos e descreva a cena.

Serena fechou os olhos, ficou um tempo em silêncio e começou a falar.

— Duas pessoas falando em voz alta. Não. Só uma delas estava falando. Enquanto falava, andava de um lado para o outro.

— Tem certeza de que ela estava falando?

— Tenho. Dava para ouvir a voz. Só não dava para ouvir o que dizia.

— Não seria a TV de algum apartamento? Você disse que era hora da novela.

— Nã... acho que não... ela mexia a boca...

— Dava para você ver a mulher mexendo a boca?

— Acho que sim.

— E depois?

— Depois, vi uma bolsa sair voando pela janela.

— Se você não conseguia distinguir direito as pessoas, como pode ter certeza de que era uma bolsa?

— Não era uma bolsa pequena, vi perfeitamente a alça contra a luz, vi quando ela caiu na calçada. Por isso não vi o assassino jogando a mulher, eu estava olhando para a rua, procurando a bolsa.

— Serena abriu os olhos e argumentava com Espinosa.

— Está bem. Feche os olhos de novo. Sobre esse outro que você diz ser o assassino: o que você é capaz de me dizer sobre ele?

— A única coisa que consigo dizer é que ele era um pouco mais alto que a mulher e que usava boné.

— Você viu o boné?

— Vi. Contra a luz, a aba era bem visível.

— O que mais?

— Acho que usava também uma jaqueta.

— Lembra de mais algum detalhe?

— Depois de a mulher cair, olhei para cima e achei que ele estava olhando para mim. Olhei para a mulher lá embaixo. Quando olhei de novo para o apartamento, não tinha mais ninguém. Por que você

está perguntando tudo isso de novo? É para ver se eu caio em contradição? Você está achando que inventei o assassinato? Que na realidade a mulher se suicidou? É isso?

— Quanto mais dados eu conseguir colher de você, mais sua história se fortalece.

— Porra, Espinosa, não é *minha história* ! Não inventei uma historinha sinistra, merda!

— O que eu tenho é sua história. Nada mais.

— Meu erro foi ter alugado este apartamento. Tanto meu marido como você estão achando que foi maluquice minha. Pensam que estou ficando doida com essa história de ver novamente o assassino. Do jeito que você e Guilherme falam, eu mesma já estou começando a duvidar do que vi.

— O que é um bom sinal.

— Quanto ao essencial, não tenho dúvidas.

— Tem sim. Você não viu o homem atirar Rosita pela janela, você não tem certeza quanto a eles estarem discutindo ou brigando, você não sabe quem jogou a bolsa, você não tem certeza quanto a ter sido vista pelo assassino... Você só tem certeza de ter visto a mulher caindo. E mesmo assim, não sabe se ela caiu, se ela se atirou ou se foi jogada.

— Caiu?!

— Por que não? Se durante a discussão um deles atirou a bolsa no outro, errou o alvo e a bolsa caiu pela janela, Rosita correu tentando pegar, escorregou e virou janela abaixo?

— Puta que pariu!

— Não estou dizendo que foi isso o que aconteceu, só estou tentando mostrar que é uma possibilidade, mesmo que pouco provável.

— E depois dizem que a maluca sou eu!

— A realidade, às vezes, pode parecer louca.

— Merda, Espinosa! Você não é meu analista.

— Não quero ser.

6

Já era noite quando, pelo segundo dia consecutivo, ao chegar em casa Guilherme Rodes encontrou Serena no quarto de vestir, sentada na cadeira giratória, com a luz apagada, olhando para o prédio em frente. O que até então pensara ser uma coisa passageira se transformara em comportamento repetitivo que ocupava quase todo o tempo que ela estava em casa. Não entendia de psicologia nem de psiquiatria ou coisas desse tipo, mas sabia o que era um comportamento compulsivo. Soubera pela empregada que Serena passava as tardes no outro apartamento observando com o binóculo seu próprio quarto de vestir. Quando não estava em um dos dois apartamentos, estava em alguma reunião dos alcoólicos anônimos, que passara a frequentar diariamente.

Sua mulher estava endoidando e ele precisava fazer alguma coisa antes que fosse tarde. O comportamento lembrava as antigas crises de abstinência, e a experiência lhe ensinara que intervenções naqueles momentos eram difíceis e delicadas.

Guilherme tirou o paletó e a gravata, dobrou as mangas da camisa e foi até o posto de observação de Serena.

- Então, querida, alguma novidade no prédio em frente?
- Não gosto de perguntas irônicas.
- Não tem ironia nenhuma, foi apenas uma pergunta.
- Podia ser outra pergunta em vez dessa.

— Não quando minha mulher está no escuro, sentada numa cadeira giratória, olhando há horas para um apartamento no prédio em frente. — Acendeu a luz do quarto.

— Quem disse que estou aqui há horas?

— Ninguém precisou dizer, você não tem feito outra coisa.

— Alguém deve ter dito, senão você não saberia. Foi Zuleide. Você deve estar pagando a moça para ela me vigiar.

— Pagando a moça eu estou, ela é nossa empregada, mas não para te vigiar.

— Você se sente muito seguro, não é?

— Nem sempre. Há momentos em que me sinto profundamente inseguro, principalmente nas coisas que dizem respeito a você.

— Porque não confia em mim.

— Não desconfio de você. Eu desconheço você, o que é muito diferente.

— Não foi o que você demonstrou no episódio do delegado. Do jeito que você falou, parecia que eu tinha dormido com ele no meio da avenida Atlântica.

— Apenas achei estranho um delegado sair da delegacia no meio do dia para conversar e tomar refresco num bar de beira de praia com minha mulher.

— Porra, Guilherme, eu tinha presenciado um assassinato!

— Você presenciou uma morte, provavelmente um suicídio, o resto são suposições.

— Por que então o delegado me deu atenção?

— Porque você disse que tinha visto um assassinato. Ou quase isso. Claro que ele tinha que verificar até que ponto seu testemunho merecia crédito.

— E parece que merecia, não é?

— Tudo depende do que você contou a ele. E de como contou.

— O que você está insinuando?

— Não estou insinuando nada, mas acho que você é bastante persuasiva, quando quer.

— De novo, está insinuando o quê?

— Droga, Serena, estou falando claramente, não estou fazendo insinuações. Estou dizendo, com todas as letras, que você é uma

pessoa imaginativa e muito persuasiva.

- Está achando que fiquei maluca.
- Não estou, mas você está falando nisso com muita frequência.
- Claro, merda, nem você nem Espinosa acreditam em mim.
- Quem é Espinosa?
- O delegado Espinosa, ora!
- Não sabia que vocês já se tratavam pelo nome.
- Que importância tem isso?
- Não sei, quem pode responder é você.
- Não importa o que eu diga. Nem você nem ele acreditam.
- E em que nós não acreditamos?

Serena levantou-se da cadeira. A expressão do olhar estava alterada, assim como a boca, normalmente bonita e sensual, estava contraída.

- Vocês acham que eu sou uma mulher fútil e fantasiosa.
- O delegado disse isso de você?
- Não disse, mas é o que ele pensa.
- Por que você acha isso?
- Porra, mas que merda, você também pegou a mania de me interrogar?

Serena apagou a luz, saiu do quarto de vestir, entrou no quarto de dormir, saiu e foi para a sala. A mesa estava arrumada e a empregada aguardava a ordem para servir o jantar. Guilherme esperou a mulher encontrar o lugar onde queria ficar, sentou-se na poltrona ao lado, próximas o bastante para ele esticar o braço e tocar a mão na esposa. Serena encolheu o braço como se tivesse levado um choque.

- O que está acontecendo? — perguntou ele.
- Está acontecendo que me sinto como se estivesse ficando louca.
- Por que você diz isso?
- Porque eu mesma já não sei mais em que acreditar. De tanto vocês me fazerem perguntas, já não sei mais o que de fato aconteceu.
- Meu bem, seja o que for que tenha acontecido, não lhe diz respeito. Você não provocou nada, nem sequer conhecia a pessoa

que morreu. Você não é responsável por nada do que aconteceu naquele apartamento.

— O que aconteceu naquele apartamento, não...

— Por que, então...

— ... mas o delegado disse que a partir do meu relato eles mudaram a linha de investigação e estão procurando uma pessoa que pode ser a responsável pela morte da mulher.

— Muito bem, que procurem. Qual é o problema?

— O problema é que já não tenho certeza de nada.

— A respeito de quê, você não tem certeza?

— Só tenho certeza do baque horrendo da mulher caindo na calçada.

— Você não disse que viu a mulher discutindo com outra pessoa?

— Quando abri a janela, vi a mulher na sala do apartamento em frente; ela andava de um lado para o outro, falando, não podia estar falando sozinha.

— E a bolsa sendo atirada pela janela?

— Há muito tempo, me contaram a história de uma mulher que, ao se jogar do alto de um prédio, atirou antes a bolsa. Fiquei com aquilo na cabeça durante anos. Quando a mulher daqui de frente caiu, pensei ter visto a bolsa caindo. Agora, não sei mais se o que vi caindo foi a bolsa ou a própria mulher.

— Você contou isso para o delegado?

— Contar o quê? A história que me contaram? Nem sei se era verdadeira.

— Então...

— Então... não sei mais nada... estou muito confusa... não sei mais se as coisas de que me lembro aconteceram exatamente como eu contei.

— Lamento, meu bem, mas temos de comunicar isso ao delegado.

— Comunicar o quê? Que eu estou confusa? E você acha que ele também não está? O único que não está confuso é você.

— Você...

— Não precisa dizer nada. Quanto ao delegado, pode deixar, é assunto meu.

7

Não acendeu luz nenhuma e não tirou o paletó. Sentou na cadeira de balanço e deixou-se ficar no escuro. Os sons que escutava eram perfeitamente distintos dos que vinham da rua; de tempos em tempos ouvia uma espécie de ester-tor acompanhado de profundo silêncio. A geladeira. Permaneceu sentado tempo suficiente para suas pernas ficarem dormentes. Passava de meia-noite quando olhou o relógio. Devia estar na mesma posição havia quase três horas.

Por que alguém usaria um boné à noite? Para fazer um estilo. Muita gente usa. Podia ser também como disfarce. E o que se disfarça com um boné? A falta de cabelo. Um careca é facilmente reconhecido. Nesse caso, melhor do que um boné, seria uma peruca. Então, se alguém usa um boné à noite, é por estilo. Serena dissera, também, que o assassino parecia estar usando uma jaqueta. Jaqueta e boné fazem o estilo jovem. Dava para imaginar o assassino usando tênis, jeans, jaqueta e boné, como centenas de jovens que encontramos pelas ruas. A jaqueta combinava com o estilo, mas não com o clima. A própria Serena dissera que estava no seu quarto de vestir escolhendo um vestido bem decotado por causa do calor. Portanto, era uma noite quente. Por que alguém, numa noite quente, usaria jaqueta e boné, duas coisas que esquentam? Não seria por estilo. Melhor voltar à hipótese do disfarce. O que se disfarça com uma jaqueta e um boné?

Nos quatro dias seguintes, o que incluía o sábado e o domingo, Espinosa visitou as viúvas dos policiais assassinados. A tarde de domingo foi dedicada também a uma visita não oficial e não autorizada ao apartamento de Celeste. A pressa com que ela saía do apartamento, como se estivesse fugindo de alguém, fora a mesma nas duas vezes, e quem sai de forma tão apressada acaba deixando alguma coisa importante para trás.

E de fato deixara.

Os outros dois dias foram dedicados a consultas à companhia telefônica e às companhias seguradoras.

8

Os novos elementos obtidos a partir das consultas às companhias de seguro e à companhia telefônica conduziam o raciocínio de Espinosa no sentido de uma conclusão que ele se recusava a admitir, mas que se impunha com cada vez mais evidência. A confirmação dependia de mais uma consulta a Serena, que poderia ser feita assim que ele saísse do banho. Estava ainda se enxugando quando o telefone tocou.

— Delegado Espinosa?

— Sim.

— Detetive Everaldo, do plantão. Desculpe a hora, delegado.

— O que houve?

— Outra morte. Achei que devia avisar ao senhor porque é igual àquela do Leme.

— Igual, como?

— Outra moça que se jogou do alto do prédio.

— Quem comunicou? Qual prédio?

— Quem comunicou foi o sargento da patrulha que foi ao local. Parece que o prédio é o mesmo.

— Ele disse o nome da morta?

— Disse, delegado. É Serena Rodes.

Espinosa ficou momentaneamente desnorteadado. Com uma das mãos segurava o telefone, enquanto com a outra esfregava o cabelo com a toalha.

— Telefone para Ramiro, Welber e Artur. Diga para se encontrarem comigo no local da ocorrência.

A caminho do Leme, procurava se recuperar do impacto da notícia. Podia ser engano. Da mesma forma que tinham confundido Rosita com Celeste, podiam ter se enganado com Serena. Não acreditava que Serena pudesse ter se jogado pela janela. Chegou ao local em dez minutos. A área fora isolada e dois carros de patrulha, além da ambulância do corpo de bombeiros, estavam parados defronte ao prédio.

Era Serena. O corpo estava a menos de dois metros de onde caíra Rosita.

Espinosa falou com os policiais dos carros de patrulha e em seguida procurou o porteiro.

— Aconteceu antes das dez horas, delegado. Foi igual a outra, sem tirar nem pôr.

— Ela estava sozinha no apartamento?

— Acho que estava, delegado, mas não posso garantir. O que posso garantir é que não vi ninguém subir para o décimo.

— Ela gritou quando caiu?

— Não senhor.

— Algum morador falou alguma coisa?

— Não, senhor.

— Tem alguém no apartamento?

— Tem um guarda na porta.

Espinosa voltou a falar com os policiais da patrulha. A única coisa que tinham conseguido apurar era que a morta se chamava Serena Rodes e que morava no prédio em frente.

Duas mortes iguais. Só que dessa vez Serena não estava do outro lado olhando.

Welber e Artur chegaram quase ao mesmo tempo.

— Vamos subir — disse para eles.

O policial de guarda disse que não tinham encontrado a porta trancada, e que ninguém entrara no apartamento desde que ele estava ali.

— Antes de vocês chegarem, alguém entrou?

— Não sei, delegado.

O apartamento estava em ordem. Apenas a luz do abajur acesa. Sobre a mesa da sala havia uma embalagem de uísque, o papel fino que envolve a garrafa e pedaços do plástico que protege a rolha. A garrafa estava vazia sobre o sofá. Um pouco do líquido escorrera para a almofada. Nenhum copo à vista.

— Acho improvável que ela tenha bebido quase um litro de uísque pelo gargalo — disse Espinosa —, a menos que tenha sido forçada.

— O senhor acha que ela foi obrigada a beber?

— Nada em Serena apontava para esses dois gestos: a embriaguez e o suicídio. Pelo menos, nada recente.

Espinosa examinou detalhadamente a parede e o chão junto ao peitoril. O apartamento de Serena, no prédio fronteiro, estava com as luzes apagadas.

— Delegado, tem dois copos no corredor, junto com uma xícara de chá, um pires e um prato de sobremesa. Tudo seco.

— Por que uma pessoa sozinha precisaria usar dois copos? — perguntou Artur.

— Por preguiça — respondeu Espinosa, pensando nele mesmo — ou porque foram usados para bebidas distintas. O que não explicaria por que os copos teriam sido lavados. Outra possibilidade é que ela tenha bebido na companhia de alguém. Mas ninguém lava os copos antes de se jogar pela janela.

— Podem ter sido lavados pela outra pessoa — disse Artur.

— Pedi para chamarem o Freire. Procurem saber se ele está a caminho. Tentem localizar a empregada dela. Falem com o porteiro do prédio em frente.

Ramiro chegou no momento em que o delegado tentava saber onde se encontrava Guilherme Rodes.

Enquanto aguardava a chegada do perito, Espinosa falou pelo telefone com o legista de plantão, comunicando que a morta era mulher de um importante membro do primeiro escalão do governo federal; isso daria mais agilidade à remoção do corpo. Espinosa queria que a autópsia fosse feita ainda naquela noite.

Freire chegou em roupas de festa.

— Tiramos você de alguma comemoração?

— Aniversário.

— Seu aniversário?

— Sogro.

O delegado fez um relato do que tinham apurado.

— Vi o corpo antes de subir. Peguei as impressões dela — disse Freire, mostrando duas tiras de fita adesiva transparentes.

A hora seguinte foi toda do perito. Espinosa desceu para estar presente na hora da remoção do corpo e para avisar que iria em seguida para o IML para acompanhar a autópsia. Welber e Artur localizaram a empregada de Serena: estava em estado de choque e não conseguia dizer nada que fizesse sentido, mas conseguiram que ela mostrasse um papel com o telefone do patrão em Brasília. Quando Freire terminou a perícia, Espinosa tinha acabado de falar com Guilherme Rodes.

— Nenhuma impressão nos copos — disse Freire. — Na garrafa, só encontrei impressões da morta.

— A garrafa foi retirada da embalagem aqui mesmo. Se ela estivesse sozinha, não encontraríamos mesmo nenhuma outra impressão — respondeu Espinosa.

— Achei um pouco mais espalhada que o normal.

— Espalhada?

— Como se tivessem comprimido o dedo dela contra a garrafa, igual a como tiram as impressões digitais de alguém. Pode acontecer. O que me chamou a atenção é que tem poucas impressões. Uma pessoa que bebe um litro de uísque, pega a garrafa várias vezes, deixa várias impressões. Encontrei apenas duas impressões do polegar e duas dos dedos indicador, médio e anelar. Nenhuma impressão do dedo mínimo, o que é difícil não deixar quando se segura uma garrafa cheia. Vou analisar o resto do material que recolhi. Falo com você amanhã.

Antes de sair para o IML, o delegado chamou Ramiro, Welber e Artur.

— Localizem Celeste o mais rapidamente possível. Quero os três concentrados nisso, o tempo todo.

O responsável pela necropsia foi o legista de plantão, com quem Espinosa se encontrou minutos antes de ele iniciar seu trabalho. Já se conheciam havia alguns anos, o que dispensava apresentações e formalidades.

— Boa noite, doutor. Posso lhe fazer companhia?

— Claro, delegado. Quem é a morta?

— Mulher de uma figura importante do governo.

— Algum interesse especial? Falaram em suicídio.

— Considero a morte dela suspeita, doutor.

— Vamos ver, então, o que encontramos.

O corpo chegara havia pouco tempo e fora posto diretamente sobre a mesa de autópsia. O médico vestiu o avental, calçou as luvas, e somente então retirou o lençol que cobria o cadáver. À visão do corpo ferido e sem vida, Espinosa fechou os olhos e ficou alguns segundos com a lembrança de Serena deixando o vestido deslizar pelo corpo, vivo e lindo, em toda a sua nudez. Abriu os olhos e se concentrou no exame. Antes de pegar os instrumentos cirúrgicos, o legista procedeu a um meticuloso exame visual do corpo, dando especial atenção às unhas das mãos e a possíveis ferimentos anteriores aos provocados pela queda.

Menos de uma hora depois, o delegado se despedia do médico sem ter eliminado sua suspeita. Além do fato de Serena ter ingerido grande quantidade de álcool, o delegado ficou sabendo também que ela não jantara. Se o uísque fora tomado voluntariamente ou enfiado à força garganta abaixo, o médico não podia esclarecer. O que ele podia garantir é que, ao cair, ela estava viva. Provavelmente, embriagada.

— O senhor acha possível uma pessoa com esse grau de embriaguez subir no peitoril da janela e pular?

— Acho que sim. Depende da resistência da pessoa ao álcool. A embriaguez pode também ter provocado enjoo e ela ter se debruçado na janela para vomitar.

— O peitoril é ligeiramente mais baixo que o normal — acrescentou Espinosa.

— Ela pode ter ficado tonta e perdido o equilíbrio. Pode até mesmo ter desmaiado ao se debruçar... Isso, se o senhor afastar a

hipótese de suicídio.

— Obrigado, doutor.

A rua Mem de Sá estava deserta. Dava para ver, ao longe, os arcos da Lapa. Espinosa ficou algum tempo em pé, diante do carro estacionado, tentando conciliar os dois corpos de Serena: o que ele conhecera vivo e o que acabara de ver retalhado na mesa de autópsia.

9

Dois dias depois, ao voltar para casa à noite, Espinosa encontrou um cartão-postal. Uma vista aérea do Rio de Janeiro, com o carimbo do posto de correio do próprio aeroporto. O cartão confirmava o que nos últimos dias já se estabelecera como certeza íntima.

*Espinosa querido,
gostaria que você estivesse aqui comigo. É uma pena estarmos em lados opostos. Não precisa mais se dar ao trabalho de me proteger... Nem de me procurar.*

*Beijos.
Celeste*

10

O voo das quatro horas da ponte aérea para São Paulo estava com apenas dois terços das poltronas ocupadas, o que permitia conforto extra a cada passageiro. Espinosa preferia a poltrona do corredor, não gostava de ficar encurralado junto à janela, além de achar que havia pouco a ser visto de uma altura de oito mil metros. Irene ficara realmente surpresa ao ser acordada com o telefonema e o convite para jantarem juntos naquela noite.

— Alguma coisa séria?

— Nada com que você deva se preocupar.

— Querido, você me telefonar do Rio de Janeiro, a essa hora da manhã, me convidando para jantar hoje à noite aqui em São Paulo, é para eu me preocupar.

— Mas não há motivo para preocupação, só quero estar com você... quero saber sua opinião a respeito de algumas ideias minhas.

— Essas ideias têm a ver com a moça dos vestidos?

— Isso mesmo.

— Conheço um restaurante simpático, não badalado, onde podemos começar nossa conversa. Espero você no hotel.

Na delegacia, Espinosa disse que precisava ir a São Paulo verificar umas informações que obtivera das seguradoras e dos revendedores de automóveis. Ninguém estranhou. Mesmo porque achavam que ele já estava estranho havia vários dias. E agora, com a poltrona do avião reclinada e os olhos fechados, ele pensava em Irene.

O trajeto do aeroporto até o hotel, de táxi, foi feito no dobro do tempo da viagem de avião do Rio a São Paulo. Estava de fato em São Paulo... Na portaria havia um recado de Irene avisando que estaria no hotel antes das seis e meia da tarde.

Às seis e vinte ela entrava no saguão, linda como se tivesse passado a tarde se arrumando para o encontro.

— Ainda é cedo para sairmos para jantar — disse ele —, podemos deixar nossas coisas no quarto e fazer um pouco de hora.

— Em vez de fazer hora, eu preferia fazer outra coisa.

— Eu estava pensando nisso. O que você prefere? Conversar, jantar e amar, nessa ordem ou na ordem inversa?

— Hum...

— Pode ser também amar, conversar, jantar e amar. Essa ordem é boa porque não tem erro.

— Gostei dessa.

Como a primeira etapa se prolongou por mais de duas horas, decidiram unir numa só as duas seguintes, conversar-jantar. Para a última, teriam a noite toda.

O restaurante escolhido por Irene era realmente simpático, sem a badalação de certos restaurantes da moda, e ficava a poucas quadras do hotel. Foram a pé, de mãos dadas, como dois namorados. Que de fato eram.

Foi ela quem entrou no assunto.

— O que está te atormentando?

— A possibilidade de estar cometendo uma enorme injustiça... por um lado... e, por outro lado, a possibilidade de estar deixando escapar um assassino.

— Que tal se você me contar?

Ainda não tinham feito os pedidos. Tomavam vinho e beliscavam o pão italiano.

— O que vou dizer não pode ser dito oficialmente. Você é a única pessoa com quem me sinto à vontade para expor minhas extravagâncias imaginárias.

Irene ficou em silêncio, concentrando de tal modo sua escuta que o próprio restaurante parecia ter silenciado para conferir à fala de Espinosa a sonoridade límpida de um confessionário.

— Acho que já tenho o nome do assassino. Estava o tempo todo tão próximo que não conseguíamos enxergar. Mas há três semanas, através do relato de uma das testemunhas, um pequeno detalhe começou a ganhar forma e crescer em importância, a ponto de me fazer invadir o apartamento de uma das pessoas implicadas, sem mandado e sem autorização de ninguém. Com o que encontrei e com o que pude obter em consultas às companhias de seguro e à companhia telefônica, aquilo que de início era uma interrogação foi se transformando em certeza. Ontem, recebi um cartão-postal que parece confirmar essa certeza. Tínhamos metido na cabeça, desde o começo, que o assassino devia ser alguém de fora, um matador profissional de competência comprovada, mas desconhecido no Rio de Janeiro. Procuramos durante mais de dois meses uma espécie de alienígena, inteligente e competente, responsável por aquelas mortes. Não passou pela cabeça de ninguém, em nenhum momento, que o assassino não fosse um homem.

— E é uma mulher?

— Ninguém pensou nisso antes, nem as vítimas, por isso elas foram mortas tão facilmente. Cada um deles foi morto por alguém capaz de se aproximar sem despertar suspeitas, alguém que gozava de sua confiança, tanto dos tiras como das mulheres, alguém que conhecia os hábitos de todos, alguém que tocava uma campainha ou abria uma porta e era recebido por uma vítima desarmada; alguém que, mesmo numa praça pública, não despertaria suspeitas nem da vítima nem dos frequentadores locais... uma mulher. Bastante inteligente e competente. Uma mulher como Celeste.

— A mulher a quem emprestei as roupas?!

— Ela mesma.

— E os ataques de que ela foi vítima? Não era a ela que você estava escondendo e protegendo?

— Nunca houve nada contra ela, nunca ninguém invadiu o apartamento dela, a não ser eu, neste fim de semana. Nunca ninguém tentou matá-la. Isso foi o que ela nos disse, mas não o que foi constatado por nós. Eu a estava protegendo de nós mesmos.

— E o tal matador de quem você falava?

— Nunca existiu.

— Mas e...

— Vou resumir a história para você. Nada é definitivo, muitos pontos precisam ser esclarecidos e as lacunas da história, que são muitas, foram preenchidas pela minha imaginação, o que torna este relato uma obra de ficção. Minha esperança é que algum dia essa ficção possa ser substituída pela versão verdadeira. É o seguinte: Ramos, Silveira e Nestor, os três policiais assassinados, não eram pessoas especialmente inteligentes. Nunca se destacaram como investigadores e foram medíocres em funções administrativas. Também não eram honestos. Os três trabalharam juntos, tempos atrás, na delegacia de roubos e furtos, e descobriram que havia uma forma fácil de ganhar dinheiro com carros roubados. No começo a coisa não passava de uma atividade isolada dos três, não havendo da parte deles intenção de ampliar os negócios. Na época Celeste já era amante de Nestor e participava das reuniões do grupo. Percebeu rapidamente que o negócio dos detetives poderia ser muito mais rentável do que já era. Mais inteligente e mais culta, falando um pouco de espanhol e de inglês, o que facilitava o contato com os negociantes estrangeiros, elaborou um plano mais amplo e muito mais sofisticado que o esquema modesto dos três e propôs colocarem em prática durante alguns meses, a título de experiência. Se passado esse tempo eles estivessem satisfeitos com o resultado, bastaria continuar com o plano e ir aperfeiçoando. Os três aceitaram. Não tinham nada a perder. Em pouco tempo, o plano se mostrou excelente, muito superior ao deles, e os três decidiram aceitar as alterações propostas por ela e aplicá-lo em toda a sua extensão. Pelo que pude apurar junto às companhias de seguro e aos revendedores, o plano incluía roubo de automóveis por jovens de classe média e “recuperação” por parte da polícia, isto é, por eles três, e negociação com os proprietários e seguradoras; incluía também roubo de automóveis importados para revenda em cidades do interior e no Paraguai; e incluía ainda roubo de automóveis de luxo, importados e nacionais, para desmanche e revenda de peças. O negócio contava com o apoio de policiais das DPs e das delegacias especializadas. Celeste reorganizou e ampliou o esquema de suborno já existente, aumentando substancialmente o valor da

propina. O empreendimento passou a funcionar a todo vapor, muito bem azeitado e com toda a segurança. A base das operações era uma oficina na zona oeste da cidade. Ganharam muito dinheiro. Muito mais do que imaginavam. E o negócio era extremamente seguro, além de não envolver mortes nem violência física contra terceiros. Havia ainda um detalhe importante: apesar de ganharem muito dinheiro, o plano de Celeste determinava que apenas uma pequena parte do que ganhavam fosse utilizado na aquisição de bens materiais, e mesmo assim, nunca a ponto de chamar atenção; a parte maior era convertida em dólar e depositada numa conta no exterior. A combinação era que não mexeriam nesse dinheiro acumulado senão depois de passados alguns anos, quando então a quantia depositada seria dividida em partes iguais. Minha opinião é que quando o prazo estava para terminar, Celeste resolveu ficar com todo o dinheiro. Como estratégia de sobrevivência, fez uma lista de todos os que recebiam propina, o que incluía de detetives a delegados, além de políticos locais, e depositou cópias dessa lista, com os nomes dos destinatários, numa caixa de banco. Contratou uma firma de advogados que ficou com uma carta contendo instruções e uma procuração para retirar as listas e enviá-las para os destinatários caso ela fosse assassinada.

— E o que ela fez para ficar sozinha com o dinheiro?

— A única coisa que tornaria isso possível.

— Matou os outros?

— É o que eu acho.

— A tiro?

— É um modo limpo de matar. Pode ser silencioso e executado sem contato físico.

— E a morte da amiga dela? Ela não foi jogada do décimo andar?

— Pensávamos que o matador tivesse cometido um engano de pessoa. Não conhecendo Celeste e tendo apenas uma descrição dela, descrição que cabia nas duas, confundiu uma com a outra e matou a mulher errada. Mas isso era o que pensávamos quando ainda admitíamos a existência de um matador profissional. Hoje, estou inclinado a admitir que quem atirou Rosita pela janela foi a

própria Celeste. O que a transformou na próxima vítima. Excelente álibi.

— Espinosa, como uma mulher que tem o mesmo manequim que eu pode jogar uma outra pela janela?

— Jogando primeiro a bolsa.

— Como?!

— Elas discutiam na sala. Isso foi testemunhado. Por alguma razão, Celeste atira a bolsa da amiga pela janela. Quando a amiga, espantada com o gesto, corre para ver onde a bolsa caiu, Celeste se aproxima por trás e a levanta pelas pernas; a amiga fica como uma gangorra sobre o peitoril baixo, e...

— Isso é diabólico!

— Não acredito que tenha sido planejado. O diabólico foi ela saber se aproveitar da situação no momento certo.

— Até poucos dias atrás você achava que ela seria a próxima vítima. O que fez você mudar de ideia?

— O boné.

— O boné?

— O boné que encontrei no apartamento dela.

— Que história é essa de boné?

— Uma testemunha que presenciou a discussão, moradora do prédio em frente, e que viu a bolsa voar pela janela, disse que a pessoa com quem Rosita discutia usava boné e jaqueta. Por que motivo, num dia quente de verão, alguém usa boné e jaqueta? Só pode ser para se disfarçar. O boné para disfarçar o cabelo e a jaqueta para ocultar os seios. Celeste tem a altura de um homem de porte médio. Encontrei um boné e três jaquetas diferentes no guarda-roupa dela. Além disso, lembrei que uma das pessoas entrevistadas por ocasião do primeiro assassinato declarou que o enfermeiro (ou enfermeira) que subira no elevador com o velho da cadeira de rodas usava boné...

— E daí? Eu também tenho jaquetas e já tive mais de um boné.

— Mas nunca me mandou um cartão-postal de um avião a caminho do estrangeiro, lamentando estarmos em lados opostos.

— Quer dizer que além de ela usar minhas roupas, usou meu namorado?

— Só as suas roupas. Seu namorado foi de fato usado, mas de maneira diferente da que você está pensando.

— Sei disso. Você não vai prendê-la?

— Sob que acusação?

— Assassinato. Não matou seis pessoas?

— Talvez sete. A testemunha moradora do prédio em frente morreu em circunstâncias que provavelmente nunca serão inteiramente esclarecidas. Mas, veja bem, essa foi a história que contei para você. Ela é em grande parte feita de suposições; uma pequena parte é fruto de dedução, mas não disponho de provas quanto ao ponto de partida dessas deduções; tem ainda uma boa parte que é feita da fantasia com a qual preenchi as lacunas, talvez a maior parte.

— E então?!

— Então, por enquanto é apenas uma história.

— Você não vai fazer nada?

— A essa hora ela deve estar a muitos quilômetros daqui, em um país estrangeiro. Aposto num país do Caribe, onde há bons paraísos fiscais. Na minha opinião, todo o tempo em que ela dizia estar se escondendo do assassino, estava acertando os detalhes de uma fuga que vinha preparando havia muito tempo.

— Ela me mandou as roupas.

— Imaginei que fizesse isso.

— Com um cartão de agradecimento.

— Ela não tem as características do criminoso comum. O crime, para ela, é um procedimento lógico, e não ético.

— Para mim, ela é apenas um manequim quarenta e dois... sem rosto.

— Ela tem um rosto bonito.

— Vocês todos, inclusive as vítimas, foram seduzidos. Você acha que ela vai escapar ilesa de seis assassinatos?

— Acho que não. Ela é muito inteligente, mas tem uma autoconfiança ilimitada. Com o passar do tempo, vai se sentir tão segura que vai relaxar e arriscar uma vinda ao Brasil. Até lá, espero ter coletado todas as provas. E vou estar à espera.

— É uma história terrível. Como é possível uma pessoa sem passado criminal matar friamente o amante, dois amigos e três amigas, seis pessoas, ou sete, como você disse, passando a todos a impressão de uma pobre moça desprotegida, ameaçada por um assassino feroz?

— Não sabemos ainda se ela não tem passado criminal. Pode estar usando um nome falso.

— Você tem certeza íntima quanto a tudo isso que me contou? Inclusive quanto às conclusões?

— É exatamente o que tenho: certeza íntima. Por isso estou conversando com você. Toda certeza, como você disse, é íntima, subjetiva. Certeza não é verdade.

— O que é necessário para se passar da certeza à verdade?

— Fatos.

— E os assassinatos não são fatos?

— São os únicos fatos em toda essa história que acabo de contar.

— O que você pensa fazer?

— Pedir o jantar.

Copyright © 2001 by Luiz Alfredo Garcia-Roza

Grafia atualizada segundo o Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Projeto gráfico de capa:
João Baptista da Costa Aguiar

Foto da capa:
Bel Pedrosa

Mapa:
Rodrigo Andrade

Revisão:
Ana Maria Barbosa
Maysa Monção

Atualização ortográfica:
Página Viva

*Os personagens e situações desta obra são reais
apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas
e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.*

ISBN 978-85-8086-412-0

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br